

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**AMBIGUIDADES DO CARNAVAL DE BARBACENA:  
INVERSÃO E/OU REPRODUÇÃO DE PAPÉIS SOCIAIS**

**Angelo José Sátyro de Souza**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre.

**Orientadora:**

Profa. Dra. Juliana Braz Dias

**Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Renata de Sá Gonçalves (PPGAS-UFF)

Prof. Dr. Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos (PPGAS-UnB)

Prof. Dr. João Miguel Manzanillo Sautchuck (PPGAS-UnB)

Brasília, DF, Dezembro de 2024

## Integração Nacional

Gira Mundo, torna a girar  
Porque o Brasil não pode parar.  
Brasil, Brasil, Brasil,  
Você é demais querido.  
Brasil, Brasil, Brasil,  
Você não é o gigante adormecido.  
Transamazônica, Mobral e Comunicação.  
200 milhas, isso é futuro consagrado  
De uma nobre nação.  
Isso é futuro consagrado  
De uma nobre nação.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Samba enredo campeão da Escola de Samba “A Voz do Povo” no Carnaval de 1972. Autor: Omar Vicente de Souza.



## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a todos os meus professores de mestrado. Através de suas disciplinas, eu pude captar um pouco de cada um e assim construir e desenvolver minha proposta de trabalho. Agradeço ao prof. Luis Abraham Cayon, que me auxiliou a fundamentar o próprio carnaval como um processo ritual. Ao prof. Luís Roberto Cardoso de Oliveira, através do qual tive acesso às teorias sobre reconhecimento, visibilidade, direito e privilégio. À profa. Carla Costa Teixeira, que, através da sua disciplina, me deu acesso a estudos envolvendo o tema do poder social e do poder político. Ao prof. Daniel Schroeter Simião, que me acendeu a luz sobre a importância de minha família na construção do carnaval barbacenense. Agradeço ao prof. Luiz Eduardo de Lacerda Abreu, que me orientou em minhas primeiras palavras deste trabalho e que, em sua disciplina, na qual eu fui seu estagiário, me deu acesso aos trabalhos de Mauss sobre competição e rivalidade. À profa. Soraya Resende Fleischer, em cuja disciplina eu apresentei a minha proposta de estudo e pude incluir autoras que trabalham com a decolonialidade.

Estendo meus agradecimentos à secretária do Departamento de Antropologia por seus serviços. Aos funcionários da limpeza do Instituto de Ciências Sociais e ao meu amigo Luis, que muitas vezes parava para me ouvir.

Por fim, agradeço enormemente à profa. Renata de Sá Gonçalves (PPGAS-UFF) e aos profs. Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos (PPGAS-UnB) e João Miguel Manzollillo Sautchuck (PPGAS-UnB), por participarem como membros da banca examinadora. E, em especial, à profa. Juliana Braz Dias (PPGAS-UnB), por sua orientação neste meu trabalho de pesquisa.

## **DEDICATÓRIA**

Quero dedicar este meu trabalho de mestrado aos meus antepassados maternos, nas figuras de meus avós Manoel Sátyro e Maria Ferreira Sátyro, e paternos, nas figuras de Joaquim Isidoro de Souza e Alexina Francisca de Souza. À minha mãe Nelly Margarida Sátyro de Souza, ao meu pai Omar Vicente de Souza e à minha tia materna Imaculada Sátyro, minha segunda mãe.

## RESUMO

O título “Ambiguidades do Carnaval de Barbacena: Inversão e/ou Reprodução de Papéis Sociais” refere-se a uma ambiguidade no próprio pensamento sobre a festa de carnaval. De um lado, existem autores que vêem o carnaval como uma festa popular onde tudo é permitido, havendo inclusive uma inversão de papéis sociais. De outro lado, certos autores vêem o carnaval como um momento em que as diferenças sociais presentes no cotidiano são reafirmadas. Assim, partindo destas duas linhas de pensamento, o meu objetivo foi estudar o fenômeno do carnaval de Barbacena ao longo de 126 anos, de 1898 a 2024, tendo como foco de análise as diferenças sociais baseadas em classe e raça produzidas ou reproduzidas na festa carnavalesca. Para tanto, eu analisei os diversos fenômenos ou eventos carnavalescos realizados em Barbacena ao longo deste período, começando pelo Entrudo, no final do século XIX, passando pelo Corso, Zé Pereira e Bailes da primeira metade do século XX, pelos Ranchos, Escolas de Samba e Clubes da segunda metade do século XX e pelos Bailes Populares iniciados no último quartel do século XX e que se prolongam até os dias de hoje.

Palavras-chave:

1. Ritual
2. Rivalidade
3. Competição
4. Visibilidade
5. Privilégio

## ABSTRACT

The title “Ambiguities of Barbacena Carnival: Inversion and/or Reproduction of Social Roles” refers to an ambiguity in the very thinking about the carnival festivities. On the one hand, there are authors who see carnival as a popular festival where everything is allowed, including an inversion of social roles. On the other hand, certain authors see carnival as a moment when social differences that are present in the everyday life are reaffirmed. Thus, based on these two lines of thought, my objective was to study the phenomenon of Barbacena carnival over 126 years, from 1898 to 2024, focusing on the social differences based on class and race produced or reproduced in the carnival festivities. To this end, I analyzed the various carnival phenomena or events held in Barbacena throughout this period, starting with Entrudo, at the end of the 19th century, going through the Corso, Zé Pereira and Bailes of the first half of the 20th century, the Ranchos, Samba Schools and Clubs of the second half of the 20th century and the Bailes Populares that began in the last quarter of the 20th century and continue to this day.

Key words:

1. Ritual
2. Rivalry
3. Competition
4. Visibility
5. Privilege

Título		
<b>Ambiguidades do Carnaval de Barbacena: Inversão e/ou Reprodução de Papéis Sociais.</b>		
<b>SUMÁRIO</b>		Pág
<b>INTRODUÇÃO</b>		<b>8</b>
	I.1. Educação Vem do Berço .....	10
	I.2. Carnaval Como Interesse Acadêmico .....	12
	I.3. Sobre o Campo em Barbacena .....	17
	I.4. Carnaval, Tempo e Espaço.....	20
	I.5. Para Quem Eu Escrevo .....	21
	I.6. História e Localização de Barbacena .....	25
	I.7. Sobre os Capítulos .....	28
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>O Rito no Tempo – Registro em Jornais.....</b>	<b>30</b>
1.1	Entrudo, Embaixada de Momo e Corso .....	34
1.2	Zé Pereira, Baile Social e Rancho .....	45
1.3	Escolas de Samba, Clubes Sociais, Bailes Populares e Ocupação do Espaço.....	57
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>O Rito no Tempo – Memórias .....</b>	<b>84</b>
2.1.	Pequeno Histórico Sobre as Escolas de Samba em Barbacena.....	85
2.2.	Classe Social e Raça – Sobre as Escolas de Samba.....	90
2.3.	Classe Social e Raça – Sobre os Clubes.....	98
2.4.	Extraordinariedade do Trato .....	101
2.5.	Por Que as Escolas e os Desfiles de Escolas de Samba Acabaram? .....	<b>106</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>O Tempo do Rito – Etnografia do Carnaval, 2024 .....</b>	<b>112</b>
3.1	Pré-Carnaval.....	116
3.1.1	Bairro São Pedro – Especial Roda de Samba .....	116
3.1.2	Bairro Vilela – Bloco do Zé .....	117
3.2	Abertura do Carnaval .....	119
3.2.1	Bloco do Pijama .....	119
3.2.2	Batalha de Confete .....	125
3.3	Os Desfiles de Blocos e Escola de Samba .....	128
3.3.1	Bloco Recordar é Viver .....	129
3.3.2	Escola de Samba Unidos do Vila .....	135
3.3.3	Bloco do Chouriço .....	139
3.3.4	Batucadão Axé Nagô .....	142
<b>CONCLUSÃO</b>	.....	<b>151</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	.....	<b>153</b>

## INTRODUÇÃO

"Festa de negros! Festa de bárbaros!"

Pereira de Queiroz (1999)

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz (1999:29), a epígrafe acima se refere a um pensamento que atribui uma origem africana às comemorações carnavalescas nacionais e surge de preconceitos cultural, social e racial, encontrados não apenas entre pessoas de pele clara, mas também entre descendentes de africanos. Para estas pessoas, tais comemorações não seriam encontradas entre as populações instruídas, refinadas e civilizadas da elegante Europa e, por isso, muitas delas, com o discurso de nossa civilidade, desejam excluí-las dos conjuntos de festas anuais brasileiras. Tal pensamento, destaca Pereira de Queiroz, demonstra, no entanto, a falta de conhecimento real sobre o carnaval no plano do vivido, ou seja, do que realmente acontece.

Apesar de não haver unanimidade quanto à origem do Carnaval, a tese mais apontada (RIOTUR<sup>2</sup>, Memórias do Carnaval:1991) é que o carnaval<sup>3</sup> remonta a épocas muito antigas, quando pessoas saíam das cavernas para comemorar o fim do inverno e o início da primavera, época de plantio e colheita, portanto uma festa/ritual ligada à natureza, à alimentação e à produção de alimentos, e que perpassa a época dos egípcios nas comemorações à deusa Ísis, deusa da maternidade e da fertilidade (4.000 a.C. em 18 de julho) e ao touro e divindade egípcia Ápis<sup>4</sup>, deus da fecundidade e renascimento, aos bacanais/dionisíacas relacionados à Baco, divindade romana, e Dionísio, divindade grega, divindades do êxtase e do entusiasmo. Passa também pelas saturnais (217 a.C. em 17 de dezembro), em honra a Saturno, deus da agricultura romana, e as lupercais (15 de fevereiro), em honra a Pã, patrono dos pastores na antiga Grécia. Nas festas lupercais, bacanais e saturnais greco-romanas, aconteceria uma inversão de valores, de modo que os escravos podiam mandar em seus senhores e muitos recebiam a sua liberdade (RIOTUR:1991).

---

<sup>2</sup> Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Gostaria de destacar que não há consenso sobre o uso de letra minúscula ou maiúscula na escrita da palavra "carnaval". Às vezes, a palavra carnaval pode ser escrita com inicial maiúscula, sobretudo em algum contexto mais específico, como para nomear o carnaval de Barbacena. Em contexto mais genérico, será escrito em minúsculo.

<sup>4</sup> Divindade animal egípcia associada ao deus-sol, e que intermedia a relação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

Segundo a RIOTUR (1991), os deuses Como e Momo faziam parte de um sub-panteão de deuses greco-romanos encarregados de ativar seus sacerdotes e sacerdotisas nas referidas festas. Assim, Como e Momo promoviam aspectos diferentes das mesmas festas. Enquanto Como protegia e incentivava as manifestações da matéria e da carne, tendo suas origens nas festas baco-dionisíacas e desaguando no entrudo do carnaval português, considerado brutal e maligno, Momo por sua vez era o incentivador da alegria habilidosa e do riso, que se refinou nos bailes de máscaras dos salões da nobreza europeia da idade média, em especial França e Veneza. Francisco Duarte (RIOTUR,1991:20) considera que o carnaval carioca e brasileiro tenha herdado a faceta libertina e sensual de Como, bem como a graça do riso de Momo.

Durante o domínio católico na Península Ibérica, o carnaval irá perder seu significado original. Não se festejará mais o carnaval baseado na natureza e no clima, na passagem do inverno à primavera, ou associado a ritos de fertilidade, obedecendo a um calendário de festas a deuses pagãos, mas seguirá, a partir de então, um calendário cristão baseado em santos católicos. Isso porque no dia 24 de fevereiro de 1582, o papa Gregório XIII edita a bula inter gravíssimas, com o objetivo de substituir o calendário Juliano, usado desde o ano 46 a.C., e implantar um novo calendário no ocidente, o calendário gregoriano, calendário que é hoje usado praticamente no mundo todo, inclusive na China. Neste sentido, com a mudança do calendário, Baroja (1989) considera o carnaval atual como uma festa regida pelo tempo da cosmovisão cristã, onde

à alegria familiar do natal sucede a libertação do carnaval, e a este a tristeza obrigatória da semana santa e a esta a repressão da quaresma, a festa dos defuntos, período de tristeza (BAROJA,1989:19).

Assim, no calendário gregoriano ficou determinado que o carnaval deveria começar sempre no Domingo da Quinquagésima (dos gordos e alegres deuses Dionísio, Bacon e Momo), onde a quarta-feira de cinzas significaria o começo da quaresma, tempo de abstenção. Segundo o calendário gregoriano, o carnaval deve ocorrer sempre sete domingos antes do Domingo de Páscoa, e como o Domingo de Páscoa sempre cai entre 22 de março e 25 de abril, o carnaval vai variar entre fevereiro e março.

Segundo Queiroz (1999), tomando o Rio de Janeiro como base, em termos lineares, o carnaval teria chegado ao Brasil com o Entrudo português e passado por mais

três etapas ou momentos até os dias de hoje: o Grande Carnaval composto pelo corso e bailes de máscaras em salões de clubes carnavalescos; o Pequeno Carnaval, composto pelos blocos, ranchos e cordões organizados pelas camadas mais pobres; e o Carnaval Popular, com as escolas de samba, onde ricos e pobres, pretos e brancos se misturam na organização do evento.

Diante de tais exposições mitológicas e históricas sobre o carnaval, o meu interesse sobre o carnaval e em especial o de Barbacena decorre de duas circunstâncias, uma familiar e outra acadêmica, expostas nos itens seguintes.

### **I. 1. Educação vem do berço<sup>5</sup>**

Sendo natural de Barbacena, desde criança, já com meus 5 ou 6 anos de idade, e durante toda a minha vida, eu sempre ouvia minha avó materna (nascida em 1905 e falecida em 1994) dizer que “quem criou o Bloco União das Cores foi o teu avô, meus netos”.

Como ela nos contava, meu avô Manoel Sátyro era 17 anos mais velho que ela, o que aponta para o ano de 1888, ano da abolição da escravatura, a possível data de seu nascimento. Passadas algumas décadas, ou muitos anos depois, no ano de 2001, ano seguinte à minha formação em Bacharelado em Antropologia pelo DAn-UnB, tive um projeto aprovado pela lei Rouanet junto ao Ministério da Cultura para escrever sobre o carnaval de Barbacena, tendo como título: “Carnaval de Barbacena. Resgate de uma Memória Foliã”. Infelizmente, não consegui patrocínio ou verba para a sua execução, pois a Lei Rouanet não garante e nem oferece verba, ou ajuda financeira ao selecionado.

No entanto, mesmo sem apoio, prossegui com o projeto no que tange à coleta de registros publicados sobre o carnaval de Barbacena. Desta minha pesquisa em 2001, tive a oportunidade de conhecer a redação do Jornal Cidade de Barbacena (JCB), onde me deparei com uma série de reportagens sobre o Carnaval da cidade desde o ano de 1898, data de sua fundação, até o ano de 1993, data de seu fechamento.

E nesta minha pesquisa na redação do Jornal Cidade de Barbacena, uma reportagem de 1929 me ofereceu uma surpresa incrível que me pôs extremamente feliz. Esta reportagem vinha a confirmar as palavras de minha avó sobre o meu avô, seu marido, e sua relação com a criação do Bloco União das Cores. Segundo o Jornal

---

<sup>5</sup> Esta frase se relaciona ao dito popular que “somos o que aprendemos com nossos pais, avós, tios e tias, com nossa família”, que é considerada a primeira experiência social de qualquer ser humano.



Cidade de Barbacena, Manoel Sátyro, meu avô-materno, não só é considerado o fundador do então Bloco Rancho União das Cores, mas também considerado o fundador dos blocos rancho em Barbacena.

E se meu avô materno criou e fundou um bloco rancho em 1929, meu pai Omar Vicente de Souza, esposo de minha mãe Nelly Margarida Sátyro de Souza, por sua vez junto com meu tio-avô materno José de Souza Ferreira, conhecido como Zé Barbacena, e outros amigos, criaram e fundaram em 18 de fevereiro de 1970 a Escola de Samba “A Voz do Povo”. Sendo meu pai, Omar Vicente de Souza, seu primeiro compositor e campeão de vários sambas enredos nesta escola, e meu tio-avô materno José de Souza Ferreira seu primeiro presidente.

Esta relação de berço não fica somente associada a meus familiares, mas também ao meio, ao bairro onde eu vivia, se estendendo ao social e ao cultural. Quando ainda menor, com meus 9, 10, 11 anos de idade, eu, meu irmão e vários amiguinhos fazíamos baterias mirim e percorríamos o bairro Alto da Fábrica todo e – pasmem – havia outras crianças da mesma idade ou maiores que nós que nos seguiam. Meu pai, como trabalhava em uma indústria têxtil, arranjava para nós caixas que guardavam algodão e nós as transformávamos em surdos. A gente ia à sede da Escola de Samba Acadêmicos da Tijuca, pois morávamos no mesmo bairro desta escola de samba, pegávamos retalhos de couro e, utilizando lata de tomate, marmelada ou goiabada, fazíamos vários instrumentos.

Por ter nascido em Barbacena, e por ter vivido no bairro Alto da Fábrica também conhecido como bairro São José, sempre tive, como muitos do bairro, uma forte ligação com a escola de samba Acadêmicos da Tijuca, pela qual desfilei até mesmo vestido de índio quando criança. E me lembro que aqueles que saíam nas alas de passista sambando ficavam “tirando onda comigo” dizendo que eu saía na ala de índio porque não sabia sambar. Tive que aprender a sambar. E, diga-se de passagem, sambo muito bem. Desfilei para várias na Tijuca, mas como não poderia deixar de ser, também desfilei na escola de samba “A Voz de Povo” criada por meu pai Omar e por meu tio-avô Zé Barbacena em uma ala denominada “Black Power” formada por mim, meu irmão Fernando Sátyro e pelos amigos Chico, Rosenil e Juca. Infelizmente este momento só vai ficar na memória, pois não há áudio, vídeo ou foto registrando este momento.

## **I.2. Carnaval como interesse acadêmico**

Não sei se sangue influencia, mas como antropólogo sei que cultura, contato e convivência, sim, influenciam. Desta forma, creio que é pela cultura, contato e convivência familiares, a origem primeira do meu interesse pelo carnaval e em especial pelos blocos e escolas de samba. No entanto, este meu interesse sobre o carnaval não se resume a questões de família somente, e se o motivo primeiro vem por inspiração familiar e digamos até mesmo do convívio pessoal com outras pessoas do meu cotidiano ao longo de minha vida, como estudante de mestrado em antropologia social, o segundo interesse é de origem acadêmico e científico, e é o que vai determinar meu objeto de pesquisa, bem como determinar e orientar minha linha de pensamento sobre os estudos de carnaval em Barbacena.

Quando de meus estudos de graduação, em aulas de Teoria Antropológica 1 ministrada pela prof.<sup>a</sup> Ellen Woortman, nos foi orientado que, em termos de construção e problematização do objeto de pesquisa, deveríamos sair do local, irmos para o universal e retornarmos ao local.

Seguindo esta proposta metodológica, minha perspectiva sobre o carnaval de Barbacena parte do local de onde venho, de minha experiência familiar e social. Já o geral ou universal virá das referências bibliográficas, que trazem estudos e temas sobre o carnaval ou carnavais realizados em diversos locais do mundo e não só em estudos de antropologia, mas também em estudos que envolvem outras áreas do conhecimento tais como geografia e política.

Assim, dotado de um conhecimento mais global, o retorno ao local será pelo contato etnográfico, através de interlocuções com pessoas relacionadas ao carnaval, responsáveis por levar o carnaval às ruas, no que vou chamá-las de carnavalescos.

Desta forma, partindo do local, mas visando um conhecimento mais global, me pus em busca de referências bibliográficas preliminares, que pudessem ampliar meu horizonte de conhecimento sobre o carnaval e me orientar nestes primeiros passos teóricos e metodológicos de construção e análise de sujeito, objeto e objetivo de pesquisa.

Com este propósito, busquei a página [www.periodicos.capes<sup>6</sup>.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br), coloquei a palavra “carnaval” na busca e me veio um total de 3.314 referências entre artigos,

---

<sup>6</sup> Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

resenhas, dissertações e teses publicadas em várias revistas e portais como o da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e repositório da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e aí pude perceber o quanto é extenso o tema/objeto o qual eu me propunha analisar.

Assim pude justamente, como pretendido, ampliar meu conhecimento sobre o carnaval e minhas possibilidades de temas de pesquisa, o que também poderia me levar a um problema, a indecisão diante de tantas possibilidades para escolha de uma questão ou problema.

Nesta direção de selecionar referências bibliográficas preliminares, e diante da diversidade de temas, resolvi separá-las por revistas e portais, e depois por temas e autores, embora nem todos tenham sido utilizados neste trabalho. Destas referências, selecionei 27 textos entre artigos, resenhas, dissertações e teses de 16 revistas com 14 temas variados. Na impossibilidade de ler todas as referências, me ative ao resumo de alguns temas, assuntos e autores que foram me chamando atenção ao longo da pesquisa. Temas tais como a educação, onde Anderson Brasil e Alexandre Siles Vargas (2001) vão trabalhar com a Educação voltada para as relações raciais, e Cristina Tramonte que vai trabalhar a dimensão educativa da escola de samba; a Linguagem e a Poética exposta na construção do samba enredo (Raymundo Jackson, 2019); a presença da Arte e da Cultura Negras nos carnavais de Salvador (Paulo Miguez:2020); sobre o Espaço, Identidade e Territorialidade com os trabalhos de Renata Monteiro Siqueira (2022), que analisa o carnaval de rua de São Paulo nos de 1980; Marina Bay Frydberg, com Ferreira, Ana Clara V. M. Veras Ferreira e Emily Cardoso Dias, analisando os blocos de rua como espaço de luta política pelo direito a cidade; a tese de doutorado de Guilherme Rosa Varela (2021), sobre direito de brincar o carnaval de rua na cidade de São Paulo; sobre Religião, com Renata Menezes e Lucas Bártolo (2021); sobre política e poder, onde Rosana Maria dos Santos (2019) busca estudar os fenômenos da festa e os desdobramentos, vozes e interesses que nela circulam, e Maximiliano Marques e Felipe Ferreira (2021), que consideram os desfiles das escolas de samba como um importante espaço de discussão e negociação entre a sociedade e as instituições de poder.

Assim, diante desta diversidade de temas, um trabalho em especial me chamou a atenção, o artigo publicado por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1994) “A Ordem Carnavalesca”. Neste artigo, Queiroz vai destacar duas linhas de pensamento sobre o carnaval brasileiro. A primeira seria representada, por exemplo, por Mikhail Bakhtin,

Roger Callois e Roberto da Matta, tidos, por ela, como defensores de um carnaval onde as diferenças sociais são apagadas (QUEIROZ,1994:37). Segundo Queiroz (1994), estes autores tendem a ver a festa de carnaval como um tipo de universalização, onde a alegria e a emoção se apoderam de todos e todas fazendo com que as diferenças étnicas, sociais e de gênero vigentes no cotidiano sejam apagadas e as pessoas penetrem no mundo de igualdade, liberdade e abundância. Assim, para estes autores

a ordem social deixa de existir; as idades se misturam, as cores de pele deixam de dividir; homens se vestem de mulher e mulheres de homens; as classes sociais não são mais discerníveis (QUEIROZ,1994:27),

Haveria, portanto, uma abolição das normas ou mesmo uma desobediência a elas.

A outra linha, da qual ela participa, enxerga o carnaval como um ritual, evento ou festa onde a ordem não é subvertida, mas onde quem é superior se mantém superior, ou seja, o que temos é afirmação da ordem e não a negação dela. Neste artigo, “A Ordem Carnavalesca”, Queiroz (1994) vai analisar o carnaval de três cidades, Tatuí (SP), Piracicaba (SP) e São João del Rei (MG), buscando, através da análise dos carnavais de ruas e clubes destas cidades, questionar a interpretação de que o carnaval é um momento em que as normas do cotidiano são anuladas ou abolidas. Analisando o carnaval destas três cidades, ela chega à conclusão de que a estrutura do cotidiano se mantém durante a festa, tanto no carnaval de rua com os blocos, cordões e escolas de samba, quanto nos clubes com seus bailes.

Assim, diante de minha história de vida, reconhecendo de onde venho, de uma família que tem história no carnaval de Barbacena e minha condição de classe como pobre e de raça como negro, e conhecendo o carnaval e a cidade onde nasci e vivi por muito tempo, lendo “A Ordem Carnavalesca” me direcionei a pensar: será o carnaval de Barbacena um momento de afirmação ou de negação das diferenças sociais de classe e de raça? E ao fazermos tal pergunta com relação ao carnaval de Barbacena, pergunta já respondida por Queiroz (1994) em seu trabalho sobre as três cidades, partimos do princípio de que nossa sociedade no cotidiano é desigual em termos de classe e de raça.

O Brasil é conhecido como o país do carnaval, sendo o carnaval considerado a maior festa popular do mundo. Mas quando se fala em carnaval brasileiro normalmente pensa-se primeiro em Rio de Janeiro com suas escolas de samba, depois Salvador com seus trios elétricos, Recife com os seus frevos e Olinda com seus bonecos gigantes. São

carnavais que já possuem uma extensa bibliografia, e que durante os períodos de fevereiro ou março recebem toda a atenção da televisão, dos jornais, das rádios, e das mídias sociais, além de turistas do mundo inteiro.

Desta forma, posso dizer que a proposta de estudo sobre o carnaval de Barbacena se justifica por ser uma pesquisa que busca se somar aos estudos de carnaval fora destes grandes e famosos centros carnavalescos brasileiros. E por ser Barbacena, uma cidade mineira, meu trabalho busca somar-se e contribuir para os estudos sobre os carnavais de cidades do interior de Minas Gerais. Aponto como representantes desses estudos o trabalho de Diego Tobias Fróes Dias, Leonardo Madeira Pereira, Claudinei Éberth Santos, Sérgio Roque Costa Filho, Bárbara Maia Fraga e Messias Machado Viana (2020), que irão analisar o Carnaval de Diamantina como uma fonte turística através da prática de aventura; de Felipe Araújo Xavier (2019) que analisa depoimentos de cidadãos da cidade de Rio Novo, que outrora participaram dos carnavais de 1960 a 1979, período em que, segundo Xavier, havia uma segregação social e racial nos bailes e que coincide com a chegada das escolas de samba como a principal atração da cidade; de Sarah Teixeira Soutto Mayor (2012), que busca compreender as principais transformações do carnaval de Ouro Preto ocorridas entre os anos 1980 e 2011, período em que a cidade de Ouro Preto torna-se patrimônio da humanidade e que, com o avanço da indústria midiática e investimentos, vai tornar o carnaval de Ouro Preto um produto, e o mais famoso de MG; de Paola Lisboa Codo Dias (2015), que em sua dissertação de mestrado na UFMG faz uma análise histórica do carnaval de Belo Horizonte desde 1930 a 2015, analisando as diversas etapas que passou o carnaval da cidade, desde um período onde havia carnaval com blocos (1930) a um período de desaparecimento destes blocos (1990) e que, a partir de 2001, começa a ressurgir na cidade e torna-se referência também no estado de Minas de Gerais. Sem precisar mencionar o próprio trabalho de Queiroz (1994), que trabalha também a cidade mineira de São João del Rei.

De igual forma, este objetivo e justificativa seguem uma orientação metodológica. Ao buscar estudar este local, fora dos grandes centros, destaco que eu não estou em busca, portanto, de explicar uma universalidade do carnaval mundial ou brasileiro, de apontar o que os une, ou os separa, mas sim, o que os distingue, ou seja, entender a singularidade de um carnaval específico, o de Barbacena. Pois, baseado em Geertz (2008), o objetivo do antropólogo não é a busca de generalizações de culturas, mas sim de suas singularidades, o que as tornam únicas e distintas das outras. E por sua

vez, como nos afirma DaMata (1997) ao estudar os carnavais do Rio de Janeiro e o de New Orleans, o carnaval não obedece a um modelo universal, devendo cada carnaval ser explicado dentro de seu contexto. Portanto, o que me interessa aqui é estudar o carnaval no contexto de Barbacena.

### **O Carnaval como ritual**

Segundo Peirano (2003:3), “em qualquer tempo ou lugar, a vida social é marcada por rituais”, sendo eles de grande importância na nossa vida cotidiana e, desta forma, seria um erro pensar ser os rituais exclusivos das sociedades primitivas ou das nobrezas, da magia ou da religião, ou mesmo pensar em uma redução baseada em um dualismo dicotômico entre racional ou irracional, sagrado ou profano.

Portanto, estando ligado aos tipos de sociedades e sendo as sociedades múltiplas, múltiplos serão os rituais. E nesta direção, Peirano (2003:12-16) nos dá alguns exemplos desta diversidade de rituais. Alguns deles são: os rituais de passagem (Arnold van Gennep) definidos como aqueles que marcam momentos relativos à mudança e à transição, de pessoas e grupos sociais, para novas etapas de vida e de status; os ritos de inversão (Gregory Bateson) onde, por exemplo, no ritual *naven* realizado pelos nativos da Nova Guiné, os homens se vestiam de mulher e as mulheres de homem; os rituais de rebelião (Max Gluckman) realizados não com o intuito de gerar conflito, mas sim de resolvê-los; os ritos de iniciação para os meninos e meninas e os ritos de aflição (Victor Turner) entre os *ndembu* da África, geralmente com o objetivo de sanar problemas relativos à falta de sorte na caça para os meninos e a menstruação e fertilidade para as meninas.

Desta forma, se apoiando em Tambiah, Peirano (2003:4-5) destaca que, em relação ao ritual, dentre outras características, não importa sua natureza, seja ela sagrada ou profana, mágica ou religiosa, formal ou informal, simples ou elaborada, mas sim, suas formas específicas, o que inclui convencionalidade e redundância que combinem, entre outros, palavras e ações. Nesta concepção, o carnaval (Peirano, 2003:26) seria então um exemplo de ritual por envolver vários meios de comunicação resultantes em palavras e ações.

Considerando sua importância simbólica em nossas sociedades, DaMatta (1997) destaca que

os rituais nas sociedades complexas servem sobretudo para promover a identidade social e construir seu caráter. É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores (DA MATTA,1997:29)

Já para Peirano (2003), também citando Roberto da Matta que, segundo ela, possivelmente poderia ter recebido influência de Turner,

o ritual deve fazer um contraponto com o cotidiano, por serem parte de uma mesma estrutura, por serem faces da mesma moeda, expressando os mesmos princípios sociais. (PEIRANO,2003:23).

Desta forma, de acordo com os autores acima, o carnaval como rito nos forneceria elementos para entendermos a sociedade brasileira, seus dilemas, seus valores, suas ideologias, sendo o ritual uma extensão do cotidiano e vice-versa.

Portanto, sendo o ritual um sistema cultural de comunicação simbólica, específico e local, constituído de palavras e atos sequenciados e ordenados, em geral expressos por vários meios, e sendo o carnaval um ritual, como destaca Peirano (2003:26), o que o carnaval de Barbacena quer comunicar? O que o carnaval de Barbacena pode dizer sobre o cotidiano dos barbacenenses, já que ele é a sua outra face?

### **I.3. Sobre o Campo em Barbacena**

Assim, partindo das hipóteses de inversão e/ou reprodução de papéis sociais nas festas de carnaval em Barbacena, e seguindo a uma orientação de Peirano (1995), que, analisando o trabalho de Maria Laura Viveiros de Cavalcanti (1994) sobre o carnaval do Rio de Janeiro, nos aponta que “uma boa antropologia se faz com uma sólida pesquisa de campo”, eu decidi partir para a cidade de Barbacena, meu local de estudo, onde eu fiquei fazendo pesquisa entre os dias 28 de agosto e 19 de outubro de 2023. Este período constituiu-se em minha primeira ida a campo, pois retornei a Barbacena em fevereiro de 2024 para um segundo momento de campo. Para este primeiro momento, eu me concentrei em duas atividades básicas: pesquisa em jornais<sup>7</sup> e entrevistas.

A minha pesquisa em jornais ocorreu no Arquivo Público Municipal de

---

<sup>7</sup> Os jornais estavam em estado natural, ou seja, em papel, e muitos, como antigos, quase se despedaçavam em minhas mãos. Tive que usar luvas para proteger as mãos e ao mesmo tempo o próprio jornal/documento. Tentei usar máscara, mas como utilizo óculos, não foi possível seguir utilizando-a, os óculos sempre embaçavam dificultando minha leitura.

Barbacena, onde busquei informações em vários jornais da cidade, o que me possibilitou ao final reunir várias reportagens de seis jornais locais, abrangendo os anos de 1898 a 2019. Devido à COVID-19, nos anos de 2021 e 2022 não houve carnaval no Brasil e, por suposto, em Barbacena, e em relação aos anos de 2020 e 2023, nenhum jornal chegou ao Arquivo Público Municipal de Barbacena.

Neste processo de pesquisa, antes de dirigir-me ao Arquivo Público Municipal de Barbacena, primeiro busquei livros e publicações na Biblioteca Pública Municipal de Barbacena que se localiza no mesmo prédio do Arquivo Público, onde fui prontamente atendido pelos funcionários Fernanda Maria da Cunha Viana e Paulo Otávio de Araújo Vieira Baeta, que me auxiliaram nesta primeira etapa de pesquisa. No entanto nada, encontramos nos livros. Foi diante desta situação que Fernanda e Paulo me orientaram a buscar os jornais da cidade, me indicando o Arquivo Público Municipal que se localiza no andar de cima do mesmo prédio em que se encontra a Biblioteca Pública Municipal<sup>8</sup>, prédio conhecido na cidade como Casa da Cultura<sup>9</sup>, por abrigar, além da Biblioteca e o Arquivo Municipais, o Conservatório de Música da cidade e a Acadêmia Municipal de Letras.



Casa da Cultura. Já foi cadeia um dia. Dizem os moradores locais que aqui ficou preso Tiradentes e que o seu braço direito está enterrado no lado de fora da Igreja do Rosário, no centro da cidade.

Inclusive o brasão e a bandeira da cidade são formados por um círculo azul, 12 estrelas brancas, um triângulo branco e um braço direito com a mão estendida para cima, dentro do triângulo.

Portanto, seguindo as orientações dos funcionários da Biblioteca Pública, me dirigi ao andar de cima, em direção ao Arquivo Público Municipal. Chegando lá fui atendido pela funcionária Beatriz de Carvalho Fiúza, à qual expliquei sobre a minha proposta de dissertação de mestrado e que, de pronto, se pôs à disposição para me ajudar. Eu disse a ela que já conhecia alguns dados do Jornal Cidade de Barbacena

<sup>8</sup> Denominada de Biblioteca Honório Armond, em homenagem a este grande poeta barbacenense.

<sup>9</sup> Este prédio é tombado pelo IEPHA desde 04 de outubro de 1978, mas está em péssimo estado de conservação. Em Barbacena, percebo que há pouca preocupação com a preservação dos patrimônios culturais material e imaterial. Tanto por parte do governo, quanto da própria população.



(JCB) em que eu havia coletado anteriormente, quando estes jornais ainda se encontravam na sede do jornal na Rua XV, mais precisamente no ano de 2001, quando eu tive um projeto aprovado pela lei Rouanet para escrever sobre o carnaval de Barbacena, como relatei no início deste meu trabalho.

Os dados que eu tinha coletados anteriormente do JCB eram dos anos de 1898 a 1930. Assim, eu resolvi concluir toda a pesquisa sobre o período em que este Jornal cobriu e escreveu sobre o Carnaval de Barbacena, ou seja, até o ano de 1993, ano de sua última edição. Ao final de minha pesquisa no Arquivo Público Municipal, eu havia consultado além do JCB mais cinco jornais, agora abrangendo um período até 2019, o que somaria 121 anos de carnaval.

Os seis jornais consultados e selecionados foram:

1. Jornal Cidade Barbacena (JCB), compreendendo os anos de 1898 a 1993, sendo inclusive a nossa fonte mais antiga e mais duradoura sobre o carnaval de Barbacena. São 95 anos acompanhando o carnaval da cidade, mas, por um motivo ou outro que desconhecemos, nem todos os anos ao longo deste período trazem reportagens sobre o carnaval.

2. Jornal Correio Mineiro (JCM), compreendendo os anos de 1942 a 1970,

3. Jornal Correio da Serra (JCS), de 1970 a 2019,

4. Jornal da Cidade (JC), de 1990 a 2005,

5. Jornal de Sábado (JS), de 1993 a 2004 e

6. Jornal Expresso (JE), ainda em atividade e que abrangerá os anos de 2010 a 2017.

O fato acontecido com o Jornal Cidade de Barbacena (JCB), de não termos acesso a alguns anos de reportagens, se repete nestes outros cinco jornais. Nenhum deles tem uma cobertura completa de todos os carnavais barbacenenses durante o período em que existiram.

Assim, os dados de jornais impressos que obtive sobre o carnaval de Barbacena, compreendem os anos de 1898, quando da primeira reportagem oriunda do Jornal Cidade de Barbacena a 2019, quando da última reportagem oriunda o Jornal Correio da Serra. E o notado é que, nestes 121 anos, o carnaval de Barbacena passou por vários tipos de manifestações carnavalescas, que podemos assim enumerar: Entrudo, Zé Pereira, Corso, Bailes Soçaites, Blocos Ranchos, Escolas de Samba, Bailes nos Clubes e mais recentemente, os Bailes Populares.

Desta forma, acredito ser o conhecimento de cada uma destas manifestações de suma importância, pois é através

- 1) da análise de quem é quem nestas festas,
- 2) de como elas se organizavam e
- 3) a quem estas festas se dirigiam,

que poderemos formular algumas relações com as “hipóteses” tanto de inversão e/ou de reprodução, quanto de afirmação e/ou de negação de desigualdades e de papéis sociais durante as festas ou rituais de carnaval.

#### **I.4. Carnaval, Tempo e Espaço**

Desta forma, para fins de nossos estudos sobre o Carnaval de Barbacena, irei trabalhar com as categorias de Tempo e Espaço. Para Harvey (1993), as categorias e conceitos de tempo e espaço devem ser consideradas e levadas em conta por serem categorias básicas da existência humana. Este conceito é desnaturalizado por Juliana Braz Diaz (2020:53) quando ela, ao estudar o carnaval de São Vicente em Cabo Verde, África, destaca que as noções de tempo e espaço neste rito se fazem “em um contexto de tensões e negociações”. Por fim, utilizo Leach (1977), que assim nos relata:

As sociedades reais existem no tempo e no espaço. A situação demográfica, ecológica, econômica e de política externa – e interna – não se estruturam num ambiente fixo, mas num ambiente em constante mudança (LEACH,1977:68).

Ou seja, as sociedades não fixas nem no tempo e nem no espaço, elas se transformam, e isso, portanto, se passa também com os ritos de carnavais, a cada tempo e espaço ele se escreve de uma forma específica. Portanto, além de categorias básicas, tempo e espaço são conceitos e categorias essenciais aos estudos sobre o carnaval, ao envolver um tempo cronológico (no caso, de 1898 a 2024) e as diversas formas de carnaval que nesse período se desenvolveram, e um espaço, que apesar de ser o mesmo, o centro da cidade, vai ser ocupado por diversas pessoas e folguedos<sup>10</sup>, ao longo do tempo. É o que veremos no Capítulo 1.

Portanto, não sendo fixo, nem no tempo e nem no espaço, a análise sobre o carnaval através do tempo cronológico nos permite perceber continuidades e

---

<sup>10</sup> Este termo é utilizado pelo JCB para se referir às festas carnavalescas tais como o próprio entrudo e corso. Termo que irei também usar para me referir a eventos do carnaval em Barbacena.

descontinuidades, nos permite perceber as relações entre pessoas e resultados destas relações.

Desta forma, levando em conta minha proposta de trabalho, estas continuidades e descontinuidades se farão presentes no que eu chamo de momentos de auge, áureo ou o topo do folguedo, e decadência de cada um destes tipos de folguedo, quando praticados em menor escala ou mesmo deixam de ser praticados. O que faz com que auge e decadência sejam vistos em meu trabalho como marcadores de tempo e de espaço. E nesta perspectiva, o que podemos perceber com as reportagens é que, ao longo dos tempos, os jornais sempre associaram locais a pessoas, e pessoas a locais, ordenando, classificando, nomeando pessoas e lugares reciprocamente, criando e/ou reproduzindo, desta forma, identidades sociais e relações de pertencimento de acordo com o espaço que ocupa nos dias de carnaval. E isso se percebe desde a primeira reportagem coletada até a última. E este nomear pessoas de acordo com o local tornou o espaço como um fator de identidade social. Me fale do espaço onde brinca carnaval que eu te direi quem és. Esta máxima pode ser levada em conta para analisarmos quem são as pessoas que participam nos diversos folguedos de carnaval que iremos analisar.

### **I.5. Para Quem Escrevo**

Segundo Karine L. Narahara (2020:17),

A antropologia vem passando por uma série de processos de desestabilização, produto de questionamentos relacionados aos “objetos” de “análise” antropológica, à “autoridade” dos que produzem os textos etnográficos, e ao próprio paradigma que estruturou o surgimento de seu campo disciplinar – a divisão natureza e cultura (NARAHARA, 2020:17).

Este novo fazer antropologia, digamos crítica, apontada por Karine Narahara é denominada por Clifford e Marcus (2016) como antropologia pós-moderna onde é posta em questão a autoridade etnográfica, ou seja, de quem escreve, sobre o que escreve, para quem escreve e para quem escreve. Tais questionamentos derivam das conclusões chegadas por Evans-Pritchard sobre os Nuer, classificados por ele como um grupo humano sem organização social, sem estado, sem religião, entre outras capacidades humanas, o que levou ao questionamento da relação entre pesquisador-sujeito-objeto de pesquisa em antropologia.

A esta lista soma-se Ana Cláudia Matos da Silva (2019) com sua proposta

“contra-colonialista”, em que, a partir de seu trabalho sobre a sua Comunidade Quilombola de Mumbuca, localizada no município de Mateiro em Tocantis, e citando Chimamanda Adichie (2009), ela nos alerta para o perigo de uma história única, nos apontando desta forma a necessidade de ouvir os dois ou os muitos lados da história, ou dos personagens destas histórias. Ao buscar ser contra-colonialista, Ana Cláudia propõe uma metodologia em que se nega “procurar repetir o sentido comum dos moldes em quilombos”, ou seja, repetir os mesmos modelos de análise ou de interpretação.

Outra autora importante nesta perspectiva é Patrícia Hill Collins (2016:99) com sua proposta etnográfica de “outsider within” que, segundo ela, pode ser definida a partir da experiência de vida, biografia pessoal e cultural do próprio pesquisador. O “outsider within” também está diretamente relacionado ao fato de que quem escreve está associado a quem vai ler, ao fato de que o pesquisador se identifica com o pesquisado, buscando desta forma o pesquisador escrever para que o pesquisado leia e saiba a história dele, contada por ele mesmo. Diferentemente do pesquisador tradicional, proposto nos clássicos, o “outsider within” não abandona o grupo social que ele estuda logo após terminar seu trabalho, este vive e convive com o grupo, ou está bem perto dele no cotidiano. Desta forma, nesta proposta de descolonização de ideias, o “outsider within” nos possibilita novas vozes e novas escritas, levando à criação de novos paradigmas sociológicos.

A meu ver, este afastamento ou aproximação com o sujeito e objeto de pesquisa não torna qualquer proposta nem mais, nem menos antropológica ou etnograficamente comprometedora. Lembrando que as palavras significam algo, e que toda e qualquer forma de linguagem seja escrita, visual, ou auditiva carrega e possui igualmente significados. Ao analisar os escritos antropológicos, Clifford (Clifford e Marcus, 2014:35) observa que a natureza literária da Antropologia parece ser mais do que uma questão de escrever ou de ter um estilo particular. Ela é também política e com interesses. E nesta perspectiva política, Paul Ricouer, entre outros, aponta “que os mais simples relatos culturais são criações intencionais” (Clifford e Marcus, 2014:36).

Desta forma, a antropologia clássica nasceu com o objetivo e com o interesse de conhecer o outro, o que nos leva a pensar sobre quem escreveu, como escreveu, para quem escreveu e com que finalidade. E considerando a escrita como uma forma de poder e uma ferramenta de voz, Ana Cláudia Matos (2019) se pergunta: o que escrever e para quem escrever?

Deparamo-nos, assim, com duas situações sobre a autoridade etnográfica. A primeira é aquela que aponta o distanciamento do pesquisador, e a segunda a que aponta a importância do acercamento do pesquisador sobre o seu objeto e sujeitos de pesquisa, o chamando pesquisador-nativo (Barreto,2013)<sup>11</sup>, que de primeira mão já conhece a língua literalmente falando e seus significados, inclusive simbólicos e figurados, e que ao mesmo tempo estabelece uma relação entre quem escreve e para quem escreve. O conhecimento da língua e da linguagem por parte do pesquisador nativo evitaria traduções mal feitas que dão significados às coisas, distintamente do que elas realmente significam, levando, por exemplo, a uma interpretação errada de um fato, a uma explicação equivocada de um ritual ou de uma categoria de pensamento. Ademais do conhecimento da língua, o pesquisador-nativo teria outra vantagem, pois ele não teria que fazer longas viagens, longas investidas a fim de conhecer justamente a língua, a linguagem e a cultura do grupo social a ser estudado.

Portanto, aqui, busco seguir estas novas perspectivas metodológicas e reflexivas que questionam e apontam a importância do acercamento por parte do antropólogo e daí o papel de quem escreve, sobre o que escreve, para quem escreve e por que escreve. E seguindo esta linha de pensamento, com relação ao meu trabalho, creio que as perguntas sobre “quem escreve” e “sobre o que escrevo” já tenham sido apontados em linhas acima quando eu falo de minhas origens e das influências familiares, cotidianas e acadêmicas. Agora, cabe responder “para quem escrevo?” e “por que escrevo?”.

Assim, digo que, em se tratando de um trabalho acadêmico, escrevo para a academia. Mas também para aqueles que me deram entrevistas, àqueles (in-memorian) que ao longo destes 126 anos de carnaval (de 1898 a 2024) foram atores desta festa, independentemente de sua classe ou raça. Escrevo para a população que, ao ler, pode encontrar algum de seus antepassados em nossos relatos. Escrevo para os órgãos públicos ligados à cultura, educação, lazer, turismo, pois o carnaval é fonte de recursos e de desenvolvimento destas áreas. Escrevo para os barbacenenses, para eles terem conhecimento e refletirem sobre nossas relações sociais. Escrevo sobre Barbacena para que os barbacenenses possam conhecer parte de sua história e parte de sua cultura. Portanto, este trabalho, além de acadêmico, busca servir como um tipo de memória histórica e reflexiva sobre a sociedade e cultura barbacenenses, pelos barbacenenses e

---

<sup>11</sup> João Paulo Lima Barreto (2013).

para os barbacenenses.

Desta forma, nesta nova perspectiva antropológica na qual busco me enquadrar, quem escreve não é obrigatoriamente um funcionário da coroa ou do estado pretensiosamente desinteressado, ou um pesquisador de alguma universidade externa ao grupo e que, após concluir seus estudos de mestrado ou doutorado, nunca mais voltará à comunidade, e que o grupo estudado nunca venha ler o que foi escrito sobre ele. Mas ao contrário, nesta nova perspectiva, o trabalho antropológico e etnográfico pode ser executado por uma pessoa próxima, com vínculos digamos afetivos, de empatia e simpatia com o próprio grupo social estudado. Nesta nova perspectiva, a mesma comunidade que quer falar é a mesma que quer ouvir o que foi dito sobre ela e a partir dela.

Neste sentido, em termos de escrita, irei seguir a perspectiva de Dumont (1985:182) que nos orienta a “escrever simples para que todos entendam, nada de explicações complicadas”, bem como de Gustavo Lins Ribeiro, que nos orienta a escrever de tal maneira que um acadêmico entenda, mas que de igual forma qualquer leitor leigo consiga ler e entender o que está escrito e o queremos dizer. Por isso, escrevo para um grupo seletivo de pesquisadores, mas também para qualquer um e ao mesmo tempo para todos.

Por fim, posso dizer que tal proposta de estudos se justifica por ser um estudo que busca analisar o carnaval fora dos grandes centros brasileiros, em uma cidade pequena do interior de Minas Gerais, a fim de analisar não a sua generalidade ou universalidade, mas sim sua singularidade e especificidade.

De acordo com os autores acima, o carnaval como rito nos forneceria elementos para entendermos a sociedade brasileira, seus dilemas, seus valores, suas ideologias, sendo o ritual uma extensão do cotidiano e vice-versa. Assim, com relação ao carnaval de Barbacena como um ritual local, o que ele significa para a população de Barbacena? O que ele representa? O que ele nos comunica? Quais valores ele exprime? Como destacou DaMatta (1997) mais acima, os rituais nas sociedades modernas servem para promover a identidade social e construir seu caráter, bem como se constituem em uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores (DaMatta,1997:29). Assim, o que o carnaval de Barbacena pode dizer sobre a sociedade barbacenense?

## **I.6. História e Localização de Barbacena**

Barbacena é uma cidade localizada no estado de Minas Gerais, às margens da BR 040 (Brasília-Rio de Janeiro) entre Belo Horizonte e Juiz de Fora. Segundo o IBGE Cidades<sup>12</sup> com dados de 2022, Barbacena possui uma área territorial de 759.196 km<sup>2</sup>, uma população de cerca de 125.317 pessoas, com uma densidade demográfica de 165,07 hab/km<sup>2</sup> e, com dados de 2010, um IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) de 0,769.

Segundo o IBGE/Cidades<sup>13</sup>, a localidade de Barbacena surge como Distrito em 1752 e elevado à condição de cidade com a denominação de Barbacena pela Lei Provincial n.º 163, de 09-03-1840. O nome Barbacena resultaria de homenagem a Dom Luis Antônio Furtado de Castro do Rio Mendonça, primeiro visconde de Barbacena, de quando em 1791 elevou o distrito local da condição de Arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campolide à condição de Vila, com o nome de Vila de Barbacena. No entanto, devo salientar que Barbacena é bem menos do que era nesta época, pois ao longo do tempo o município de Barbacena foi desmembrado em vários municípios.

Ainda sobre a história de Barbacena, o site do IBGE-Cidade aponta os indígenas puri como os primeiros habitantes desta região, juntamente com os Coroados e os Carijós. Por sua vez, a Prefeitura Municipal de Barbacena<sup>14</sup>, em sua página web (2015), destaca que

A história da Vila de Barbacena tem início em 1698, quando o Capitão Garcia Rodrigues Paes, filho do bandeirante Fernão Dias Paes, abre um caminho mais curto para a ligação entre o Rio de Janeiro e o interior das Minas Gerais. Assim surgiu o primeiro núcleo colonial desta imensa região, no entroncamento dos Caminhos Velho e Novo, posteriormente, Estrada Real. Por este Caminho Novo não só passaram todas as riquezas do Ciclo do Ouro, como também vários episódios históricos, entre eles, a reação armada à invasão do Rio de Janeiro, pelo corsário francês Duguay-Trouin, em 1711, a Guerra dos Emboabas e a Inconfidência Mineira. Os locais referenciais dessa época são as Fazendas do Registro (hoje Sá Fortes) e Borda do Campo (hoje Antônio Carlos) (BARBACENA.MG.GOV.BR/2/noticias/?id=4676).

---

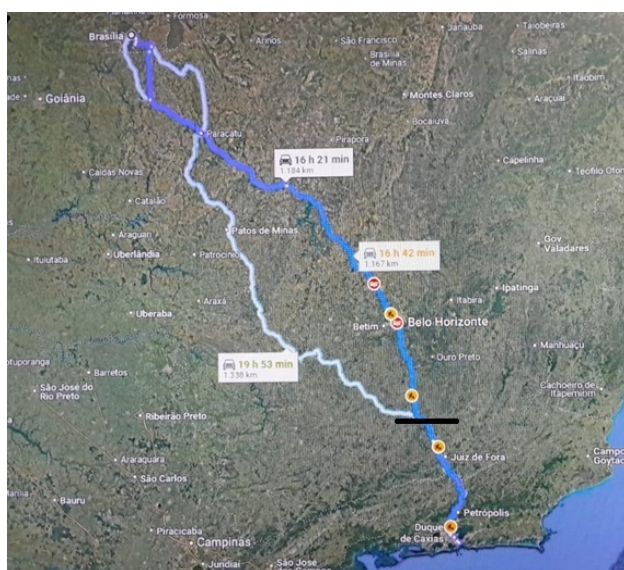
<sup>12</sup> <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/barbacena.html>

<sup>13</sup> <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=31519&view=detalhes>

<sup>14</sup> <http://barbacena.mg.gov.br/2/noticias/?id=4676>

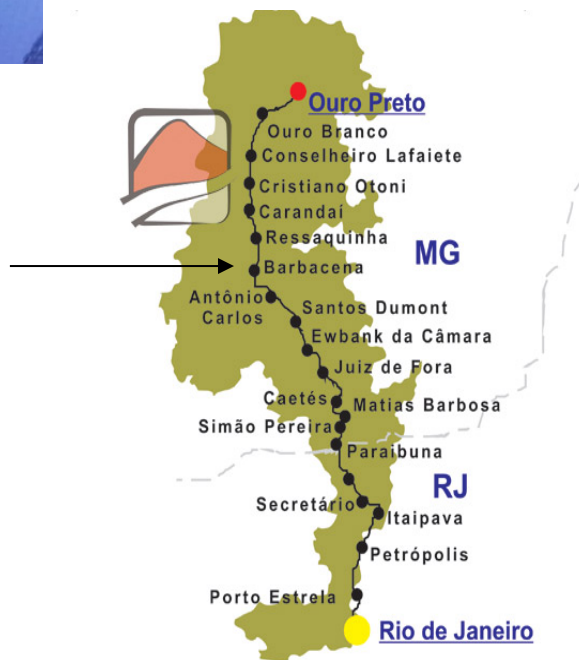


Barbacena no mapa do Brasil e em Minas Gerais. Barbacena faz parte da Serra da Mantiqueira e está localizada na região dos Campos das Vertentes.



Localização de Barbacena - Br 040 – Brasília/Rio de Janeiro. Entre Belo Horizonte e Juiz de Fora.

Barbacena  
Caminho da Estrada Real.  
Caminho do ouro, que ligava as minas gerais à cidade do Rio de Janeiro, capital do Império.





Barbacena, em 1842, foi escolhida como sede da Revolução Liberal<sup>15</sup>. Inclusive, o local onde aconteciam as reuniões da Revolução é hoje a Câmara Municipal de Barbacena, possuindo o nome de “Palácio da Revolução Liberal”.



Antiga sede da Revolução Liberal de 1842.

Atual Câmara dos Vereadores.

Politicamente, Barbacena se tornou conhecida por ser residência de duas famílias famosas na história da política mineira durante centenas de anos, Bias Fortes e Andrada, que se elegiam governadores, senadores, foram ministros, entre outras funções no Estado. Apesar de não serem tudo isso mais, com exceção da família Bias Fortes que entrou em decadência quase total há pelo menos uns 20 anos e não elege ninguém, ainda hoje os Andrada continuam elegendo vereadores, prefeitos, deputados estaduais e federais, mas não senadores ou governadores. Além de políticos, estas duas famílias são donas de hospitais e escolas e dos clubes Automóvel Clube e Clube Barbacenense. E muitos na cidade dizem que, se você quiser algum emprego ou ajuda neste sentido, tem que os procurar.

Barbacena é a cidade onde eu nasci, meus pais nasceram aqui, meus avós nem todos. Meus irmãos e primos de primeiro grau nasceram aqui. O que me leva a conhecer um pouco sobre ela e sua população. E sei que, durante um bom tempo, ela ficou conhecida como terra dos doidos, devido, talvez pouca gente saiba, ao Hospital FHEMIG<sup>16</sup>, que se tornou muito conhecido devido aos seus maus-tratos a supostos “doentes mentais”. Quando de minha infância e juventude, dizíamos que cada bairro de Barbacena tinha um hospital. Um dos argumentos que a gente ouvia dizer era que o ar de Barbacena era bom para tratar destas pessoas. Barbacena também ficou muito

---

<sup>15</sup> Iniciada em 1842 e derrotada em 1845, liderada pelo Partido Liberal, buscava reformas políticas como a convocação de uma assembleia constituinte e o fim do poder moderador exercido pelo imperador.

<sup>16</sup> Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais.

conhecida como a “Cidade das Rosas” devido à sua grande produção de rosas e flores durante muito tempo, e que hoje, devido a fatores diversos, só existe na memória ou com uma baixa produção local. Barbacena também possui a EPCAR – Escola Preparatória de Cadetes do Ar, única do país, bem como o Instituto Federal-Sudeste, que tem como sede central o prédio da antiga Escola Agrícola Federal de Barbacena, fundada em 1910 como a primeira escola agrícola do Brasil.

Hoje a cidade de Barbacena possui a Comunidade Quilombola dos Candendês<sup>17</sup>, oficialmente reconhecida<sup>18</sup> pela Fundação Cultural Palmares desde agosto de 2012, e a Comunidade Indígena dos Puri, em busca de seu reconhecimento pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Tal reconhecimento, importa dizer, é relativo ao processo de acesso a direitos, não de identidade, já que esta é autoatribuída.

Além de um prefeito e vice-prefeito eleitos, possui uma câmara com 15 vereadores. E o governo municipal atual possui cerca de 14 secretarias, estando a cultura dentro da Secretaria de Educação, Desporto e Cultura.

## **I.7. Sobre os Capítulos**

Faço agora uma forma de resumo de cada capítulo desta dissertação, para que o leitor se inteire antecipadamente do conteúdo e da proposta do trabalho já nestas primeiras linhas. Este resumo serve também como se fosse um roteiro, onde o leitor fica sabendo de antemão o que ele vai ler, buscando justamente facilitar a leitura e o entendimento do trabalho por parte do leitor.

Dividi a apresentação escrita de minha pesquisa em 3 capítulos, somados à Introdução, agora exposta, e à Conclusão.

O Capítulo 1 será denominado “O Rito no Tempo - Registro em Jornais” e terá como ponto norteador as reportagens de seis jornais que eu colhi junto ao Arquivo Público Municipal de Barbacena, em meu primeiro trabalho de campo, e que irá abranger um período de 125 anos, de 1898 a 2023. Portanto, trata-se de um período

---

<sup>17</sup> Relatório elaborado por Angelo Sátyro (2012).

<sup>18</sup> As palavras “reconhecida” e “reconhecimento”, neste contexto, referem-se às proposições de Nancy Fraser, 2006, em “Da Redistribuição ao Reconhecimento? Dilemas de Justiça em uma era Pós-capitalista”, e de Thomas Humphrey Marshall, 1967, em “Cidadania, Classe Social e Status”. Ambas estão associadas ao reconhecimento dos direitos sociais e não apenas à identidade coletiva advinda do autorreconhecimento e das relações de pertencimento. Segundo estes autores, ademais do autorreconhecimento dos grupos, visto como simbólico, é necessário o reconhecimento do Estado, visto como coisa prática, e que se tornará efetivo e concreto através de políticas públicas de redistribuição.

longo e composto por vários tipos de manifestações carnavalescas como o Entrudo, o Corso, o Zé Pereira, o Bailes Soçaites, os Ranchos, os Clubes Soçaites, as Escolas de Samba e os Bailes Populares. Desta forma, busquei dividir este capítulo em 3 seções, assim distribuídas.

Seção 1 - Entrudo, Embaixada de Momo e Corso

Seção 2 - Zé Pereira, Bailes Sociais e Ranchos

Seção 3 – Escolas de Samba, Clubes Sociais, Bailes Populares e Ocupação do Espaço.

Tal perspectiva cronológica (1898-2023) nos permite perceber os momentos de auge e decadência<sup>19</sup>, de continuidade e descontinuidade, de permanência e ruptura de cada um destes modos de brincar o carnaval. E assim, também, perceber como se davam as relações entre pessoas nestes momentos específicos de festa. Quem é quem em cada um destes folguedos e como as pessoas são vistas e classificadas segundo estas reportagens.

O Capítulo 2 será denominado “O Rito no Tempo - Memórias”. Também realizado durante a minha primeira ida a campo. Aqui entrevistei 7 carnavalescos barbacenenses, sendo quatro compositores de samba enredo, dois assistas ala show e um chefe de bateria. Todos desfilaram nas grandes escolas da cidade no período áureo dos desfiles de escolas de samba em Barbacena. Aqui minha intenção é expor e interpretar como os carnavalescos percebiam o carnaval, de sua experiência com os grandes desfiles de escolas de samba.

Já o Capítulo 3, denominado “O Tempo do Rito – Etnografia do Carnaval 2024”, será baseado em minha segunda ida a campo, realizada entre 20 de janeiro e 20 de fevereiro de 2024. Neste momento, busquei analisar parte da programação oficial do município relativa ao carnaval de 2024, em especial o desfile de blocos e escola de samba, bem como fazer entrevistas a carnavalescos. Assim, além de ver os desfiles que aconteceram, eu busquei conversar com várias pessoas, não só dirigentes de escolas e blocos, mas também aquelas que estavam nas ruas participando dos eventos, seja na forma de ator seja na forma de público. Apesar que, em se tratando de carnaval, o público muitas vezes se comporta como ator.

---

<sup>19</sup> Estes dois termos, são utilizados pelos barbacenenses para definir o ápice do carnaval de Barbacena nas décadas de 1970 e 1980, consideradas de ouro devido ao carnaval de rua promovido pelas escolas de samba e blocos, bem como aos clubes sociais.

## Capítulo 1

### O Rito no Tempo – Registros em Jornais

Este capítulo consiste em uma análise do carnaval de Barbacena entre os anos de 1898 e 2023, o que compreenderá 125 anos de história. Durante este período, diversos folguedos conviveram de modo relativamente harmonioso nos festejos de carnaval em Barbacena. Apesar de distintos em formas e conteúdos, muitos chegaram a dividir o mesmo tempo e muitas vezes a compartilhar o mesmo espaço, seja público, como as ruas do centro da cidade, ou privado, como os bailes, restritos à entrada apenas para familiares, sócios e convidados e que eram realizados em especial em escolas, residências, hotéis e clubes.

Desta forma, em ambos os espaços, público e privado, nas ruas e nos clubes, eventualmente encontraremos a coexistência de grupos de folguedos distintos, proporcionando, portanto, um contato e uma interação entre grupos sociais também distintos. E coexistência não implica apenas estarem lado a lado, fisicamente, mas em reconhecimento simbólico da existência do outro e da ação prática de se manterem entre eles certo tipo e grau de relações de trocas.

Assim, seguindo numa temporalidade linear, baseado no modo e na sequência como os eventos relativos ao carnaval foram sendo registrados na mídia impressa local, iremos partir da análise das duas primeiras reportagens do Jornal Cidade de Barbacena (referido aqui como JCB), realizadas nos anos de 1898 e 1899.

Em sua primeira reportagem sobre o carnaval, datada de 27 de fevereiro de 1898<sup>20</sup>, o Jornal Cidade de Barbacena vai nos relatar que

Nos três dias de folguedo o homem tem permissão para sahir do seu rigor habitual de vida para entregar-se a tanta sorte de extravagâncias sem incorrer em condenação ou censura por parte da sociedade. O carnaval deste ano foi caracterizado pelos banhos de limões de cheiro, bisnagas, serpentinas e confeti, meninos e meninas phantasiados, mascarados e vários Zé Pereiras.  
(...)

o Entrudo também se fez presente em diversos pontos da cidade, onde houve combates bem renhidos, a limões e até bombas d'água. Na rua XV até tarde

---

<sup>20</sup> Como aponto na Introdução deste trabalho, o ano de 1898 corresponde ao ano de inauguração do JCB. Ou seja, na primeira edição do JCB já temos ali o carnaval acontecendo. No entanto, devo destacar que nas reportagens deste período não há entrevistas com personagens do carnaval, nem fotos de pessoas ou dos eventos, e nem todas as matérias são devidamente datadas, mas todas vêm ao menos com ano e mês. As matérias também não têm autoria de uma pessoa específica. Assim, a autoria será creditada ao próprio jornal.

da noite sob uma iluminação giorno, havia presença de várias famílias distribuindo entre si confetis em todas as direções.

(...)

No carnaval deste ano reinou a boa conduta e a boa ordem do povo barbacenense, fato que concretiza a boa educação de nossa gente (JCB, 1898:27/fev.).

Na segunda reportagem, do ano seguinte (1899), o mesmo Jornal Cidade de Barbacena relata que

O carnaval de 1899 foi marcado pela peleja de confeti e bisnagas perfumosas entre cavalheiros e damas das melhores famílias. (...) O Jardim Municipal se apresenta como o ponto central de encontro dos foliões, onde a banda do 3º Corpo de Polícia contratada pelo presidente do município tocou durante os três dias. Houve a presença do Entrudo com seus limões de cheiro e baldes d'água (JCB, 1899).

Diante de tanta empolgação o JCB conclui dizendo que

Nesses momentos de diversão, ninguém se lembra dos problemas sociais, do cambio a 7, ou do paiz empenhado no prêgo do inglez (funding loan?) ou de um bozo de caminho publico transformado em logradouro particular (JCB, 1899).

Baseado nestas duas primeiras reportagens, inicio uma reflexão sobre ao menos cinco pontos existentes nestas citações. Pontos estes que serviram de base para eu nortear minha linha de pesquisa e minhas análises sobre se, durante as festas de carnaval em Barbacena, as estruturas das relações sociais vigentes no tempo comum são negadas e invertidas ou se permanecem e se reproduzem no rito festivo.

Desta forma, o primeiro ponto de análise é a constatação de que a contemporaneidade, a sincronicidade e a coexistência de distintos folguedos nos levam a pensar tanto em tempo linear quanto cíclico, com períodos de continuidade e descontinuidade, de ruptura e permanência nas relações entre estas pessoas. Não havendo na narração de tal sequência de eventos e fatos, e isso há que se destacar, qualquer forma ou tipo de evolucionismo ou perspectiva teleológica.

O segundo ponto de análise nos leva a pensar se o carnaval de Barbacena pode ser compreendido como um momento de liberdade, onde tudo é permitido a todos, onde ninguém pode ser censurado ou realmente condenado por parte da sociedade, pelos seus atos e extravagâncias. Tal texto vai ao encontro do pensamento de François Rabellais (1494?-1553), para quem, durante o carnaval, “não se conhece outra vida senão a do

carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com suas leis, isto é, as leis da liberdade” (BAKHTIN,1987:6).

O pensamento de Rabellais está associado ao fenômeno da carnavalização, visto por ele como um conceito mais amplo e que implica em todos os tipos de festas populares que promovam, através do riso e do grotesco, a contestação da ordem (BAKHTIN,1987:3).

Ao analisar esta sincronicidade de folguedos, percebemos que “a permissão de sahir do seu rigor habitual com toda sorte de extravagância sem incorrer em condenação ou censura por parte da sociedade” (JCB, 27/fev) é vista pelo JCB, não somente como um direito de um ou outro folguedo, de uma ou outra pessoa, mas um direito de todos os folguedos, e de todas as pessoas, o que vai nos levar também ao conceito de igualdade. Assim, de acordo com as reportagens de 1898 e 1899, todos são livres e iguais para a realização de seus folguedos. Não haveria impedimentos, apesar de já surgirem também algumas distinções. A reportagem de 1898 já distingue os folguedos baseados na peleja de confetes e bisnagas perfumosas entre cavalheiros e damas das melhores famílias, dos festejos baseados nos limões de cheiro e baldes d’água, praticados pelo Entrudo (JCB,1898 e 1899).

É fundamental destacar, no entanto, que, diante desta suposta liberdade, o próprio JCB (1898:27/fev) chama a atenção, na mesma reportagem, para o fato de que, no Carnaval de Barbacena, esta liberdade deverá ser regida pela boa conduta e pela boa educação da gente barbacenense.

Portanto, baseando-me nas reportagens, se o carnaval, aos olhos do JCB, aponta para uma liberdade e extravagância<sup>21</sup>, estas ao mesmo tempo deverão ser limitadas pela boa conduta. O que demonstra que não existe liberdade plena e absoluta e que toda liberdade é limitada por normas ou por costumes. Assim, estamos aqui diante de uma liberdade limitada e vigiada.

O terceiro ponto nos leva à análise da categoria “melhores famílias”. Até aqui, o JCB não faz distinção nenhuma em termos de liberdade e, digamos, de igualdade de direitos, entre as diversas formas de brincar o carnaval. Até aqui todos estão juntos e

---

<sup>21</sup> A extravagância aqui pode ser vista como uma coisa feita por uma pessoa que foge a um tipo de bom senso, do cotidiano das pessoas, e envolve, por exemplo, gostos, cores e tipos de vestimentas que acabam sendo vistos com um olhar de estranheza pelos outros – mas cuja essência está claramente associada ao carnaval.

misturados, todos podem brincar, não existindo uma hierarquização ou critérios de valorização e distinção entre eles, os folguedos, apenas deve-se ater à observância da boa conduta.

No entanto, mesmo que o JCB não mencione distinção ou hierarquização entre os folguedos até então, a própria ideia de “melhores famílias” imputa em um tipo de divisão e distinção de pessoas e grupos. Ou seja, ao mesmo tempo que o termo melhores famílias serve para unir, tornar pessoas iguais, ele pode ser visto e interpretado como uma forma de dividir, de tornar pessoas e grupos diferentes. E ao definir pessoas e grupos, definem-se comportamentos e criam-se dicotomias. Desta forma, se existem as melhores famílias, quem seriam as piores famílias? Se existe a boa conduta, o que seria a má conduta?

Portanto, tais classificações – “melhores famílias” e “boa conduta” – por si só implicam tanto igualdade e união quanto diferença e divisão. Ao mesmo tempo em que unem uns, separam outros, o que nos põe diante de uma ambiguidade do próprio conceito de igualdade. Assim como existe limite da liberdade (“a boa conduta”), parece estarmos aqui diante dos limites da igualdade, que é pertencer às “melhores famílias”.

Assim, mesmo sem o JCB mencionar, quem são então estas piores ou não melhores famílias? Por que essas outras famílias não aparecem aqui? Por que são invisibilizadas e, assim, não nomeadas? Elas não existem, ou somente as melhores famílias brincam e produzem o carnaval? Estas não melhores famílias conformariam o público em oposição aos atores protagonistas? E o que veremos em situações posteriores é que o conceito de melhores famílias vai ser associado somente a um tipo específico de folguedo, organizado por uma camada da sociedade barbacenense também específica.

A falta de uma explicação mais detalhada na referência feita pelo JCB às “melhores famílias” evidencia que a categoria já é suficientemente clara para o leitor do periódico. Neste contexto, a ideia de família vai ser privatizada na categoria de “melhores famílias” e estendida a conceitos correlatos como elite e alta sociedade, como veremos adiante, associando eventos a pessoas. Situações relacionais vão perpassar pelo curso (outro tipo de folguedo carnavalesco), e chegarão aos bailes, que irão durar em grande pompa até os finais da década de 1980, quando os bailes em clubes começam a entrar em crise e os jornais deixam de associar os bailes às melhores famílias, elite ou alta sociedade.

Já o quarto ponto de análise está associado à questão de ocupação do espaço. A rua XV de Novembro e o Jardim Municipal se apresentavam e se apresentarão como os principais espaços para o carnaval de rua de Barbacena, desde o século XIX ao século XXI. Espaços estes que serão palco de disputa por sua ocupação, e tema de análise em diversos momentos deste trabalho.

O quinto ponto, por sua vez, me leva a analisar o conceito de “extraordinariedade” do rito de carnaval e que deve ser percebida como uma das características do carnaval, quando diversas ações e relações do cotidiano ficam suspensas (BAKHTIN, 1987) e outras realizadas. E esta suspensão do cotidiano através do carnaval é tão contagiante – afirma a reportagem do JCB de 1899 – que leva até mesmo as pessoas a esquecerem dos problemas sociais.

A seguir, busco estudar os folguedos de carnaval e, a partir deles, analisar os tipos de relações sociais que neles são estabelecidas. Como estratégia de apresentação do trabalho, irei analisar individualmente folguedo por folguedo dentro de seu tempo e espaço físico expostos nas matérias dos jornais. No entanto, como veremos, cada folguedo, devido à sua sincronicidade e contemporaneidade com outras manifestações, sempre que necessário, será analisado dentro de um contexto mais amplo.

### **1.1. Entrudo, Embaixada de Momo e Corso**

Vimos que, no final do século XIX, duas reportagens traziam informações que me possibilitaram formular subtemas importantes e relevantes para a análise, tais como: coexistência, liberdade, igualdade, melhores famílias, boa conduta, ocupação do espaço e extraordinariedade. Ao longo dos anos de 1900 a 1907, o JCB vai dar pouco destaque às festas de carnaval e, ao que parece, o carnaval não teve grande participação popular como nos anos anteriores. E segundo o JCB de 1900, um dos motivos do fraco carnaval daquele ano “foi o aguaceiro que caiu”. Ou seja, a culpa de um mal carnaval é da natureza.

O JCB de 1906, apesar de fazer pouca referência ao carnaval de Barbacena, irá destacar a presença do Entrudo; e o JCB de 1907, por sua vez, vai destacar tanto a presença do Entrudo quanto a presença do Préstito ou Embaixada de Momo, que pelas características e descrição dadas pelo periódico em reportagens anteriores, mas sem citar o nome, é o próprio Corso. No entanto, esta correlação entre Préstito ou Embaixada de Momo e Corso só vai se tornar explícita em reportagem do JCB de 1909,



quando o periódico vai destacar que

Neste ano houve novamente a presença da Embaixada de Momo, praticamente obedecendo a mesma ordenação do ano anterior. Uma pequena diferença estava no acréscimo de carros que compunham o Corso. Agora eram 9 carros oficiais<sup>22</sup> mais 19 particulares, todos de pessoas da mais alta sociedade barbacenense. Todos os carros e pessoas estavam bem fantasiadas. Uma outra novidade foi as Batalhas de Confeti ocorridas nos hotéis Martinelli e Aliança e nas casas das famílias Bibiano Castro e Emília de Sá (JCB, 1909).

Fazendo uma análise comparativa e reflexiva, seguimos com outra matéria do mesmo periódico. Se o JCB em reportagens de 1898 e 1899 anunciava a liberdade e a igualdade de todos para participarem dos folguedos, uma reportagem do JCB de 1908 vai abalar toda esta estrutura simbólica carnavalesca baseada na liberdade, igualdade e extravagância, até então proposta sobre o carnaval de Barbacena e exposta em suas reportagens.

Em fevereiro de 1908, o JCB publica em suas páginas a seguinte matéria:

O préstito de Momo encarregado da promoção do carnaval, pedia aos foliões a absoluta abstenção do entrudo e que todos ornamentassem as fachadas de suas casas e que todos poderiam participar a pé, a cavalo ou de carro desde que cadastrados junto à Comissão do Préstito (JCB, 1908, 27, fev./).

Em tal reportagem, duas coisas se tornam públicas e explícitas: o pedido de fim da prática do Entrudo, o que, pelo fato de o rito ser uma ação prática, o levaria à morte; e o incentivo à prática do Corso, o que proporia a esta manifestação sua continuidade. Vemos aqui, portanto, neste pedido, a possibilidade de um primeiro abalo, de uma primeira crise, de um primeiro conflito, inclusive não evidenciado pelos jornais, na coexistência e na harmonia entre folguedos distintos, e que vai se relacionar diretamente com a ocupação do espaço público, ou das ruas do centro da cidade naquele momento.

E aqui há que se ressaltar que tal pedido de abstenção do entrudo relatado no JCB (1908) não veio do Estado e nem da Igreja, e sim de um outro grupo carnavalesco, o Préstito de Momo. Por quê? Qual a intenção do Préstito ou Embaixada de Momo?

Se antes o JCB relatava em suas páginas as ideias de liberdade e igualdade, onde todos acediam ao centro, a partir desta reportagem de 1908, ele mesmo vai contrariar

---

<sup>22</sup> O JCB não define quem são os carros oficiais e nem os particulares. Eu acredito, no entanto, que carros oficiais sejam os carros da própria Embaixada, e carros particulares, os que agregam à Embaixada.

sua própria concepção sobre estes conceitos e relações. A própria ocupação do espaço para a realização da festa vai demonstrar distinção bem como relações de poder, de quem pode e de quem não pode utilizar-se das ruas do centro para fazer carnaval. E de quem determina quem pode e quem não pode.

Desta forma, tal pedido de abstenção me leva diretamente à questão tanto do espaço quanto do tempo e as relações de poder. O que mudou em dez anos? Será que os valores mudaram e o Entrudo passou a ser visto como um ato que extrapola a boa conduta, que não obedece a limites e que contraria a tentativa de construção de uma identidade barbacenense baseada na boa conduta? Ou pelo contrário, foi um ato para o fortalecimento do próprio Préstito de Momo, que buscou eliminar o Entrudo como concorrente, buscando assumir a hegemonia do carnaval em Barbacena, e assim fazer a devida ocupação do espaço, bem como ter para si toda a visibilidade e reconhecimento? Assim, será que com tal atitude, o entrudo passou a ser visto não apenas como um folguedo distinto, mas também como uma categoria social distinta e de oposição? Esta questão, sobre a ocupação do espaço da festa, vai ser um tema importante em nossa análise, quando estivermos estudando os chamados bailes populares na Seção 3 deste capítulo 1.

Outro fator importante aqui na reportagem de 1908 do JCB, além do pedido para absoluta abstenção do entrudo, é a determinação da Embaixada de Momo a aqueles que desejassem participar do Préstito que se cadastrassem junto à Comissão. Tal pedido soa mais como uma proposição e uma iniciativa de burocratização e regulação da festa e das pessoas. A pessoa possui a liberdade, de querer ou não participar. A pessoa possui a igualdade de condições econômicas e materiais de querer ou não participar, inclusive carro e dinheiro, mas deve ainda, se adequar à norma do evento e uma delas é possuir um cadastro<sup>23</sup>. E sabemos que os cadastros servem para identificar a pessoa, para saber quem é, o que faz, onde mora, em que trabalha, qual sua renda, se tem casa própria, se é casado e com quem, se tem filhos etc. Por fim, o cadastro serve para identificar, categorizar a pessoa dentro de um sistema de classificação. Assim, estaríamos diante uma passagem do discurso da liberdade para o discurso da regra, ou a simultaneidade de uma ideia de ausência de censura com a ideia de burocratização da festa? Aqui a igualdade passa a dar lugar a hierarquia, ou ambas convivem na ambiguidade das

---

<sup>23</sup> Aqui me refiro à questão burocrática para participar do folguedo e, também, como mais uma forma de seleção de pessoas.

matérias publicadas no JCB?

Portanto, a partir do pedido de abstenção do entrudo e da burocratização e normatização do curso através de seus próprios agentes, a ideia de que tudo pode e que todos podem novamente não será tão efetiva para ser considerada determinante nos folguedos de carnaval, pelo menos até aqui, nesses casos e momentos em que estamos a refletir.

Assim, a pergunta sobre o que levou o Préstito de Momo a pedir o fim do Entrudo é fácil de ser feita, e difícil de ser respondida. Isso porque os jornais de Barbacena não nos trazem informações<sup>24</sup> para deciframos realmente tal ato e tão pouco temos pessoas que vivenciaram aquele momento, e que, assim, poderiam nos fornecer um quadro vivo daquela época. No entanto, tentando responder esta pergunta e o que levou ao antagonismo entre o Corso e o Entrudo, analisando o carnaval da cidade de Pelotas na década de 1910, Barreto (2011) aponta que

O grande carnaval<sup>25</sup> (Queiroz,1992) chocava-se com o Entrudo, na forma de comemoração ainda existente. Embora Ferreira (2005) argumente que a denominação seja genérica, pois abrange brincadeiras muito diferentes entre si, cujo ponto em comum reside no fato de não estarem incluídas no modelo requintado imaginado pela elite, a base de tal comemoração reside no fato de as pessoas jogarem uma nas outras: líquidos (água, perfumes e outros não tão recomendáveis), ovos, lama e diversos tipos de pós, em especial farinha [...], o que não demandava muitos gastos, o que possibilitava a participação de qualquer (BARRETO,2011:233).

Com tal atitude do Corso de Barbacena, pedindo a abstenção total do Entrudo, e baseado em Barreto (2011) e sua apresentação das diferentes formas de comemoração entre o curso e o entrudo, somado ainda ao custo de participação em cada evento, podemos perceber, portanto, quem seriam as melhores famílias e o que seriam boas condutas. O entrudo, por ser uma festa barata, permitiria a participação de pessoas com pouquíssimos recursos financeiros; já o Corso, com suas luxuosas fantasias e carros, exigia altos gastos. Delineia-se aqui uma questão de classe. As brincadeiras de jogar farinha ou xixi, típicas do entrudo, passaram a ser vistas e tidas como má conduta.

Assim, enquanto o entrudo começou a representar o lixo, o préstito, com seus Carros “Alegóricos e de Crítica”, bem como suas fantasias requintadas, expressava o

---

<sup>24</sup> Também não há trabalhos escritos sobre o carnaval, sobre qualquer tempo ou espaço envolvendo os folguedos realizados no carnaval de Barbacena.

<sup>25</sup> Dos quais o Corso, Préstito e Bailes fazem parte.

luxo e a arte. Segundo Barreto (2011:233), “o curso vai representar a moralidade da família e a modernidade dos carros” – o que me leva a pensar que mudança de valores implica mudança nos hábitos.

Voltando ao “pedido” do Préstito de Momo sobre a abstenção do entrudo, este parece ter surtido efeito, pois a partir de então, o JCB parou, durante muito tempo, com suas reportagens sobre o Entrudo, vindo este termo a aparecer novamente apenas, e pela última vez, em 1942, quando o JCB (1942:17/fev.) vai destacar os carnavais de clube e de rua de Barbacena e fazer uma pequena referência, sem muitos detalhes, aos tempos dos “entrudios”. Eu imagino que “entrudios” esteja se referindo ao Introíto ou Entrudo.

Assim, buscando dar um corpo e fornecer ao leitor um contexto mais amplo sobre o entrudo, recorro a Flores (1996:149) que associa a palavra Introíto à palavra Entrudo. Ou seja, o intróito é a mesma festa que veio a se chamar de entrudo. E ele seria um tipo de carnaval trazido ao Brasil pelos portugueses, e que se realizava em período anterior ao início da quaresma, ou seja, na terça-feira gorda, caracterizando-se por algumas danças e brincadeiras burlescas, grosseiras e brutais, como atirar xixi em outras pessoas, por oportunizar a liberação da sensualidade, além de demarcar classe, gênero e raça, “onde os códigos raciais não permitiam que os negros molhassem ou enfarinhassem os brancos livres” (FLORES,1996:161). E por ser um momento que representa o último dia em que se poderia comer carne, beber e manter relações sexuais, a comida, a bebida, o sexo, a violência e o deboche seriam, entre outras, algumas das características do entrudo.

Nesta perspectiva de comida e bebida, citando Gregório de Mattos (1636-96), Flores (1996:150) destaca o Entrudo “como a festa, a brincadeira da comilança, onde satiricamente o folião se transforma num porco ao comer e ao sujar os outros”. Sendo, portanto, o entrudo a festa da gastronomia. E por ser uma festa gastronômica, os festejos e batalhas do Entrudo envolveriam vários tipos de bolinhos feitos a base de farinha, açúcar, canela, pão e ovos (DINIZ,2008:17).

Segundo Miguez (2020),

O Entrudo possuía ao menos duas características, uma pública e outra familiar, onde como em qualquer outra festa, mesmo a religiosa, a presença negra sempre obedeceria a uma segmentação sócio-étnica, de resto uma marca do cotidiano, o que manteria, como no cotidiano, a distância entre brancos e negros.

(...)

O fato é que a rígida hierarquia que regia as relações entre os senhores brancos e a população negra no seio da sociedade escravista e patriarcal, tanto no Brasil Colônia quanto no período pós-Independência, continuavam vigentes durante as festividades do Entrudo (MIGUEZ,2020:135).

Igual pensamento possui Flores (1996) ao destacar que, apesar de ser visto como uma festa popular, no Entrudo

Havia restrições que marcavam as separações sociais e o comportamento sexual: os negros não podiam molhar os brancos, mas estes podiam ensopar e enfarinhar qualquer negro ou negra. Não era de bom tom homem jogar água em homem (FLORES,1996:154).

Analisando os pensamentos de Flores (1996) e Miguez (2020), somos levados a crer que as hierarquias presentes nas relações do cotidiano se mantinham nas festas de carnaval, particularmente no Entrudo – o que coloca em questão as ideias de liberdade e de igualdade nestas festas.

Segundo Flores (1996:150) e Miguez (2020:136), com a crescente influência dos bailes de máscaras, confetes e serpentinas da cidade francesa de Nice, vistos como elegantes e civilizados, o entrudo começa a ser visto como uma festa bárbara e da idade média, de modo que as camadas mais altas da população começaram a deixar de praticá-lo. Inclusive, o próprio Estado brasileiro através do governo imperial tentou proibir sua manifestação, sem muito êxito, em 1604 e em 1838 na cidade de Porto Alegre, uma lei municipal chegou a pedir multa para brancos e prisão e chicotada a negros escravos que praticassem o Entrudo (FLORES,1996:150).

Novamente nos deparamos com os limites da liberdade e da igualdade de praticar o entrudo, agora em relação à punição para quem o praticasse. Pois, enquanto o branco pagava multa, punição simbólica, o negro escravizado ia preso e levava chibatada, ou seja, recebia uma punição física que é também moral, uma vez que a violência física busca também ferir a honra da pessoa.

Desta forma, mesmo sem ter dados para comprovar e assim responder assertivamente tais questões, proponho, ainda que seja como uma hipótese plausível, que o desaparecimento do Entrudo das páginas do JCB a partir do ano seguinte ao publicado pedido de sua absoluta abstenção, em 1908, pode ter ocorrido ao menos por dois motivos.

Em primeiro lugar, o fato de realmente o Entrudo ter acabado e não ter sido mais posto nas ruas, o que parece pouco provável, pois uma manifestação cultural,

popular e centenária<sup>26</sup> não se acabaria por um pedido em única reportagem de um jornal. Ademais, o pedido deste jornal só atingiria quem o lesse, e é possível que a grande maioria da população neste período não soubesse ler, o que restringiria ainda mais o acesso à informação do pedido do Préstito de Momo e daí na sua prática em períodos posteriores.

O segundo motivo possível é que, apesar de o Entrudo continuar a existir e ser praticado nas ruas de Barbacena, o próprio JCB resolveu não dar visibilidade para este tipo de folguedo, em total apoio ao pedido do Préstito de Momo.

Portanto, a partir de 1908, com o pedido de abstenção e o sumiço do entrudo das páginas do JCB, nós iremos assistir à continuidade e ao reinado do Corso nas ruas de Barbacena – festejo que vai ser glamourizado pelo JCB, até ao menos a década de 1950. Assim, se, até então, o JCB tem poucas matérias sobre o Entrudo, isso não vai acontecer com o Corso.

Desta forma, em Barbacena, com o fim ou a ausência do Entrudo e o advento do Corso, as bisnagas de urina, os limões de cheiro e as enfarinhadas serão substituídos pelo confete, serpentina e lança-perfumes, através das “Batalhas de Confeti” realizadas pelas “melhores famílias da sociedade barbacenense”, como o JCB gostava de se referir em suas páginas a esta camada e grupo social barbacenense da época. Isso porque, analisando o JCB, que é o Jornal que acompanhou todo este período, podemos perceber que o Corso, mesmo tendo outros nomes como Préstito de Momo ou Embaixada de Momo, vai ser sempre referido e associado às “principais famílias, cavalheiros e damas” (JCB,1907) e às “pessoas da mais alta sociedade barbacenense” (JCB,1909).

Assim, podemos analisar esta situação como um espetáculo com várias cenas. O Entrudo, como um dos atores, começa a sair de cena. O que não implica que ele não possa voltar a qualquer momento em outra cena, pois, como veremos mais a frente no capítulo 3, há quem considere serem as espumas brancas dos carnavais atuais, ejetadas por um tubo de pressão, resquícios das bisnagas do Entrudo.

Portanto, com o advento do Corso, a elite de Barbacena irá ficar até mais tarde nas ruas e calçadas do centro. Além disso, estas melhores famílias irão agora desfilar pelas ruas do centro em seus carros sem capota mostrando à cidade luxo, riqueza e belas fantasias. E buscando demonstrar o glamour e a grandiosidade do Corso, o JCB

---

<sup>26</sup> Apesar de não termos dados anteriores a 1898, tudo leva a crer que o Entrudo já era praticado em Barbacena antes desta data.

vai publicar em 1927 uma reportagem dizendo que “o carnaval de Barbacena contou com um curso com mais de cem carros que chegou a percorrer a Rua XV, Praça dos Andradas e Pedro Teixeira”.

Assim, com base nas reportagens do JCB, que infelizmente vêm sem fotos, podemos apontar duas formas de manifestação do Curso de Barbacena ao se apresentarem nas ruas da cidade: os carros alegóricos e os carros de crítica. Descrevendo o curso do ano de 1923, o JCB nos dá a impressão de que, em primeiro, vinham os carros alegóricos e, depois, os carros de crítica. E o porquê desta ordem, até o momento desconheço.

Ao buscar descrever o Carro Alegórico que seguia o Préstito de Momo do Clube Recreativo dos Conquistadores de Barbacena, o JCB nos relata que

O carro-chefe era representado por uma bella allegoria ao deus Apollo, puxado por dois cavalos brancos tamanho natural pelos irmãos Pedro e Orpheu Bonato. No carro iam Orpheu Bonato (Apolo), Irene Ribeiro Nair Barboza, Maria de Oliveira, Iracema Antunes acompanhadas de uma orchestra: flauta, bandolim, cavaquinho e violão, regida pelo maestro sargento Angelo (JCB,1923).

Já os Carros de Crítica possuiriam a função de denunciar, por exemplo, “a falta d'água, a cobrança de impostos, o serviço de prophylaxia e da empresa funerária” (JCB,Fev./1923).

E como exemplo de um Préstito de Momo, o JCB (1924) relata que o Préstito de Momo do Clube Recreativo iria desfilar seguindo a formação abaixo:

Uma banda de clarins que anunciava a entrada dos préstitos,  
Carro Chefe: Deusa do Amor, com dois golfinhos puxando uma concha. A cargo do desenho ficaram Isaura Braz, Maria Costa, Iná Quintão e Ernestina Guilhaduce, Isaura Herthel e Mário Machado,  
Jardim Japonês: Odete Sampaio, Carmen Carvalho, Alice Braz, Jandira Sampaio Srs. Aristóteles Mendes da Silva, Guilherme Menezes, Pedro Saraiva, Joaquim de Oliveira e Carlos Herthel  
Alegoria à Guerra: dois cavalos puxam um canhão. Pedro Bonato e José Neiva,  
Guarda de Honra feita pelos Srs. Orpheu Bonato e Antônio José Romano, João Morgado, Juvenal Apolinário, Antônio Abranches.  
Zé Pereira: um grande caminhão com bombos e tambores,  
Crítica Telephonica: Sr. João Pereira de Castro (piadas sobre o telefone),  
Viação da Cidade: falta de iluminação e rede esgoto. (JCB,1924,fev.)

Na descrição do Préstito e dos carros, percebemos a preocupação do escritor da matéria em elencar os nomes dos envolvidos. Isso seria uma boa estratégia, pois além de

promover o carnaval, visibilizava as pessoas e dava nome às melhores famílias, o que deveria ser parecido hoje com ser citado nos jornais televisivos, nas colunas sociais ou nas mídias sociais. Ser citado nos jornais, portanto, também era uma forma de status, de promoção social. E se pensarmos no Jornal como um negócio e um produto que precisa ser vendido, o dono do periódico precisa, de igual forma, garantir um público-alvo para suas vendas. Assim, podemos perceber uma parceria, intencional ou não, uma relação de reciprocidade entre o JCB e as melhores famílias citadas em suas publicações. Ao mesmo tempo em que o JCB citava os nomes destas famílias, garantindo assim a venda de jornais para um público específico e com dinheiro para comprá-lo, as melhores famílias, ao terem seus nomes publicados nas matérias de jornais, reforçavam o seu status e as diferenças sociais.

A meu ver, há no Corso de Barbacena um aparente paradoxo. Ao mesmo tempo em que o Corso contesta e satiriza a ordem vigente com seu carro de crítica, ele mesmo busca conservar a estrutura vigente com os carros alegóricos, pois ali estão as “melhores famílias” com seus meninos e meninas demonstrando luxo e belas fantasias. As duas formas expressivas do Corso se opõem e se complementam, revelando valores e práticas distintos mas coexistentes.

Os carros de crítica foram importantes formas de contestação social neste período. Mas, no entanto, relata o JCB, no carnaval de 1926 “o delegado de polícia proibiu canções que ferissem as autoridades, o uso de símbolos e de cultos cívicos e religiosos” (JCB, 1926, fev.).

Tal determinação policial, de proibir o Corso de criticar o Estado e a Igreja, demonstra, a exemplo do Entrudo, uma ação de regulação da liberdade e da festa carnavalesca. No caso do Corso, em realidade temos dois tipos de regulação, uma interna e feita anteriormente, que é a obrigação de se cadastrar junto à Comissão do Préstito, e outra externa, que representa a regulação da festa pelo Estado, aqui representado pela figura do delegado de polícia.

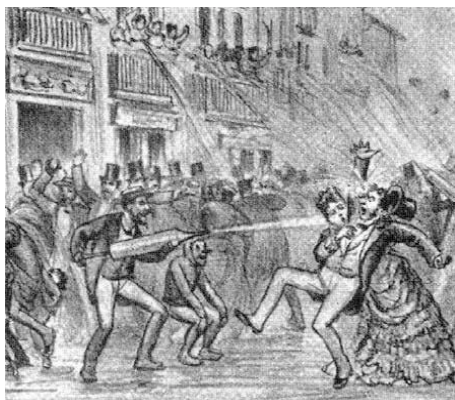
Foram vários anos de boas e felizes reportagens enaltecendo a grandiosidade dos Préstitos de Momo e do Corso com seus carros alegóricos e de críticas, com desfiles em carros sem capotas levando meninos e meninas fantasiados pelas ruas de Barbacena, representando as melhores famílias. Em reportagem de 1946, porém, o JCB irá relatar a baixa existência ou quase ausência dos carros sem capota no carnaval de rua de Barbacena e destacar que “o corso foi realizado em caminhões” (JCB, 1946). São



situações e acontecimentos que vão demonstrar que o Corso, como folguedo, não era todo poderoso assim, e que poderia também ruir.

É aqui nesta transição do carro sem capota para os caminhões, a meu ver, que o Préstito de Momo ou o Corso vai perder seu glamour e seu status de carnaval de elite. O Corso se caracterizava pelo luxo, belas fantasias e também pelo uso dos carros que associavam a elite à modernidade. E, a meu ver, o desfile em caminhões não proporciona este mesmo destaque, não representa a elite e suas famílias. O carro sem capota e o caminhão não possuem o mesmo valor simbólico. O carro sem capota está associado ao lazer, ao conforto, à família, à cidade, ao moderno, a quem manda; e o caminhão, à dureza, ao trabalho, ao rural, ao caipira, a quem obedece. O carro representa status, o caminhão não. E para agravar ainda mais a crise, os carros sem capota foram sendo deixados de serem produzidos no Brasil.

Por fim, depois da reportagem acima de 1946 sobre o desfile em caminhões, o JCB irá ficar sem mencionar a palavra Corso até o ano de 1953. O periódico somente vai voltar a mencionar o termo justamente para dizer que não houve Corso naquele ano, pois “o mal tempo prejudicou a apresentação dos blocos, cordões e corso”, destaca o JCB (1953,14,fev.).



A gravura ao lado, retirada do trabalho de André Diniz, *O Almanaque do Carnaval* (2008), tendo autor e local desconhecidos, retrata o entrudo público. Podemos perceber que não existem negros na pintura, o que pode caracterizar uma festa onde não haveria mistura de raças, e somente presença de pessoas brancas, pois todos estão bem-vestidos e calçados.



Ao lado temos a obra de Debret<sup>27</sup> (1768-1848), “Carnaval de Rua Prancha ou Entrudo”, de 1834. Nela, percebemos somente a presença de negros brincando com negros, o que pode vir a confirmar a hipótese sobre a hierarquia nas festas do entrudo e a manutenção das distinções sociais.

<sup>27</sup> (Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/carnaval/a-pratica-carnavalesca-entrudo.htm>).



Já a pintura ao lado, de Augustus Early<sup>28</sup> (1793-1838), é denominada de “Jogos Durante o Carnaval no Rio De Janeiro” e representa o Entrudo Familiar. Percebemos que existem três pessoas negras na pintura. Uma mulher negra que parece servir aos participantes os tão famosos bolinhos de farinha. Uma outra caída ao solo, e quase pisoteada. E uma terceira, talvez uma criança, também carregando bolinhos de farinha. Apesar de haver brancos e negros, podemos perceber que são dois mundos distintos, um que parece se divertir, outro que trabalha garantindo a diversão e que assiste a tudo de boca aberta e com olhar de espanto.



À esquerda, temos uma foto do Corso no Rio de Janeiro, ano de 1907<sup>29</sup>. Nesta foto do início do século XX, percebemos dois homens brancos e cinco mulheres brancas onde os homens, talvez um deles dirigindo, vão à frente e as mulheres vão atrás. Em termos de gênero, isso poderia apontar, talvez, o espaço de cada sexo dentro da festa, onde lugar de mulher não é no volante. Segundo o site do Jornal O Globo, somente “em 1932, Maria José Pereira Barbosa Lima e Rosa Helena Schorling tornaram-se as primeiras mulheres a conseguir habilitação para dirigir no país” (<https://oglobo.globo.com>). E a foto é de 25 anos antes.

<sup>28</sup> Fonte: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/entrudo-a-festa-abominada-que-deu-origem-ao-carnaval-no-Brasil>

<sup>29</sup> Fonte: <https://www.riodejaneiroaqui.com/carnaval/carnaval-corso>



Vemos, à esquerda, o Corso no Carnaval de Recife, na Rua Imperatriz, década de 1940<sup>30</sup>. Aqui podemos perceber os carros sem capota e as serpentinas jogadas à frente do carro, além de um homem dirigindo cheio de

pose. Nem todas as pessoas parecem estar fantasiadas. Apenas um, justamente o motorista, parece estar fantasiado, ou ao menos com uma roupa de marinheiro.



Já a foto ao lado também representa o corso, mas da cidade de Barbacena. Esta foto nos foi cedida por Valéria Paulucci, sobrinha de Otto Paulucci, um dos fundadores do Bloco União das Cores. Trata-se de alguns de seus familiares, no carnaval de 1937. É a única foto que consegui sobre o corso de Barbacena. Infelizmente, Valéria não soube precisar quem seriam as

crianças na foto. Esta fotografia, em realidade, ela obteve com um primo seu, que também não sabia precisar quem eram. A imagem nos mostra e evidencia ao menos duas características do corso: automóvel sem capota e meninos e meninas bem fantasiados, como os jornais da época assim descreviam.

## 1.2. Zé Pereira, Baile Social e Rancho

Outro folguedo importante e influente, e que aconteceu em Barbacena entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, foi o Zé Pereira, que aparece pela primeira vez citado pelo JCB em 1898, ao lado dos limões de cheiro e dos confetes. Por sua vez, o termo Zé Pereira vai aparecer pela última vez citado em jornais de 1946, quando o JCB vai destacar

<sup>30</sup> Fonte: <https://jornaldigital.recife.br/2024/02/09/corso-carnavalesco-o-carnaval-antes-dos-trios-eletricos/>

A realização do Carnaval da Vitória onde um grupo realizou alguns préstitos de Zé Pereira, houve as apresentações do Bloco Rancho União dos Operários e do Bloco Mina de Ouro, bem como houve bailes no Clube Barbacenense e na Associação dos Bancários. (JCB,1946).

Esta reportagem é de suma importância, pois além de comprovar a ainda existência do Zé Pereira em pleno ano de 1946, vem a comprovar que durante este tempo, de 1898 a 1946, o que existe é a contemporaneidade de vários folguedos e a coexistência do Zé Pereira não só com o Entrudo e os Préstitos de Momo, mas também com o Corso, os Bailes da primeira metade do século XX e os Blocos-Ranchos. Em realidade, as reportagens do JCB sobre este período vão demonstrar que o Zé Pereira era peça fundamental em muitos destes folguedos.

Nesta perspectiva, em relação a coexistência do Zé Pereira com o Préstito de Momo, destaco a reportagem de 1908, quando o JCB irá reportar que, no carnaval daquele ano,

A Embaixada de Momo aparece como um verdadeiro acontecimento, composto pelo seguinte préstito: Carros, Grupos de Alegoria, tudo isso acompanhado por um formidoso "Zé Pereira", havendo concursos de vários cavalheiros e carros fantasiados. O itinerário percorrido obedeceu ao seguinte percurso: saída do largo da boa morte, seguindo pela Praça Conde de Prados, jardim Municipal, Rua 15 de Novembro, Rua Monsenhor João Gonçalves, Ponte Seca, Rua Nova, Praça Coronel Rodolpho Abreu, Rua da Estação atravessando a linha férrea até a Rua 7 de Setembro, Rua Monsenhor João Gonçalves, Rua 15 de Novembro, Praça Conde de Prados, contornando o Jardim e retornando a Boa Morte (JCB,1908).

O Zé Pereira também marcou presença nos Clubes, como destaca o JCB de 1915.

Três dias de baile no Club Barbacenense, domingo, segunda e terça feiras. Houve também a presença de um Zé Pereira que tocou várias polkas e valsas e de dois grupos: "Rei da Folia" e "Mamãe Eu Quero" (JCB,1915).

Nesta reportagem percebemos, além da presença do Zé Pereira nos clubes, que as músicas tocadas pelo Zé Pereira eram ainda músicas importadas e que não se tocavam músicas nacionais no Club Barbacenense.

Isso porque a música brasileira teria sido introduzida no Zé Pereira já na segunda metade do século XIX com a adaptação de uma música francesa pelo ator

Francisco Correia Vasques (DINIZ, 2008:17). Pelo jeito, a modernidade da música com características locais ainda não havia chegado ao Zé Pereira do Clube Barbacense.

Em 1924, o JCB (fev.) destaca o desfile do Zé Pereira como “um grande caminhão com bombos e tambores”, o que demonstra que o Zé Pereira também se apresentava pelas ruas não somente a pé, mas também em automóveis, reforçando sua presença no curso de Barbacena.

Segundo André Diniz (2008), a exemplo do Entrudo, o Zé Pereira também teria sua origem em Portugal, mais precisamente na região do Minho.

Com os tocadores de bombos enormes que acompanhavam procissões, e que apesar de enormes e potentes, não chegavam a produzir qualquer espécie de música em seu zabumbar continuado, mas apenas um estrondar compassado, marcando provavelmente o ritmo do andar do portador do instrumento (DINIZ,2008:17).

Assim, estes instrumentos teriam chegado ao Brasil, pelos portugueses, e ao chegarem no Brasil teriam se espalhado pelo Rio de Janeiro e, em seguida, por várias outras partes do Brasil.

Desta forma, o Zé Pereira se caracteriza pela batida dos tambores e zabumbas que fazem um tipo de marcação e que nas ruas levam as pessoas a segui-lo. Com o passar dos tempos, outros instrumentos foram sendo introduzidos em sua performance, como o violão, os instrumentos de sopro, reco-reco, etc., ou ele foi introduzindo novas performances em outros folguedos de carnaval que usaram do bumbo para fazerem a marcação para seus compassos musicais (DINIZ,2008:17)

Com base nas informações dos jornais e do próprio André Diniz (2008), distintamente do Entrudo e do Corso, marcados pelas relações de raça, classe e gênero (FLORES,1996:154; MIGUEZ,2020:135; BARRETO,2011:233), o Zé Pereira, a princípio, e ao contrário destes, não implica distinções de raça nem de classe, pois o Zé Pereira estaria presente em vários momentos, locais e tipos de folguedo do carnaval de Barbacena, desde as ruas com o Corso e os Blocos até os clubes. O que vai nos fazer perceber que existirá não um tipo de Zé Pereira, mas vários, cada um com seu estilo e adequado ao folguedo com o qual interagia.

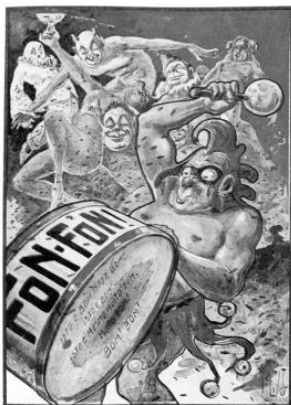
Assim, com relação ao Zé Pereira, ao Corso, Bailes e Blocos, o que vemos não é só suas contemporaneidades, mas também suas sincronicidades e capacidades de



compartilharem o mesmo espaço, seja em um local aberto como as ruas, ou locais fechados como as residências, clubes, escolas e hotéis, seja no tempo, no mesmo evento, no mesmo momento e no mesmo horário. No entanto, se o JCB descrevia quem eram os membros do Entrudo e do Corso, o mesmo não vai acontecer com os membros do Zé Pereira. Não sabemos quem são, quem toca o bumbo, marcando o ritmo, ou os violões e reco-reco que vieram depois. Nada é mencionado sobre quem são estas pessoas.

Portanto, se no Entrudo existiam os livres e os escravizados, brancos e pretos, ricos e pobres; se no Corso existiam as melhores famílias; aqui no Zé Pereira, estas categorias dicotômicas e de oposição nas reportagens não aparecem, não são citadas, ou porque não existem ou porque mesmo existindo elas são negligenciadas por algum motivo.

O bumbo do Zé Pereira, ilustração de Klixto para a revista Fon-Fon (1907/1958).  
Fonte: Almanaque do Carnaval.2008:18.



Zé Pereira em Portugal.  
Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/origem-do-ze-pereira.html>



Assim, mais que associar o Zé Pereira a questões de classe, raça e gênero, talvez possamos entendê-lo como o responsável pela música, um precursor do profissional de música, associado às zabumbas, mas também a outros instrumentos de sopro e de cordas. Isso porque, além de estarem nos clubes e corso, segundo André Diniz (2008:18), o surdo, derivado do bumbo e zabumba, vai ser essencial nos desfiles de escola de samba, por ser o surdo responsável pela marcação do passo do sambista e da cadência das músicas de samba enredo.

Os bailes sociais em Barbacena, de acordo com as reportagens, se constituíram no tipo de brincar carnaval que mais tempo durou na cidade,

ocorrendo desde as primeiras décadas do século XX até a primeira década do século XXI, portanto, em torno de 100 anos. E devido a este longo tempo, eu dividi seu estudo em duas partes. A primeira parte compreende a primeira metade do século XX, período em que os bailes eram realizados em escolas, hotéis, cinemas, residências e clubes. Já a segunda parte compreende a segunda metade do século XX, quando a realização dos bailes vai se concentrar especificamente em clubes sociais. Destaco as décadas de 1970 e 1980, período em que os clubes vão formar uma parceria com os desfiles das escolas de escolas e fazer Barbacena ter um dos mais belos carnavais de Minas de Gerais, tanto de rua quanto de clubes, segundo os próprios Jornais da época e os interlocutores por mim entrevistados (Cap. 2).

Ao analisarmos a primeira metade do século XX, percebemos que a primeira vez que a palavra “baile” é colocada será no ano de 1908, estando ela diretamente relacionada à Embaixada de Momo e à categoria de “seleta sociedade”. Tal relação Embaixada de Momo/Bailes/Sociedade está estampada na reportagem sobre o carnaval de 1908, quando o JCB vai reportar que “trens da Central chegavam trazendo muitas pessoas das vizinhanças fantasiadas de diversos tipos” (JCB,1908) e que após a realização do préstito de Momo pelas diversas ruas de Barbacena, muitas pessoas se dirigiam para os bailes na Escola Normal uma vez que, destaca o JCB,

A comissão Embaixada de Momo também organizou um baile na Escola Normal, onde a iluminação ficou a cargo do Sr. Camilo Fonseca Filho. As pessoas convidadas, todas fantasiadas, faziam parte da seleta sociedade barbacenense (JCB,1980:02/fev.).

Se o JCB vai se referir em 1908 aos frequentadores dos clubes como “parte da seleta sociedade barbacenense”, 35 anos depois, o mesmo JCB vai destacar que no clube Colonial “a nata social de Barbacena ali compareceu enchendo literalmente as dependências do Clube.”

Portanto, nesta relação Corso/Baile/Sociedade, há que destacar que, segundo o JCB (1908), a Comissão Embaixada de Momo é a mesma Comissão que organizava tanto os desfiles de automóveis, quanto os bailes da primeira metade do século XX. E essa associação vai ser uma constância ao longo deste período, quando os bailes eram realizados não somente na Escola Normal (JCB: 1908, 1937, 1938), mas também em Hotéis, como o Martinelli (JCB: 1909), o Aliança (JCB:1909, 1917, 1927), o Grande

Hotel (JCB:1923), o Hotel Palace<sup>31</sup> (JCB:1934, 1957) e o Hotel Brasil (JCB: 1939); em casas de famílias como as de Bibiano Castro e Emília de Sá (JCB:1909) ou no salão da Exma. Sra D. Alice Costa (JCB:1913); em Cinemas como o Cine-Teatro Apolo (JCB:1941) e o Cine-Teatro Brasil (JCB:1944); e em clubes como o Barbacense<sup>32</sup> (JCB:1915), o Recreativo dos Conquistadores de Barbacena (JCB: 1923,1924, 1929), o Clube dos Repentinos (JCB: 1923), o Democrata Football (JCB:1924), o Royal Clube (JCB: 1929), o Olympic Club (JCB: 1936), o Clube Colonial (JCB:1943) e o Automóvel Clube<sup>33</sup> (JCB:1942, 1949, 1951, 1957).

Diante de tais reportagens, destaco dois pontos.

O primeiro é a reafirmação da existência do corso, mesmo antes de ele ser citado nos jornais, e do baile como extensão do corso. E quando se fala em extensão, não há só que pensar em termos das pessoas saírem das ruas e irem para os clubes, ou de uma extensão do público para o privado. Pois, mesmo acontecendo em espaço público, nas ruas, o corso era privado, tanto quanto no clube. Esta extensão se trata da permanência do uso das categorias melhores famílias, elite, alta sociedade, nata social, e seleta família, entre outras correlatas.

Assim, esta extensão está associada ao fato de que o pronome de tratamento ou da categoria de melhores famílias também irão seguir este trajeto do corso para os clubes, acompanhando as pessoas.

O segundo ponto a destacar é que, mesmo os bailes sendo extensão do corso e mesmo com o fim do Corso pelas ruas da cidade, e isso vai acontecer ainda na primeira metade do século XX, o pronome de tratamento ou a categoria de “melhores famílias” continuarão sendo direcionados aos frequentadores dos clubes, talvez com maior força e grau, na segunda metade do século XX. Nesse momento, surgiram termos correlatos tais como socialaite<sup>34</sup> (JCB,1985) para designar os frequentadores de clube de elite e uma outra categoria, “povão” (JCB,1989), para se referir aos que não frequentavam os clubes sociais de elite.

Em passagem anterior, apontei como provável início do fim do corso em Barbacena o ano de 1946, quando o JCB destacou que o corso havia sido realizado naquele ano em caminhões. No entanto, o fim do corso nas ruas já vinha sendo

---

<sup>31</sup> Pertencente à família Bonatto, comerciante e organizadora de vários Préstitos e Corsos.

<sup>32</sup> Pertencente à família Bias Fortes, políticos.

<sup>33</sup> Pertencente à família Andrada, políticos.

<sup>34</sup> Grafia utilizada na própria reportagem.



anunciado desde 1925, quando em uma reportagem sobre o carnaval de Barbacena, o JCB (1924) destacava: “há tempos se observa em várias cidades a passagem do carnaval de rua para os salões”.

Portanto, apesar de contemporâneos, com o início do fim do carnaval de rua realizado pelo curso e a ida dos brancos ricos para os salões das casas de família, escolas, hotéis, associações e clubes, as ruas de Barbacena começaram a ficar livres para a ocupação dos blocos ranchos. Estes blocos ranchos vão existir oficialmente até a década de 1970, mas deixaram resquícios e marcas nas escolas de samba, que irão surgir, no contexto de Barbacena, neste mesmo período. Inclusive, algumas escolas irão surgir dos próprios blocos ranchos.

Ao falar sobre o surgimento dos ranchos, é inevitável mencionarmos o Rio de Janeiro, berço desta manifestação popular. As narrativas sobre a origem dessa forma carnavalesca são diversas, mas tendem a convergir em alguns pontos, que se tornaram consensuais. Gonçalves (2007) indica que, segundo folcloristas e cronistas, a principal fonte dos ranchos carnavalescos teria sido os ranchos baianos e os pastoris. No ano de 1894, teria desfilado o primeiro rancho carnavalesco carioca, o “Reis de Ouro”. Segundo a literatura sobre o tema, o negro baiano Hilário Jovino Ferreira teria migrado para o Rio de Janeiro (onde já existiam ranchos de Reis) e lá fundado e organizado o rancho carnavalesco “Reis de Ouro” (GONÇALVES,2007:51).

O cortejo, a circulação pelas ruas e a passagem entre as casas, aspectos típicos dos ranchos de Reis, os tornam semelhantes aos ranchos cariocas. Por um lado, a associação com os ranchos de Reis aproxima os ranchos cariocas das tradições folclóricas, por outro lado, os ranchos cariocas são tidos como fruto de um novo contexto urbano, exemplarmente vivenciado por Hilário Jovino (GONÇALVES,2007:52)

Segundo André Diniz (2008:20), os ranchos teriam surgido na zona portuária do Rio de Janeiro e se constituíam em

Cordões mais organizados, com luxo, beleza e refino musical. Eles apresentavam porta-estandarte, três mestres-salas (um de harmonia para a orquestra, um de canto para o coro e um de sala para a parte coreográfica) e um instrumental com violões, cavaquinho, flautas e clarineta. Produziam uma música elaborada, que aproveitava o potencial melódico e harmônico da formação dos seus conjuntos e que se consolidou no estilo conhecido como marcha-rancho (DINIZ,2008:20).

Ao associar a criação dos ranchos a um grupo natalino, André Diniz (2008)

destaca ainda que, a exemplo do rancho, o canto e o batuque dos negros influenciaram muitas festas religiosas como a festa de Nossa Senhora do Rosário (DINIZ,2008:19) e a Festa do Divino (DINIZ,2008:24), transformando estas festas religiosas em festas carnavalescas. Assim, o próprio rancho seria uma destas variações de festas religiosas criadas pelos negros brasileiros, o que poderia nos levar a discutir os limites do sagrado e do profano.

A partir dessa literatura, vemos, portanto, narrativas marcadas pelas transições: da Bahia ao Rio de Janeiro; do sagrado ao profano; do mundo rural ao contexto urbano, da simplicidade à organização e ao refinamento. E é em outra transição, do Rio de Janeiro para Barbacena, que se volta nossa atenção.

Em minhas pesquisas sobre o folgado Rancho, observei que a palavra rancho vai aparecer pela primeira vez nos jornais de Barbacena no ano de 1926, quando o JCB irá se referir ao

Rancho Beija-Flor localizado no bairro Alto Fábrica e criado pelo Sr. Augusto Avelino de Araújo Lima, ao lado dos clubes Democratas e Repentinos, como um dos clubes que ofereceu baile de carnaval em sua sede (JCB,1926).

Esta reportagem também nos é importante, porque surge um ano depois da reportagem de 1925 do JCB que já apontava para um esvaziamento das ruas por parte da elite, deixando o espaço quase que livre para outros agentes sociais. E ao que parece este espaço vai ser ocupado pelos blocos ranchos.

O que evidencia, por sua vez, que os bailes não eram exclusivos das melhores famílias, ou dos clubes de elite, e que os não incluídos nas melhores famílias, ou seja, no corso ou nos salões, também se organizavam e festejavam em suas sedes. Isso vem a demonstrar, independentemente de classe, raça ou gênero, a importância das associações e clubes como espaços de relações interpessoais e de organização social.

Apesar da palavra rancho ser citada pela primeira vez somente em 1926, o JCB já fazia referência aos blocos ranchos ao menos desde 1924, quando o periódico vai dar destaque ao bloco “Arco-Íris”, formado por empregados da fábrica têxtil, bloco “Repentinos”, formado por operários, e o bloco “Os 21”, formado por empregados do Colégio Militar (JCB,1924).

Se, como vimos, no corso e nos clubes prevaleciam os comerciantes, políticos, donos de hotéis, de cinemas, ou seja, brancos, ricos e patrões, a partir dos anos 1920

iremos assistir à presença de pretos, brancos pobres e empregados nas ruas fazendo carnaval. E aqui vemos nitidamente a divisão social de classe expressa nas formas de brincar o carnaval. O jornal não fala em classes, mas estamos, sim, diante de uma divisão de classes dentro do carnaval, demonstrando que, ao menos aqui, em particular, a proposta de ser o carnaval um momento em que as diferenças sociais se anulam ou mesmo se invertem não parece proceder. E o que vemos é o contrário, é a afirmação das diferenças de classes.

Portanto, nesta sequência de reportagens, se a palavra Rancho só vai aparecer em 1926, o próprio folgado começará a receber destaques e elogios, efetivamente, somente a partir de 1929, quando o JCB vai enfatizar que, apesar do fraco carnaval na cidade, duas coisas deveriam ser destacadas. A primeira são as chuvas que caíram durante os quatro dias de folia, mas que “não impediram que Barbacena realizasse um dos melhores carnavais de sua história”. E a segunda é que

Pela primeira vez foi apresentado o "Rancho União Das Cores" com sede no bairro Boa Morte e que foi o iniciador do desfile na Praça dos Andrada, poucos minutos após 8 horas da noite, precedido de seu custoso e artístico estandarte, conduzido por uma senhorinha, que arrancou aplausos, apresentando ainda um corpo de coros disciplinados e admiravelmente ensaiado e sob a direção do popular carnavalesco Manoel Sátyro, criador dos blocos ranchos em Barbacena (JCB,1929).

Além de Manoel Sátyro, compunham a direção do Bloco Rancho União das Cores os senhores Julio Ferreira, Otto Paulucci, Adhemar Dutra e Antonio Trindade. O JCB também dá destaques especiais à rainha Maria da Glória Trindade e ao príncipe José Silveira, à guarda de honra Dalila Campos, à porta-estandarte Vicentina Belluci e à fada Ednéa Vianna (JCB,1929). Nesta reportagem de 1929, o JCB, além de fazer referência ao Rancho União das Cores, vai apontar a existência de mais três ranchos: Caprichosos Aventureiros, Repentinos e Beija-Flor.

A indicação de Manoel Sátyro como o criador dos blocos ranchos em Barbacena faz sentido pelo fato de Manoel Sátyro ser natural da cidade do Rio de Janeiro e ter vindo a viver e trabalhar em Barbacena por volta de 1920, onde se casou com Maria Ferreira Sátyro, em 1922, e com ela teve cinco filhos: Nelly Margarida, Imaculada Conceição, Francisca, Maurício e Adalberto.

Durante este período de coexistência de ranchos, Zé Pereiras, corsos e bailes, alguns blocos ranchos chegaram a fazer apresentações em clubes da elite municipal,

como destaca a reportagem do JCB de 1929, quando

O Clube Barbacenense durante os três dias recebeu visitas de outras associações da cidade como o Clube dos Repentinos, os Ranchos Beija-Flor, União das Cores e Caprichosos Aventureiros (JCB,1929).

Esta reportagem demonstra a existência de ao menos três blocos ranchos em harmonia e compartilhando o mesmo espaço dos clubes, e ao mesmo tempo. Assim, ao Bloco Rancho lhe é permitido entrar, estabelecer-se e ajudar na construção da festa do clube.

Considerando a diferença social entre os frequentadores do clube e os membros do Rancho, é possível que estas ocasiões de interação e coexistência pudessem representar o único momento em que fosse permitido ao empregado ficar frente a frente com o seu chefe, com seu político e vice-versa. Aí, eventualmente, ele pudesse começar a estabelecer um tipo de relação mais próxima com este grupo social, e com isso obter uma melhora no emprego, ou algum outro tipo de vantagem. Ou, quem sabe, ao patrão e/ou político, por sua vez, fosse possibilitado encontrar um profissional que ele estivesse procurando ou um fiel eleitor.

Portanto, este momento poderia ser único para muitos, por proporcionar um sistema de trocas e de interações entre pessoas de diferentes estratos sociais. A festa funciona como local e processo de sociabilidade. Desta forma, estes contatos e trocas vão existir não apenas com as visitas dos ranchos aos clubes, mas também quando os ranchos passam desfilar em frente às casas de pessoas ilustres da cidade.

Com relação a este sistema de trocas, o JCB (1930) destaca:

Como apontado, os ranchos tinham como praxe passar em frente as casas de pessoas ilustres e render-lhes algum tipo de homenagem. Desta feita ao passarem em frente a casa do Dr. Bias Fortes, o orador do Rancho, Sr. José Pereira, fez um discurso o que foi retribuído e entregue um lindo estandarte a este rancho, oferta da madrinha do rancho Maria Nazareth Bias Fortes, filha do Dr. Bias Fortes. Em retribuição a essa oferta, a porta estandarte, a senhorinha Geralda Ferreira, filha de Ezequiel Ferreira, funcionário do Grupo Escolar Bias Fortes, fez um ilustre discurso à senhorinha, Maria Nazareth Bias Fortes, madrinha do Rancho. Na 3ª noite de carnaval, o baile na sede do Rancho União das Cores foi visitado pela senhorinha Maria Nazareth Tamm Bias Fortes e seu pai, o Dr. Bias Fortes que agradeceu e exaltou a participação do operariado do Rancho "União das Cores" como incentivo, melhora e engrandecimento ao carnaval de Barbacena (JCB,1930).

Na reportagem acima acontece o que podemos chamar de a terceira fase do

sistema de trocas<sup>35</sup>, que é a retribuição da visita dos dirigentes do Clube Barbacense ao Rancho União da Cores. E esta retribuição acontece na rua, em um lugar público e na frente de todos, onde, em troca de discursos, o Rancho recebe um estandarte e, em seguida, faz um novo discurso à pessoa que o ofertou. O que mostra a força do discurso e o peso das palavras, apesar de elas serem consumidas pelo ar. Mas que, como aponta Geertz (2008), possuem o poder de dar nome e significado às coisas, de tornar concretas as ideias. Infelizmente não tenho nenhum discurso encontrado, nem escrito e nem gravado, para saber seu conteúdo e aí sim fazer um trabalho mais analítico sobre eles. Mas podemos apontar que os discursos e as homenagens são formas recorrentes de construir vínculos e alianças, nas mais variadas situações sociais, como nos mostra a vasta literatura antropológica sobre o tema.

Assim, distintamente da relação antagônica e de oposição que tomou curso entre o corso e o entrudo, e que partiu para o conflito simbólico de o corso tentar proibir a festa do entrudo, ao que parece não há relatos de relações antagônicas, de oposição ou de conflito entre os bailes e os ranchos, mas sim uma relação de harmonia, o que facilitaria a coexistência entre ambos. No entanto, é importante destacar que esta harmonia poderia até representar uma ausência de conflitos, mas não representa necessariamente uma relação de igualdade. Pouco ou nada sabemos sobre estas relações. Quanto tempo o Bloco-Rancho ficava tocando e dançando no clube? Recebiam algum pagamento para isso? Depois de tocarem, eles se sentavam à mesa<sup>36</sup> e compartilhavam as mesmas bebidas e comidas com os brancos ricos e patrões, ou simplesmente se apresentavam e iam embora? Serviam apenas para tocar, dançar e divertir a elite, as melhores famílias? Infelizmente estas questões e situações não são postas nas reportagens, o que nos dificulta de igual forma fazer uma análise mais consistente sobre o assunto, ou seja, sobre as relações existentes entre os membros dos ranchos e os frequentadores dos bailes, no que se refere à afirmação ou à negação das diferenças sociais do cotidiano durante a festa de carnaval.

Com relação específica aos bailes de Barbacena, se até então havia um domínio das músicas tais como a polka e a valsa, como destaca o JCB em reportagem de 1915,

---

<sup>35</sup> MAUSS, Marcel (1925). Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia.

<sup>36</sup> Segundo Fischler, em seus estudos sobre alimentação e regras alimentares, somente os iguais sentam à mesa. FISCHLER, Claude. (1995). El (h)omnívoro. Editorial Anagrama. Barcelona. España.

agora com o advento do rancho e sua interação com os clubes, os próprios frequentadores dos clubes começam a ouvir música brasileira, em especial o samba e o maxixe, como demonstra a reportagem do JCB de 1923.

No Clube Barbacense houve bailes noturnos e matinê infantil, sob a orquestra e batuta do Maestro Waldemar Gonçalves, onde as pessoas dançavam tango, fox-trottes. Já no Grande Hotel, considerado o melhor da cidade, as pessoas foram embaladas pelo som do maxixinho (JCB,1923).

Sobre a música brasileira no carnaval, André Diniz (2008) aponta a marchinha “Oh Abre Alas” de Chiquinha Gonzaga, em 1899, como a primeira música essencialmente brasileira criada para caracterizar o nosso carnaval. Assim, se em 1915 os clubes de Barbacena só ouviam e tocavam músicas trazidas do velho continente, oito anos depois, eles iram começar a ouvir e tocar música nacional. O que é muito bom, pois pode ter fortalecido com o tempo a ideia de um carnaval mais brasileiro e de músicas especialmente escritas para os momentos de carnaval, como acontece até hoje com as músicas de samba enredo das escolas de samba do Rio de Janeiro.

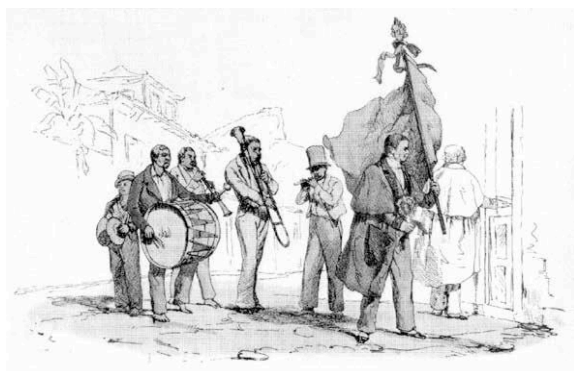
Na década de 1920, várias reportagens irão expressar o glamour dos ranchos, mas também a competitividade entre eles. A competitividade está estampada, por exemplo, em uma reportagem do JCB de 1928 que narra que, em um concurso, os ranchos Caprichosos Aventureiros, Repentinos e Beija-flor saíram vitoriosos em 1º, 2º e 3º lugares, respectivamente, recebendo os seguintes prêmios: “Pendula Sobre Um Elefante de Bronze”, “Par de Cachepot de Prata” e “Par de Jarras de Prata.”

Ainda sobre a premiação aos ranchos, o JCB de 1929 destaca que

A comissão municipal julgadora elegeu como os melhores "carros" o Rancho Beija-Flor e o Caprichosos Aventureiros que ficaram empatados, sendo que o Rancho União das Cores ficou com os prêmios de "mais bem phantasiado" e "melhor estandarte" e o Clube dos Repentinos com os "melhores cânticos e músicas", o "melhor choro" ficou com Luiz de Souza e a "melhor máscara" foi para Aldegundes Mendes (JCB,1929).

Aqui gostaria de destacar que a competição e as premiações, observadas nos desfiles de ranchos, como também nos cursos e nos clubes da primeira metade do século XX, estarão presentes igualmente nos desfiles de escolas de samba e clubes sociais da segunda metade do século, como veremos na próxima seção, bem como no capítulo 2. Veremos como, ao lado da competição, surgirá outra categoria de análise, a rivalidade, e ao lado da premiação surgirá a subvenção. A rivalidade, associada aos

carnavalescos, e a subvenção, às escolas de samba.



do Zé Pereira nas festas religiosas.



Aqui vemos uma gravura de Ludwig and Briggs<sup>37</sup> retratando a Festa do Divino, que, como destacou André Diniz, acabou ganhando feição carnavalesca no decorrer dos séculos. Sendo uma festa religiosa, nesta gravura podemos também perceber a presença e a importância do bumbo

A foto à esquerda se refere ao grupo rancho Ameno Resedá, em 1911<sup>38</sup>. Este bloco rancho foi criado por Hilário Jovino, considerado o pai dos ranchos no Rio de Janeiro, de acordo com André Diniz (2008:21). Aqui sim, a presença das pessoas negras é majoritária. E o que podemos perceber é que são mulheres negras, talvez uma

apenas seja branca. Isso vem a demonstrar a extrema influência do povo negro na produção e construção dos blocos ranchos.

### 1.3. Escolas de Samba, Clubes Sociais, Bailes Populares e Ocupação do Espaço

Assim, buscando traçar um resumo histórico, apesar de nossos estudos se voltarem agora para a análise das escolas de samba a partir da segunda metade do século XX, elas são anteriores a esta época. Analisando as reportagens, percebemos que a palavra “Escola de Samba” vai aparecer pela primeira vez no JCB de 1935 (20/fev.), quando o Jornal Cidade de Barbacena vai dar destaque ao bloco rancho Mimosas Cravinhas como “a escola de samba que fez realizar no último domingo um interessante arrasta sandália, com grande número de pessoas e um entusiasmo ainda maior.”

<sup>37</sup> Fonte: Almanaque do Carnaval. André Diniz (2008)

<sup>38</sup> Fonte: <https://riomemorias.com.br/memoria/cordoes-carnavalescos/>

(JCB,1935:20/fev.).

Em outra reportagem, de 1950, o JCB vai se referir ao “Unidos do Andaraí” como escolade samba e destacar sua participação na batalha de confete então realizada no centro da cidade. Aqui também podemos perceber momentos de harmonia entre folguedos distintos expressando certo grau de liberdade e igualdade refletido na coexistência de grupos sociais também distintos, ou seja, o dos corsos e o das escolas de sambas.

Desta forma, temos duas reportagens que atestam a existência de escola de samba em Barbacena já na primeira metade do século XX.

Nesta sequência, e já na segunda metade do século XX, o nome escola de samba vai aparecer primeira vez em 1963, quando o Jornal Correio Mineiro, depois de questionar “onde estavam os carros do Vila do Carmo, Olympic, América e Andaraí que desfilavam com seus ranchos e princesas”, e apontar que estavam “todos decepcionados com estas ausências”, vai destacar que “a única escola de samba a desfilar foi a Principiantes do Samba, com esforço especial de Pelé” (JCM,1963).

Além da Principiantes do Samba, o Jornal Correio Mineiro (1963), nesta mesma reportagem, vai apontar a existência de outra escola de samba, a Inocentes do Samba, localizado no bairro São José e sob a direção de Paulo Andrade (JCM,1967). Já em 1967 o Jornal Correio Mineiro vai dar destaque ao Vila e à Tijuca como escolas de samba (JCM,1967).

Assim, seguindo nosso histórico sobre as escolas de samba em Barbacena, em 07 de fevereiro de 1970, o Jornal Correio Mineiro destaca que, para a participação no carnaval de rua daquele ano, haveria a

Necessidade de alvará tanto para os blocos quanto para as escolas, e que da mesma forma estava proibida a participação de menores de 12 anos em préstitos, cordões, bailes, ranchos, e escolas<sup>39</sup> (JCM,1970).

Nesta reportagem de 1970, além da referência às escolas e à contemporaneidade de vários folguedos, o que se deve levar em conta também é a necessidade de alvará para blocos e escolas, mais a proibição de menores de 12 anos nos cordões, bailes, ranchos e escolas. Tais atos e determinações apontam, novamente, para uma tentativa

---

<sup>39</sup> Além de mostrar a contemporaneidade de vários folguedos, percebemos que não há proibições ou normas relativas aos Zé Pereiras, que parecem ter uma natureza um pouco distinta.



do Estado de regulação e normatização da festa de carnaval em Barbacena.

Isto me leva a pensar ser o carnaval não apenas uma festa popular e em oposição ao que esta posto como certo e bonito, ou que tudo pode e é permitido. Podemos até mesmo repensar os próprios conceitos de popular e oficial em Rabellais (BAKHTIN,1987) como categorias quase que opostas. Com toda esta regulação do Estado, estaria sendo o carnaval ainda uma festa popular? Ou devido a estas regras e normas estabelecidas pelo poder do Estado, aqui no caso, representado pela prefeitura municipal, ele estaria se tornando cada vez mais uma festa oficial? Isso, sem levarmos em conta que, como vimos na introdução, o carnaval obedece a um calendário cristão desde pelo menos 1582 (BAROJA,1989:19), o que demonstra, entretanto, que a interferência sobre o carnaval não veio primeiro do Estado, mas da Igreja. O que por si só demonstra o poder da Igreja naquele momento.

Seguindo nossos estudos, retomo o dado de que a palavra escola de samba remonta ao bloco rancho Mimosas Cravinhas em 1935, numa indicação da porosidade entre as fronteiras dessas manifestações carnavalescas. Noto também que, nos jornais investigados, a palavra Samba é anterior ao próprio termo escola de samba, e remonta à data de 1927, quando o Jornal Cidade de Barbacena irá escrever em suas páginas que “nos dias oficiais de carnaval a Banda Correia de Almeida animou os foliões no coreto do Largo do Rosário, tocando dobrados e samba” (JCB,1927:27/02).

A palavra samba vai ser citada também em 1928, quando o JCB vai reportar que o clube Democrata criou um samba dedicado à imprensa local (JCB,1928). Prossegue pelo ano de 1929, quando o JCB vai destacar no carnaval de Barbacena a presença dos “Bloco das Ciganas, Bloco dos Forgados da Vida, Bloco das Marinheiras e a Culpa é Delas que cantavam maxixes e sambas” (JCB,1928,fev.).

Passa também pelo ano de 1930, quando o JCB destaca que

O Rancho União das Cores terá em seu repertório músicas a base de marchas tais como Garotas Modernas, Pavuna e Patinando, e de samba tais como Novo Amor, Frou-frou e Bolina (JCB,1930).

Em reportagem de 1934, o JCB vai destacar que no Rancho Mimosas Cravinhas, criado pelo mesmo fundador do Rancho União das Cores, Manoel Sátyro, tendo como cores vermelha e branca, e como madrinha Zilda Aguiar filha do Dr. Tyndaro Freire d’Aguiar, cantavam-se marchas e sambas (JCB,1934,fev.) Segundo as

reportagens de jornais, percebemos que as matérias atribuem a Manoel Sátiro o papel de criador tanto dos blocos ranchos, com o União das Cores (JCB,1929:fev.), quanto das escolas de samba, com a Mimosas Cravinhas (JCB,1935,02,fev.)

Portanto, baseado nos jornais, podemos perceber a princípio duas coisas. A primeira é que o ritmo musical “samba” surgiu em Barbacena, ao menos a partir de 1927, com a Banda Correia de Almeida. A segunda é que as escolas de samba, por sua vez, existem ao menos desde 1935, com o bloco rancho Mimosas Cravinhas. E como veremos no capítulo 3, três das grandes escolas de samba têm origem nos blocos rancho. O que vai demonstrar a grandeza e a importância dos blocos ranchos para o avanço do carnaval em Barbacena.

Partindo das reportagens aqui analisadas, podemos apontar para dois momentos distintos em relação aos desfiles de escolas de samba: um que começa no início dos anos de 1970 e se prolonga até os finais dos anos de 1980, e outro que começa a partir de 1990 e vem seguindo até o ano de 2024.

O primeiro momento começa em 1971 e aponta para um período de um carnaval de excelência em Barbacena, com grandes subvenções e premiações da prefeitura e de comerciantes locais. É um período de escolas de samba com grande quantidade de componentes, membros da bateria, belas fantasias e carros alegóricos, e com escolas de samba de Barbacena desfilando nas cidades de Belo Horizonte e Contagem. Já o segundo período, que começa em 1990, vai representar senão o fim, o quase fim, dos desfiles e das próprias escolas de samba. Sem desfiles, sem fantasias, sem bateria.

Tal periodização parte de duas fontes jornalísticas nos relatando sobre o carnaval de Barbacena. E agora nossas fontes não vêm apenas de um jornal, mas de dois jornais: o nosso já antigo e conhecido Jornal da Cidade de Barbacena (JCB) e o Jornal Correio da Serra (JCS).

O primeiro jornal que utilizo é o JCB (1971) e ele é importante porque vai destacar em sua reportagem que o “carnaval de rua marcará época”, bem como apontar a existência de três escolas de samba: a “Acadêmicos da Tijuca”<sup>40</sup>, como campeoníssima do carnaval; A Voz do Povo, tendo desfilado pela primeira vez; e a Vila do Carmo. Destaca também a existência de uma comissão julgadora e a oferta de cinco premiações

---

<sup>40</sup> No capítulo 2, quando estivermos entrevistando os carnavalescos de Barbacena, irei traçar um histórico desta escola, bem como das outras escolas que irão surgir aqui nesta seção.

(JCB,1971,27,fev.).

Por sua vez, o Jornal Correio da Serra, também no ano de 1971, vai reportar que, além da estreia da escola de samba A Voz do Povo, tendo como presidente fundador o sr. José de Souza Ferreira,



José Souza Ferreira

O carnaval de 1971 em Barbacena foi um dos melhores do interior de Minas ... desafiando a vizinha cidade de São João del Rei. [...] o ‘soçaiti’ barbacenense lotou os salões olímpiquenses. Com desfile de três grandes escolas, Tijuca, Vila do Carmo e a novata Voz do Povo. Ficando a Tijuca em primeiro, a Voz do Povo em segundo e a Vila do Carmo em terceiro. (JCS,1971,06,mar.).

Nesta reportagem do JCS de 1971, vemos que o carnaval de Barbacena buscava competir com o carnaval de São João del Rei, que é hoje, em 2024, ao lado de Ouro Preto, um dos melhores carnavais de Minas Gerais.

A escolha do ano de 1990 como início de uma nova fase também obedece a uma orientação jornalística e para tanto me apoio em três reportagens, apontadas em dois jornais distintos, o recente Jornal da Cidade e o nosso já famoso Jornal Cidade de Barbacena.

Assim, a primeira reportagem deriva do Jornal da Cidade (1990,fev.) que irá destacar que “sem nenhuma ajuda da prefeitura, escolas decidem não desfilar.” A segunda reportagem origina-se do JCB (1990) e reafirma a reportagem anterior do JC ao destacar em suas páginas que

Não haverá desfiles das escolas e blocos, a prefeitura vai organizar o chamado “bailes populares” no centro da cidade, já que a população prefere mais os bailes populares do que os desfiles das escolas de samba.

(...)

O auge das escolas e blocos foi a década de 70. A partir de 1988 houve uma desagregação das escolas de samba e já vamos para o segundo carnaval sem desfile de escola de samba (JCB,1990,27,fev.).

Portanto, se ano de 1971 aponta para o início de um período de sucesso para as escolas de samba de Barbacena, inclusive com três escolas desfilando, o ano de 1990 aponta para um período de apagamento dos desfiles de escolas de samba, talvez o fim dos próprios desfiles e das próprias escolas. Pois além de não haver nenhum desfile de escola de samba, tal ausência de desfiles ocorre pelo segundo ano consecutivo. Ausências que serão uma constância ao longo do período de 1990 em diante. No

carnaval de 2024 (Cap. 3), apenas uma escola de samba desfilou, a Unidos do Vila do Carmo, mesmo assim, nada comparado ao seu período áureo das décadas de 1970 e 1980.

A meu entender, os bailes populares citados nas reportagens, que irão surgir a partir de 1990, se tornam uma categoria analítica de vital importância para se compreender o fim dos desfiles das escolas de samba, bem como o fim das próprias escolas de samba, que acontecem quase que por uma proposta de Estado por parte de diversos prefeitos e secretários municipais a partir de então, como veremos.

Logo, baseado nas informações dos jornais, observo que os períodos que representam estes dois momentos distintos, podem ser caracterizados por ao menos cinco variáveis:

1. Número de componentes das escolas.
2. Número de componentes da bateria.
3. Subvenção da prefeitura e premiações.
4. Desfile de escolas de samba barbacenenses em Belo Horizonte e Contagem.
5. Fluxo de pessoas na cidade.

Ao começar com o número de componentes das escolas, o faço por uma questão simples e óbvia: o fato de que sem as pessoas que fazem o desfile, não existe desfile. E como qualquer ritual, o carnaval se constitui em uma vez festa prática, plástica e performativa. Não existindo, a meu ver, portanto, carnaval ou qualquer ritual ou festa sem que haja a participação de pessoas que lhes forneçam concretude.

Mesmo incompleta devido a falta de dados, de acordo com a pequena tabela 01 abaixo, podemos perceber que, com relação ao número de componentes, a década de 1970 se destaca em relação à década de 1980, e estas em relação as décadas subsequentes. Ou seja, há um acréscimo no número de componentes durante um tempo, depois ele cai e chega a zero em todas as escolas. Por exemplo, a escola de samba Acadêmicos da Tijuca, de 900 componentes em 1976 baixou para 400 componente em 2007. A Unidos Vila, por sua vez, de 700 componentes em 1978 baixou para 160 componentes em 2012. E a escola de samba A Voz do Povo, de 600 componentes no ano seguinte à sua fundação em 1971, chegou a ter 1.300 componentes em 1978, mas fez seu último desfile em 1988, não vindo nunca mais a pisar na passarela, ou na Rua XV de Novembro.

TABELA 01											
Tabela apresentando o número de integrantes/componentes de escolas de samba											
	1972	1975	1976	1977	1978	1985	1986	1988	1999	2007	2012
Vila do Carmo	350*	600*	300*	300*	700*	500*	600*				160****
Acadêmicos da Tijuca	450*		900*	850*		700*	400*			400**	Desfilou
Voz do Povo	600*	1000*	1000*	1200*	1300**			Último Desfile			
União das Cores										Desfilou	
Rosa de Ouro						500*				Desfilou	Desfilou
Império do Futuro							400*			Desfilou	Desfilou
FONTES:	* JCB	** JCS		*** JC		****JE					

Segundo o JCB (1988,13/fev,pág.3), cada escola de samba deveria ter no mínimo 300 componentes. Já em 2005, o Jornal Expresso (2012,21,fev.) destaca que o regulamento para o desfile das escolas exigia ao menos um mínimo de 150 componentes. E analisando a tabela 01, de acordo com vários jornais, a escola de samba A Voz do Povo, talvez a primeira a se extinguir, foi também a escola de samba que teve maior número de integrantes ou componentes, e a Tijuca, a segunda.

Já o número de integrantes na bateria, Tabela 02 abaixo, se faz pela sua importância tanto para a dança quanto para a música. É a bateria, sob a marcação do surdo, quem vai produzir o som que irá marcar o compasso e o embalo das pessoas no samba no pé e no samba cantado. Um bom enredo, uma boa música e uma boa bateria são itens essenciais para o sucesso da escola. E neste quesito, que também nos faltam informações, as poucas que temos deriva do Jornal Cidade de Barbacena (JCB), que nos informa, por exemplo, que nos carnavais de 1976 e 1977 a escola de samba Vila do Carmo chegou a ter 70 componentes em sua bateria, caindo para 60 em 1985 e 40 em 2012. E A Voz do Povo em 1985, penúltimo ano de seu desfile, vai contar com 80 integrantes na bateria, a Tijuca com 100 membros e a Rosa de Ouro 70 integrantes em suas baterias.

TABELA 02											
Tabela apresentando o número de integrantes/componentes da bateria de escolas de samba											
	1972	1975	1976	1977	1978	1985	1986	1988	1999	2007	2012
Vila do Carmo			75*	70*		60*					40****
Acadêmicos da Tijuca			90*	56*		100*					
Voz do Povo			90*			80*					
União das Cores											
Rosa de Ouro						70*					
Império do Futuro											
FONTES:	* JCB		** JCS			*** JC				**** JE	

Outra variável ou quesito que levo em consideração para a análise deste período são as subvenções oferecidas pela prefeitura e as premiações que poderiam vir tanto da prefeitura quanto de empresários da cidade ligados à área do comércio.

A subvenção permite às escolas se colocarem nas ruas, ou seja, comprarem seu material para o desfile, como cetim e lamê para confeccionar as fantasias; comprar pregos, panos, papéis, madeira para produção das alegorias; comprar surdo, reco-reco, tarol, baquetas ou tamborim, para aparelhamento da bateria, entre outros bens a serem adquiridos. E aqui há que destacar que o dinheiro da subvenção não é para pagar pessoas, sendo os trabalhos de confecção das fantasias e de carros alegóricos, bem como as funções de empurrar os carros alegóricos, de produzir o samba e mesmo cantá-lo, sair de baiana ou tocar na bateria, e todas as demais atividades de produção, são atividades voluntárias das pessoas. Assim, a meu ver, a subvenção serve como incentivo para as escolas participarem do desfile e com a melhor qualidade possível.



Barbacena, Carnaval de 1973. Escola de Samba Acadêmicos da Tijuca Campeã. Foto cedida pelo compositor Cinco. Aqui podemos ter uma pequena noção do tamanho da bateria da Acadêmicos da Tijuca e da importância da subvenção que era importante, por exemplo, para comprar instrumentos e material para as fantasias.



Barbacena, Carnaval de 1972.

Escola de Samba A Voz do Povo Campeã.

Foto cedida por Lenira Ferreira. Filha de José de Souza Ferreira, que se encontra ao lado direito de quem carrega a taça de campeã, que ela não soube determinar quem era. Sendo talvez a outra pessoa, o sr. Clézio Mazzoni, que, com a morte de José Ferreira, veio assumir a direção da escola.

Voltaremos a estudar a questão da subvenção no capítulo 2, quando estivermos analisando as entrevistas de vários carnavalescos que participaram deste período áureo das escolas.

Já a Premiação serve como incentivo à escola de querer fazer o melhor, ou seja, um enredo melhor, uma música melhor, uma bateria melhor, um passo de samba melhor, ter a melhor porta-bandeira e o melhor mestre-sala, ser a baiana que roda mais bonito.

No entanto, além estimular a competição entre as escolas de samba e entre os carnavalescos, a premiação pode servir (e serve), também, como forma de demonstrar poder e posição social daqueles que ofertam os prêmios, que, como veremos, são os mesmos que decidem quem vão recebê-los.

Nesta perspectiva, sobre as premiações e suas relações com o poder, o que percebemos é que elas existem desde o curso e os ranchos<sup>41</sup>, como vimos em páginas anteriores, bem como nos bailes, tanto da primeira metade quanto da segunda metade do século XX, e que agora ocorre com as escolas de samba.

Apesar de escolas de samba existirem desde 1935 (JCB:27/fev.) com as Mimosas Cravinhas, com relação às subvenções e premiações para as escolas de samba, estas existem, ao menos, desde 1957, quando o JCB (1957) vai destacar que

---

<sup>41</sup> Jornal Cidade de Barbacena – 1928, com prêmios oferecidos pelos Supermercados Irmãos Oliveira, Perfumaria Coty e loja A Confiança.

A prefeitura e o conde<sup>42</sup> Bonato instituíram taças e troféus aos clubes concorrentes para animação do reinado através de dois quesitos. Arte, vencido pelo Andaraí e Alegria, vencido pelo Vila do Carmo. (JCB,1957,10,mar.).

Em outra publicação, agora sobre as escolas de samba, o JCB de 1966 (05/mar) vai destacar que houve “prêmios para escolas de samba ... instituídos pela ABIR<sup>43</sup>, com várias taças, com transmissão pela Rádio Barbacena”, sendo que a Tijuca ficou em 1º lugar, a Unidos do Matadouro em 2º e a Unidos do Vilela em 3º. Por sua vez, o Jornal Correio Mineiro deste mesmo ano de 1966 vai reportar que as

Taças e troféus, foram ofertas individuais realizadas por pessoas ilustres da cidade como políticos e comerciantes, ... sendo a Comissão Julgadora composta por pessoas ilustres da cidade (JCM,1996).

Assim, nesta relação de doar e receber, com base nas reportagens, podemos perceber que a própria pessoa que doa é a mesma que irá determinar quem vai receber o prêmio. E aqui, não necessariamente será a mesma pessoa física, mas a mesma pessoa simbólica. Os ilustres da cidade, que são os mesmos que frequentavam o curso e que agora frequentam os bailes, são os que vão decidir e avaliar o carnaval feito pelo outro ou outros. Ou seja, são pessoas que talvez não saibam sambar ou tocar um instrumento, mas irão decidir quem sabe sambar ou tocar.

E sendo assim, pergunto eu, não estaríamos diante de uma exibição e afirmação claras e evidentes de distinções de classes ou de hierarquias sociais explícitas no dia a dia e que aqui, através das premiações e da comissão julgadora, são usadas justamente para reforçar as condições e posições sociais de cada um? Desta forma, como ficaria a ideia de que, no carnaval, tais condições e posições sociais são apagadas ou invertidas? Neste contexto, creio que se associarmos tais premiações ao Potlach abordado por Mauss<sup>44</sup>, estaríamos sim diante de uma confirmação, no tempo extraordinário, de ações e relações do tempo ordinário, o que, portanto, demonstraria que as relações de poder e hierarquia não se apagam nas festas de carnaval. Tomando a relação premiação/comissão julgadora e vendo que quem premia é quem julga, o que

---

<sup>42</sup> Conceito utilizado para referir-se à nobreza.

<sup>43</sup> Associação Barbacenense de Imprensa e Rádio – ABIR.

<sup>44</sup> MAUSS, Marcel, 2003. “Ensaio Sobre a Dádiva. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas”, em Sociologia e Antropologia. São Paulo: EDUSP,. [Sociologia e Antropologia Tradução de Paulo Neves Cosac & Naify).



percebemos é que tais relações de poder e hierarquia se mantêm e se afirmam nos dias de carnaval ocorridos naqueles espaços e tempos rituais.

O quarto quesito ou variável que utilizo para classificar estas duas décadas de ouro do carnaval de Barbacena são os desfiles de escolas de samba barbacenenses nas cidades mineiras de Belo Horizonte e em Contagem. É o caso citado pelo Jornal Correio da Serra, de 1978 (02/fev.), que nos relata que no carnaval daquele ano a escola de samba A Voz do Povo teria ido desfilar em Belo Horizonte e Contagem. Em minha concepção, a ida de escolas de samba barbacenenses para as cidades de Belo Horizonte e Contagem foi o resultado deste “fazer melhor”, proporcionado pela ideia da competição e pelo incentivo da premiação, que fez com que as escolas de samba de Barbacena fossem reconhecidas em nível estadual e convidadas a desfilar nestas cidades com tudo pago pelo governo do Estado.

No entanto, se na década de 1970 Barbacena assistia a ida de suas escolas de samba às cidades mineiras de Belo Horizonte e Contagem, com o tempo, a diminuição no número de componentes das escolas e as baixas subvenções foram fazendo aos poucos com que as escolas de samba não mais desfilassem, como vimos na tabela 01. E, por conseguinte, a falta de desfile fez com que as escolas fossem perdendo sua finalidade. Hoje praticamente não existe mais escolas de samba na cidade. E aqui elas não se transformaram em outra coisa. Elas desapareceram.

Assim, se assistíamos na década de 1970 a ida de escolas de samba a Belo Horizonte e Contagem, a partir do final da década de 1980, mais precisamente a partir do último desfile da escola de samba A Voz do Povo, em 1988, Barbacena começa a assistir à morte lenta das escolas de samba. Em 1998, dez anos depois, o Jornal de Sábado (1998,fev.) vai publicar:

Carnaval de Barbacena completa 10 anos sem a participação de escola de samba, ... a última escola campeã foi a União das Cores em 1988, onde seis escolas desfilaram: Tijuca, Voz do Povo, Unidos do Vila, União, Rosa de Ouro e Império do Futuro e 4 blocos: Última hora, Unidos do 17, Unidos do Santa Efigênia e Cenário da Alegria ...o presidente da CENATUR já anunciou que o carnaval acontecerá sem a participação de escolas e blocos (JS,1998,fev.).

E esta ausência das 4 grandes escolas vai percorrer toda a década de 1990. Mas o que mais vai estranhar à população barbacenense no ano de 2004 não será a ausência das grandes escolas de samba na Avenida, mas a presença da escola de samba

“Girassol” da cidade vizinha, e rival, São João del Rei, “o que gerou protestos de carnavalescos e da sociedade”, destaca o Jornal de Sábado (2004,fev.), uma vez que o dinheiro investido na escola de São João del Rei poderia ter sido investido em escolas da cidade.

Por fim, outro fator considerado de importância na análise sobre as escolas de samba e seus desfiles, é a presença de quem vai ver, ouvir, sentir e assistir ao carnaval. Ou seja, o fluxo de pessoas na cidade durante o período de festa. Pois não adianta, ou adianta pouco, preparar o melhor enredo, a melhor música, o melhor samba se não há público nas ruas.

Apesar de dados sobre o fluxo de barbacenenses e de fora da cidade, durante o período de carnaval em Barbacena, não ter sido uma preocupação dos jornalistas e de suas fontes ao longo destes 126 anos de estudos, existem algumas reportagens que nos sugerem algumas informações sobre este quesito tão importante de análise, pois, como apontado, sem pessoa(s) não há ritual. Assim, a primeira informação sobre o fluxo de pessoas no carnaval de Barbacena remonta a 1908, quando o JCB vai relatar que “trens da Central chegavam trazendo muitas pessoas das vizinhanças fantasiadas de diversos tipos.”

No entanto, vão se passar vários anos e décadas sem referência alguma sobre o fluxo de pessoas na cidade no período de carnaval. Só em 1957, o Jornal Cidade de Barbacena (03 e10/mar.) vai se referir ao turismo local em suas reportagens e destacar que no carnaval daquele ano “a cidade ficou cheia de turistas ... com a presença de 20 mil pessoas.”

Fazendo uma análise entre número de habitantes e turistas, Barbacena, nesta época, segundo o Anuário Estatístico do Brasil<sup>45</sup> (1957. Rio de Janeiro: IBGE, V. 18), possuía 24.718 pessoas. Portanto, a quantidade de 20 mil pessoas corresponderia a 80% da população de Barbacena nas ruas. É certo que esse dado pode não ser preciso e ter partido de uma estimativa exagerada. De todo modo, já indica que, além dos barbacenenses que ficavam na cidade, iam para Barbacena muitas pessoas de fora.

Dezoito anos depois, ainda com relação ao fluxo de pessoas na cidade durante o período de carnaval, em outra reportagem o JCB (1975,08,fev.) destacou que

O número de pessoas e de turistas nas ruas do carnaval de Barbacena foi

---

<sup>45</sup> Anuário Estatístico do Brasil. 1957. Rio de Janeiro: IBGE, v. 18.

grande e com a estimativa em torno de 60 mil pessoas ... o que deveria servir de alerta para São João del Rei (JCB,1975,08,fev.).

No entanto, tal fluxo de pessoas e permanência de barbacenenses na cidade vai começar a mudar a partir de 1984, ou mesmo antes, quando o JCB destaca “o desgaste do Carnaval de Barbacena que já não possui mais aquele clamor das ruas e os turistas já começam a preferir São João de Rei em vez de Barbacena”.

Em outra reportagem de 1985, o mesmo JCB vai confirmar sua previsão da reportagem do ano anterior, quando irá destacar não só a ausência de pessoas vindo para Barbacena, mas também a ida de barbacenenses para São João del Rei e mesmo para outras cidades, uma vez que, segundo o JCB, naquele período de carnaval “só de ônibus 11.526 pessoas deixaram a cidade” (JCB,1985).

Segundo o Anuário Estatístico do Brasil, em 1985 Barbacena possuía 99.745 habitantes. Sendo 11.526 o número de pessoas que deixaram Barbacena durante os festejos, corresponde a 11,55% da população de Barbacena.

Desta forma, tais ausências e evasões de pessoas prosseguem em 1989, quando o JCB vai destacar que o carnaval de Barbacena “contou com grande participação popular, apesar da grande parte dos turistas e vários barbacenenses terem ido para São João del Rei” (JCB,1989,fev.).

Esta mesma evasão de turistas e barbacenenses vamos assistir em 2021, quando o JCS vai relatar que “segundo a empresa de transporte é grande o êxodo de barbacenenses para outras cidades como São João del Rei, Tiradentes e Ouro Preto” (JCS,2021).

Portanto, se antes os jornais apontavam para a grande quantidade de turistas e permanência da população local nos carnavais de Barbacena, a partir de 1984, isso começará a mudar, dando lugar a um período em que os jornais vão destacar a ausência de turistas e a evasão de barbacenenses para outras cidades durante o período de Carnaval.

Desta forma, com base nas reportagens, partindo do princípio de que nada é para sempre, de que não existem sociedades ou culturas eternas, e de que as sociedades não existem em um ambiente fixo e imutável, o mesmo se passa com o carnaval de Barbacena, que, obedecendo a fatores diversos, verá, a exemplo do Entrudo e do Corso, mais um folguedo ser levado pelos traços do tempo.

Abaixo a esquerda, temos uma foto que estampa a Comissão de Frente da Escola

de Samba União das Cores. Década de 1970. Como apontado, a escola de samba União das Cores deriva de um mesmo bloco rancho que manteve seu nome. E à direita vemos vários homens vestidos de mulher, que era uma fantasia muito comum nesta época



À esquerda, temos outra foto sobre as escolas de samba durante os seus desfiles. Bem como a relação delas com os políticos. Nesta direção, a foto à esquerda apresenta alguns políticos, jornalistas

e carnavalescos em frente à Águia, símbolo da Escola da Acadêmicos da Tijuca. Provavelmente a imagem é da década de 1980, pois nela, de chapeuzinho branco, percebemos a presença do prefeito Vicente Araújo, o qual podemos dizer ser o idealizador dos bailes populares em Barbacena, e ao seu lado, provavelmente, esteja Márcio Grossi, que dizia que as pessoas estavam cansadas de escola de samba e que por isso elas deveriam ser substituídas.

Como apontado anteriormente, os bailes em salões remontam ao ano de 1908 (JCB,1908,mar.) com os bailes na Escola Normal, que eram realizados logo após apresentação do curso pelas diversas ruas da cidade de Barbacena. Os bailes passaram a acontecer não só em escolas, mas também em hotéis, residências, cinemas e clubes. Isso nos levou a perceber serem os Bailes uma extensão do Corso, e não só na questão de sair das ruas e ir para os clubes, mas também porque ambos eram organizados pelas

mesmas pessoas ou grupos sociais. Os pronomes de tratamento ou categorias de classificação tais como “melhores famílias” e “elite” e outras palavras/conceitos correlatos, atribuídos e utilizados pelos jornais aos participantes do curso, serão os mesmos dirigidos aos frequentadores dos clubes naquela época e também na segunda metade do século XX.

E se na primeira metade do século XX em Barbacena os bailes das elites se estenderam a hotéis, residências, cinemas, etc., na segunda metade, eles vão ser quase que exclusivos de clubes sociais, em especial o Barbacenense, o Olympic e o Automóvel Clube. Não que não houvesse clubes de pretos e brancos pobres, e de classe média baixa, pois como exemplo trago respectivamente o clube Sindicato dos Operários das Fábricas Têxteis de Barbacena e o Clube Andaraí. E ao analisarmos estes dois tipos de clubes, um declaradamente de ricos/elite e outros supostamente de pobres, podemos perceber nitidamente dois tipos relações: uma entre ricos e pobres, no que eu denomino de relações “entre classes”, e outra entre os próprios ricos, no que eu denomino de “intra classes.”

Apesar de os jornais não escreverem as palavras “pretos ou brancos”, “ricos ou pobres”, analisando os pronomes de tratamento ou categorias de classificação, podemos perceber quem é branco e quem é rico. Basta associarmos o pronome de tratamento a nomes e sobrenomes, e posição social.

Assim, se é possível identificarmos quem é branco e rico, explícita ou implicitamente, nas matérias de jornais, com relação ao negro e ao pobre isso não acontece. Pois não existem referências a eles como tipo de pessoa. Aliás, e em realidade, os jornais não imputam qualquer categoria ou pronome de tratamento a estas pessoas. Assim, podemos deduzir<sup>46</sup> quem é negro e quem é pobre por categorias de oposição a quem é branco e rico. Uma vez que os jornais não destinam aos frequentadores dos clubes Sindicato e Andaraí o mesmo pronome ou categoria de tratamento destinado aos frequentadores dos clubes Barbacenense, Olympic e Automóvel Clube, por exemplo.

Nesta direção, tratando-se de uma análise sobre “se há inversão ou reprodução de papéis sociais durante as festas de Carnaval em Barbacena”, agora observando os bailes de clubes nesta segunda metade do século XX, minha atenção se volta para duas

---

<sup>46</sup> Ato de fazer uma inferência lógica de um raciocínio e assim obter uma conclusão sobre algo.

perspectivas relacionais.

A primeira perspectiva surge das reportagens de jornais e envolve dois tipos de relações, dentro de um mesmo contexto: “entre” e “intra” clubes. As relações entre clubes, referem-se aos contatos feitos entre os clubes de elite (Clube Barbacense, Olympic Clube e Automóvel Clube) e os de não-elites (Sindicato dos Tecelões e Andaraí Clube). Por sua vez, as relações “intra” clubes referem-se à relação entre os próprios clubes de elite.

Por sua vez, a segunda perspectiva será direcionada à relação dos clubes com os carnavalescos. Esta segunda perspectiva não será desenvolvida aqui, mas somente no Capítulo 2.

Portanto, volto agora para a primeira perspectiva, em que busco estudar as relações entre e intra clubes através da análise de jornais. Reitero que, para investigar as relações entre clubes, ou seja, entre os clubes de elite e os de não-elites<sup>47</sup>, é preciso observar duas condições. A primeira seria a forma de aceder aos clubes. Nos clubes de elite, é necessário receber um convite; e nos “clubes de não elites” o acesso se dá através do ingresso adquirido pela compra. A segunda condição seria o preço das mesas.

Por sua vez, a relação intra-clubes, que é a relação entre os próprios clubes de elite, irá compreender três momentos ou processos:

1. Entrada somente para sócios e familiares. Ocorre basicamente na primeira metade do séc. XX. Somente as melhores famílias podem acessar o evento e não se vende ingresso ou convite.

2. Entrada somente para sócios, familiares e convidados. Ocorre basicamente na segunda metade do século XX, com a possibilidade de vender convites. Amigos da família podem acessar o evento.

3. Entrada aberta ao público, com vendas de ingresso nas calçadas. Ocorre a partir dos anos 2000. Agora todos podem acessar o evento, desde que tenham condições de comprar o ingresso.

Vamos aos três momentos de análise, que nos fornecem informações para entendermos o auge<sup>48</sup> e a decadência dos bailes de carnaval em clubes de Barbacena.

---

<sup>47</sup> Por falta de uma categoria criada pelo JCB que identificasse este grupo social, e por ele aparecer quase que como uma oposição às melhores famílias, à elite, eu os denominei de “não-elites.”

<sup>48</sup> Aqui devo destacar que os conceitos de auge e decadência não foram proposição minha, mas argumentos dos entrevistados ao se referirem aos desfiles de escolas de samba das décadas de 1970 e 1980, bem como dos jornais desta época em relação aos bailes nos clubes de elite.

### *Momento 1.*

Este período compreende basicamente a primeira metade do século XX, quando, como reportavam os jornais destas épocas, os bailes de carnaval nos clubes, nas escolas e outras dependências eram dirigidos à “seleta sociedade barbacenense” (JCB,1908:março), à “elite local” (JCB,1936), “às principais famílias de Barbacena” (JCB,1939:fev.) ou à “nata social de Barbacena” (JCB,1943).

Assim, este período, de acordo com as reportagens disponíveis, pode ser caracterizado como mais elitista e privado dos clubes. Isso porque, além de serem exclusivos para a “seleta sociedade e principais famílias de Barbacena”, os clubes de elite, neste período, não admitiam sequer a venda de ingresso, como pode ser constatado em duas reportagens do Jornal Cidade de Barbacena, uma de 1937 e outra de 1952.

Na reportagem de 1937, ao se referir ao baile em nossa já conhecida Escola Normal, o JCB, vai destacar que o evento se destina

Somente para convidados, onde o baile foi preparado para a nossa alta sociedade e que a ele só terão ingresso pessoas e familiares convidados. Não havendo venda avulsa. (JCB,1937,fev.)

Em 1952, o Jornal Cidade de Barbacena publica que

O Clube Barbacenense dará 4 grandes bailes para seus sócios e suas famílias ... para estas festas não serão distribuídos convites especiais para os sócios... (JCB,1952,23,fev.)

Aqui percebemos que não basta ter dinheiro para ingressar na festa.

### *Momento 2.*

Se o período anterior foi marcado pelos bailes destinados aos sócios, suas famílias e convidados especiais, não havendo ao longo deste tempo sequer a venda avulsa de ingresso, este segundo momento abrange basicamente a segunda metade do século XX, e vai ser marcado pela ampliação da participação de convidados e pela venda de convites pelos clubes de elites através dos sócios, mas não qualquer sócio, somente os sócios-proprietários. Em reportagem de 1976, o JCB (1976:8/fev.), ao se referir ao Clube Barbacenense, vai relatar que haverá

Duas matinês e dois noturnos com a entrada destinada a sócios e convidados, sendo que o convidado só poderá obter o convite através de um sócio-proprietário, que terá direito a quatro convites. (JCB,1976,28,fev.).

Nesta mesma reportagem, destaca o JCB, para a entrada no Olympic Clube, igualmente exige-se a aquisição de convite que deverá ser obtido “somente através de sócio-proprietário no valor de 150 cruzeiros cada” (JCB,1976,28,fev.).

Já com relação ao Sindicato dos Tecelões, destaca o JCB (1976), este clube estaria “aberto a sócios e ao público no valor de 20 cruzeiros o ingresso” JCB (JCB,1976,28,fev.).

TABELA 03		
Fonte: JCB (1976)		
	CONVITE	INGRESSO
CLUBE BARBACENENSE	Sócios e Convidados Convite somente através de sócio proprietário	
OLIMPIC CLUB	Somente através de sócio-proprietário (Valor: Cr\$150,00 <sup>49</sup> )	
SINDICATOS DOS TECELÕES		Aberto aos sócios e ao público (Valor: Cr\$20,00)

Com relação aos dados da tabela 03 acima, podemos perceber que, além da diferença da forma de acesso aos clubes, ao final, tanto o ingresso quanto o convite serão vendidos ou pagos, quer sejam nos “clubes de não elite”, quer seja nos “clubes de elites.”

Já com relação aos preços destes “convites” e das mesas, tomamos como referência outra publicação do JCB de 1984 com a seguinte reportagem:

O Barbacenense oferece mesa a Cr\$65.000,00 cada. 100 convites para as 4 noites, sendo masculino a Cr\$20.000,00 e feminino a Cr\$15.000,00. O Olympic Club, oferece mesas para sócios Cr\$25.000,00 e Cr\$77.000,00 para não sócios e convites masculinos a Cr\$20.000,00<sup>50</sup> e femininos a Cr\$16.000,00 para as 4 noites. Sendo, apenas 1 noite, Cr\$7.000,00. Por sua vez o Automóvel Clube oferece mesas a Cr\$40.000,00 e convite individual por cada noite, a Cr\$5.000,00 o feminino e Cr\$10.000,00 o masculino. Já o Andaraí Clube oferece mesa para as 4 noites, sócios Cr\$10.000,00 e não sócios Cr\$30.000,00 e convites para sócios terá o preço de Cr\$4.000,00 e para não sócios Cr\$12.000,00, ou Cr\$3.000,00

<sup>49</sup> Valor sete vezes maior do que o cobrado pelo Sindicato. Sinais evidentes de distinção de classe.

<sup>50</sup> Em 1984, correspondia a US\$17,28 dólares. 1 Dólar em 2024 = R\$4,94. Salário mínimo = R\$1.412,00 = US\$285,82



por noite. (JCB,1984).

TABELA 04						
Fonte: JCB (1984)						
Clube	Preço dos Ingressos/Convites Individuais				Venda de mesas	
	Masc.Cr\$	Fem.Cr\$	noites	1 noite Cr\$	(em Cr\$)	
Barbacenense	20.000,00	15.000,00	4		65.000,00	
AutomóvelClube	10.000,00	5.000,00			40.000,00	
Olimpic Club	20.000,00	16.000,00	4	7.000,00	SÓCIO 25.000,00	NÃO SÓCIO 77.000,00
Andaraí	SÓCIO	NÃO SÓCIO			SÓCIO	NÃO SÓCIO
	4.000,00	12.000,00	4	3.000,00	10.000,00	30.000,00

Assim, analisando a tabela 04, relacionando preços de ingresso e convites, mais o preço das mesas, chego a três pontos de reflexão.

O primeiro ponto é o convite dirigido somente a famílias e pessoas específicas, que exprime um caráter privado e particular do convite. Já o ingresso vendido possui um caráter de maior abertura para participação de pessoas. Sendo destinado a todos sem distinção de pessoas e famílias, o ingresso exprime um caráter de público e universal do mesmo.

A segunda reflexão estaria voltada para análise da categoria família, ou melhores famílias. Desta forma, com a chegada de novos convidados, estaria havendo um “afrouxamento” nestes conceitos devido a estas “novas” relações? Ou estaríamos diante de um “fortalecimento” da pessoa ou figura do sócio-proprietário? Pois, como destaca o Jornal Correio da Serra (JCS, 1980), os bailes no novo Automóvel Clube, bairro do Campo, contou com a “presença do brigadeiro e outras autoridades municipais, estaduais e federais, civis e militares.”

Desta forma, ao analisarmos a questão de classe, percebemos que não existe igualdade sequer entre os sócios, onde uns são mais iguais que outros. O que demonstra que dinheiro não iguala as pessoas, que podem permanecer distintas segundo outros critérios.

### *Momento 3.*

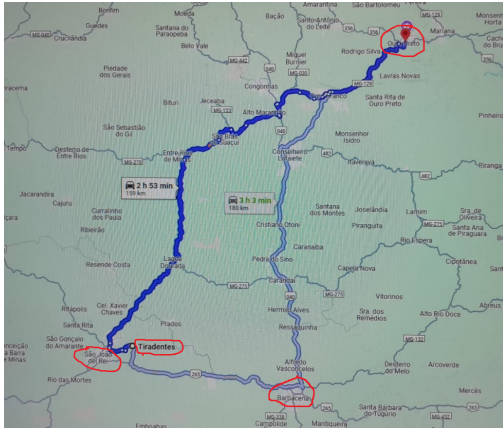
Este terceiro momento pode ser visto como senão o fim, o início do fim da glória, da época áurea dos bailes em clubes em Barbacena. Os períodos áureo e médio tinham como uma de suas características o discurso de serem bailes destinados a sócios, familiares e convidados da mais alta e seleta sociedadebarbacenense. Como vimos, em determinados momentos da história, sequer era permitido vender o convite, e para obtê-lo era somente através de um sócio-proprietário, o que poderia demonstrar poder e prestígio tanto para o sócio-proprietário quanto para o convidado. Agora, nesta nova fase, o que iremos assistir já é a venda de ingressos nos próprios clubes de elite, e não apenas em sua sede, mas na ruas e a qualquer um que possa pagar, como assim reporta o *Jornal Correio da Serra* de 2014:

Pré-carnaval no Automóvel Clube terá baile a fantasias. Convites à venda nas calçadas da Rua XV de Novembro e na secretaria do Automóvel Clube com ingresso individuais a R\$20,00 e a mesa a R\$100,00 (JCS,2014,04,mar.).

De convite atribuído a convite pago. De seletas famílias e convidados a qualquer um que tenha dinheiro para pagar. Pelo que parece, o dinheiro agora vai valer mais que status. O status social, ou a classificação de melhores famílias ou de elite, não é mais essencial para determinar quem pode entrar e pular carnaval nos clubes de elite.

Desta forma, este terceiro momento vai ser marcado pelo abandono dos clubes pelas elites. Eis o fim dos clubes de elites. Em realidade, esta nova gente que chega “pelas calçadas” só vai ocupar este espaço pelo abandono e ausência da elite. Assim, a elite não vai compartilhar o mesmo espaço com os novos tipos de pessoas que estão chegando em seu território, elas saem antes.

E aqui há um detalhe. Com a decadência das escolas de samba e agora dos clubes, e conseqüentemente do carnaval de Barbacena, que perde as suas duas principais atrações, a cidade vai deixar de receber turistas, e os ricos e os nem tão ricos também irão abandonar a cidade de Barbacena. Quem tem um pouquinho de dinheiro não passa o período de carnaval em Barbacena. Em algumas reportagens, os entrevistados dizem preferir ir para as cachoeiras do que ouvir música Baiana, outros preferem ir para São João del Rei, Tiradentes e Ouro Preto (JCS,2001,04,mar.).



Barbacena / Ouro Preto = via MG-129 e BR-040  
2 h 21 min (127,8 km)

Barbacena / São João del Rei = via BR-265  
1 h 5 min (60,0 km)

Barbacena / Tiradentes = via BR-265  
1 h 2 min (54,9 km)

(Fonte [www.google.com/maps/](http://www.google.com/maps/))

Se no período do Corso, após o seu desfile, os ricos iam para os clubes, podemos perceber que o mesmo se deu com os ricos no período das escolas de samba. Os brancos ricos saíam das ruas depois dos desfiles e iam para os clubes de elites. As escolas eram um aquecimento para os clubes que ficavam cheios e iam até 6 horas da manhã e, quando terminavam, o encontro dos foliões, devido à proximidade dos vários clubes, fazia com que as ruas do centro ficassem cheias de pessoas, possibilitando com que o carnaval continuasse vivo.

Assim, como no período áureo das escolas de samba, em que muitas pessoas após os desfiles iam para os clubes, e os desfiles serviam de aquecimento para os clubes, talvez a extinção das escolas de samba e o fim dos desfiles tenham prejudicado também a existência dos clubes.

Estas duas fotos abaixo me foram cedidas por João de Souza, e ambas retratam bailes no Club Olympic na década de 1970 ou na década de 1980. João não soube precisar a data, mas elas nos evidenciam muito fortemente quem seriam as pessoas das melhores famílias e de boas condutas destacadas nos jornais da época.



Enfim, com o fim dos bailes sociais e o surgimento dos bailes populares, os jornais irão dar nome aos outros até então invisibilizados, àqueles que não pertencem às melhores famílias e nem frequentam os bailes em clubes de elite, mas, sim, àquelas pessoas que brincavam o carnaval de rua de Barbacena e que, sem escolas e blocos, irão permanecer nas ruas do centro de Barbacena, quase que perdidos. Esta nova categoria será denominada de “povão”, e surgirá da criação dos bailes populares em Barbacena já no ano de 1990.

A criação dos bailes populares, a meu ver, é um dos principais responsáveis pela decadência e fim dos desfiles das escolas de samba. Para tal afirmativa, eu busco sustentação na reportagem do JCB de 1987, onde em entrevista, diante da ameaça das escolas de não saírem por falta de subvenção, o “Secretário Márcio Grossi ameaça trazer trios elétricos e fazer a população esquecer das escolas” (JCB,1987,11,mar.).

Assim, os bailes populares irão surgir por proposição do próprio governo municipal de Barbacena no ano de 1987. Bailes que irão começar a tomar corpo e forma três anos mais tarde. E ao que parece, o desejo do secretário Márcio Grossi concluiu-se, pois, como relata o Jornal Cidade de Barbacena para o ano de 1990,

Não haverá desfiles das escolas e blocos ... a prefeitura vai organizar o chamado “baile popular” no centro da cidade, uma vez que a população prefere mais os bailes populares do que os desfiles das escolas de samba que são muito cansativas. (JCB,1990,27,fev.).

O argumento do secretário de que a população prefere os bailes populares do que os desfiles de escolas de samba por eles serem muitos cansativos não condiz com os argumentos dos carnavalescos entrevistados para este trabalho.

No entanto, esta reportagem do JCB de 1990 evidencia a proposta do governo municipal da época de acabar com as escolas de samba e blocos e substituí-los pelos bailes populares com uma justificativa muito vaga de cansaço do público. Pois, como aponta Ivan de Verdade (Cap. 2), as pessoas levavam até banquinho para marcarem lugar e assim poderem assistir aos desfiles, que chegavam a ter escolas entrando na Rua XV às duas horas da manhã, fazendo com que a rua permanecesse cheia e festiva.

Portanto, analisando a reportagem é isso: o governo municipal criou os bailes populares não para competir com as escolas e termos uma forma a mais de brincar o carnaval, mas com a intenção de acabar com as escolas de samba.

Outra reportagem, agora do Jornal da Cidade de 1991, vem confirmar e dar

suporte à criação dos bailes populares pelo governo da época e sua associação com o “povão”. Segundo a reportagem,

A Prefeitura Municipal de Barbacena organizou um sistema de sonorização em toda a praça dos Andradas e a Rua XV que ajudaram a animar o povão. Segundo o prefeito Vicente Araújo ... o povo não tem dinheiro para arcar com alto custo de clubes, por isso os bailes no centro da cidade. (JCB,1991).

Desta forma, o termo povão é criado em associação aos bailes populares e àquelas pessoas que brincam o carnaval de rua, e em oposição à elite que brinca o carnaval em clubes. Estas associações dicotômicas rua:clube::povão:elite se tornam explícitas quando em 1993 o JCB, ao se referir aos bailes populares, traz como manchete: “A rua e o povão” ao se referir aos bailes populares em oposição ou contraste com o “carnaval societe” realizado no Cassino de Oficiais da EPCAR que contava com a presença do prefeito e vice (JC,1993,20,fev.).

Portanto, é no contexto de proposição dos Bailes Populares que a categoria povão vai surgir. E, neste sentido, a palavra “povão” surge como uma categoria de oposição à “socialaite” e que apesar de ser um termo superlativo, soa mais como diminutivo, isso porque, apesar de buscar identificar o outro, acaba desclassificando-o. Pois, numa relação de pares por oposição, o que não é elite é popular, e o que não é melhor família é pior família, o que não é socialaite é povão. Assim, tal conceito ou categoria de tratamento, neste contexto, acaba tornando-se um termo negativo e que muitas vezes é posto nas reportagens com desdém, ou mesmo com menosprezo, por parte daqueles que escrevem as matérias, e mesmo de alguns políticos e carnavalescos com quem conversei pessoalmente ou tive acesso as suas falas.

Como aponta Geertz (2008), as palavras criam significados. E, segundo Starthern (2014), os termos, ou categorias dicotômicas, tais como natureza/cultura, masculino/feminino, são criados para classificar e dominar pessoas hierarquicamente. Assim, estamos diante de duas palavras, “povão” e “socialaite”, que significam, classificam e ordenam pessoas e grupos sociais. Desta forma, as categorias sociais povão e socialaite são evidências que apontam para um tipo de folguedo de carnaval em que as diferenças sociais existentes no cotidiano local não são invertidas, mas afirmadas nos dias de festa. Visivelmente expresso nas letras de jornais, estamos diante de dois grupos ou categorias sociais distintas, que podem se relacionar na forma de patrão/empregado.

Por fim, podemos dizer que os bailes populares vão se firmar com o fim dos desfiles das escolas de samba e a partir dos anos de 1990, mais precisamente através de três tipos de apresentações: trio elétrico, bandas e dj's. A década de 1990 vai ser marcada pela expansão dos trios elétricos e pela música baiana, no que chamo de mercantilização do carnaval. Neste momento, as próprias escolas e blocos vão trocar suas fantasias pelo abadá, demonstrando a grande influência da cultura baiana no carnaval de Barbacena, que até então era influenciado pelos ranchos e escolas de samba do Rio de Janeiro.

Já as Bandas e os DJ's não irão tocar mais os velhos ritmos de carnaval, tais como o próprio samba e a marchinha. Eles serão aqueles e aquelas que tocam todos os tipos de música do cotidiano: axé, pagode, sertanejo, funk. Este tipo de baile popular vai existir até hoje no carnaval de Barbacena, como iremos ver no Capítulo 3.

Se no período de Zé Pereira, Corso, Ranchos e Escolas de Samba, os quatro compartilhavam um determinado tempo (1898/1940) e o mesmo espaço de rua (o centro da cidade) em harmonia, a partir de 1990, talvez em consequência dos bailes populares, alvo das reclamações de moradores do centro, o que veremos agora é o conflito em relação à ocupação do espaço, que começará com a proposta de mudança de parte do carnaval para fora do centro de Barbacena. Mesma sendo, ou tentando ser, posta em prática na década de 1990, esta proposta surge pela primeira vez em 1984, quando o JCB vai reportar que “urge mudar o local do desfile das escolas para a Av. Bias Fortes, deixando o centro para os foliões” (JCB,1984).

Tal proposta está carregada de contradições, pois ela poderia ser plausível se o centro não estivesse mais suportando tanta quantidade de pessoas, o que não era o que parecia ser, pois o próprio JCB, nesta mesma reportagem, enfatiza o “desgaste do carnaval de Barbacena, que já não possui o clamor das ruas e os turistas já começam a preferir São João de Rei em vez de Barbacena” (JCB,1984). Por que então transferir de local, se o fluxo e a quantidade de pessoas estariam diminuindo?

Ademais desta contradição, o que iremos perceber é que, com a criação dos bailes populares, teremos mais um motivo para o deslocamento dos festejos de escolas de samba para fora do centro da cidade. Pois, entre outras coisas, a gestão municipal falha na estrutura da festa ao não colocar, por exemplo, banheiros públicos para as pessoas que iam ao centro assistir às escolas e mesmo participar da festa. A falta de banheiros públicos no centro da cidade vai gerar uma série de protestos por parte de

moradores do centro que se sentiram incomodados com a sujeiras nas ruas, o que gerou uma atitude mais agressiva por parte da mídia, que chegou a se referir a estes foliões como “mestres da porcança que faziam suas necessidades fisiológicas no centro” (JC,1991,16,fev.).

Outra reclamação dos moradores do centro da cidade vinha do som alto e das músicas tocadas e cantadas até altas horas da madrugada, o que leva o JC de 1996 a relatar que “para os moradores do centro, a confusão e o barulho, noite inteira que a festa faz, perturba o sono deles” (JC,1996,13,jan.).

Assim, tais reclamações dos moradores do centro vão gerar um conflito de interesses, entre os próprios moradores do centro e a população que usa aquele espaço para fazer suas festas de carnaval. Buscando, a meu ver, satisfazer os moradores do centro, a elite, vários governos municipais, posteriormente, criaram várias tentativas, se não de acabar com o carnaval do centro, o de criar dois locais de folia. Um, mantido no centro, e outro, localizado fora do centro. Um para a família e outro para o povão. Ou seja, o município criou os bailes populares, e depois tentou acabar com eles.

A reclamação dos moradores do centro, chamando as pessoas de porcos, bem como a criação ou a proposta de criação de dois espaços para o carnaval, um no centro e outro na periferia, sem muitas delongas apontam para um tipo de distinção de grupos sociais, e de um apartheid não só do carnaval, mas da vida atual e ordinária. Este distanciamento entre os dois grupos existe desde as primeiras reportagens sobre a Embaixada de Momo e o Corso, quando somente permaneciam até tarde na rua XV de Novembro as melhores famílias.

Nestas tentativas de deslocamento de parte do evento do centro para outros locais periféricos, ao longo dos anos de 1995 a 2019, houve ao menos seis tentativas, com algumas se concretizando, mas não por muito tempo, ou seja, tiveram vida curta. Os seis locais foram, respectivamente: 1) Praça da Estação (JC,1995,28/fev.); 2) Parque de Exposição (JC,1996,20/fev. e JS,1996; JCS, 2013 e JE,2013); 3) Pontilhão (JCS,2007,20/fev.); 4) Av. Bias Fortes (JCB,2015); 5) Praça da Igreja do Santo Antônio (JE,2016); e 6) Rua Bahia (JCS,2019).

Voltando ao argumento dos moradores do centro sobre o incômodo causado pelo barulho alto, justificativa para a prefeitura transferir o evento para a periferia da cidade, Paulinho, um amigo que encontrei em minhas pesquisas de campo, me faz uma pergunta: “Uai ... Perto da exposição existem vários bairros pobres, estes pobres

também não seriam incomodados pelo barulho?”

Em especial sobre a mudança do local para o Parque de Exposição, tal fato vai provocar uma polêmica e um conflito de interesses muito forte, pois, enquanto a

Maioria dos moradores da Rua XV de Novembro e vizinhos está satisfeita com a mudança para o Parque de Exposição, a maioria dos moradores da periferia desaprova a mudança (JC,1996,13,jan.).

Esta desaprovação foi tanta que sequer o povo, a população ou o povão foi para o Parque de exposição, como faz destaque a reportagem do Jornal de 1996 ao relatar:

Povo invade centro da cidade e abandona parque da Cidade, debaixo de muito protesto, onde os foliões inclusive fizeram o enterro simbólico do carnaval. CENATUR<sup>51</sup> admite fracasso e transfere a festa para a rua XV em plena segunda-feira (JCB,1996).

No entanto, com os diversos fracassos de mudança e o retorno definitivo ao centro, outra coisa interessante na análise dos bailes populares e do carnaval é que, para o povão ficou reservado o período da noite, com bandas e dj's tocando músicas do momento, tais como axé, funk, pagode e sertanejo, músicas que se escutam no dia-a-dia, no cotidiano; e para a “família” ficaram reservados os períodos da manhã e da tarde “com bandinhas revivendo antigos carnavais ...” (JCS,2013).

Observamos que, além das classificações de quem frequenta cada espaço, temos outras distinções. Enquanto o centro revive músicas de carnavais antigas e cantam músicas específicas para o carnaval, onde Chiquinha Gonzaga é presença certa, na periferia, ou no centro no período noturno, as músicas destinadas ao “povão” são as mesmas tocadas o ano todo, não são específicas de carnaval. O que me leva a pensar: é possível um ritual ou uma festa que se caracteriza por momentos, vestuário, linguagem e músicas extraordinárias existir tocando músicas ordinárias, vestindo as mesmas roupas do cotidiano e ouvindo as mesmas músicas do dia-a-dia?

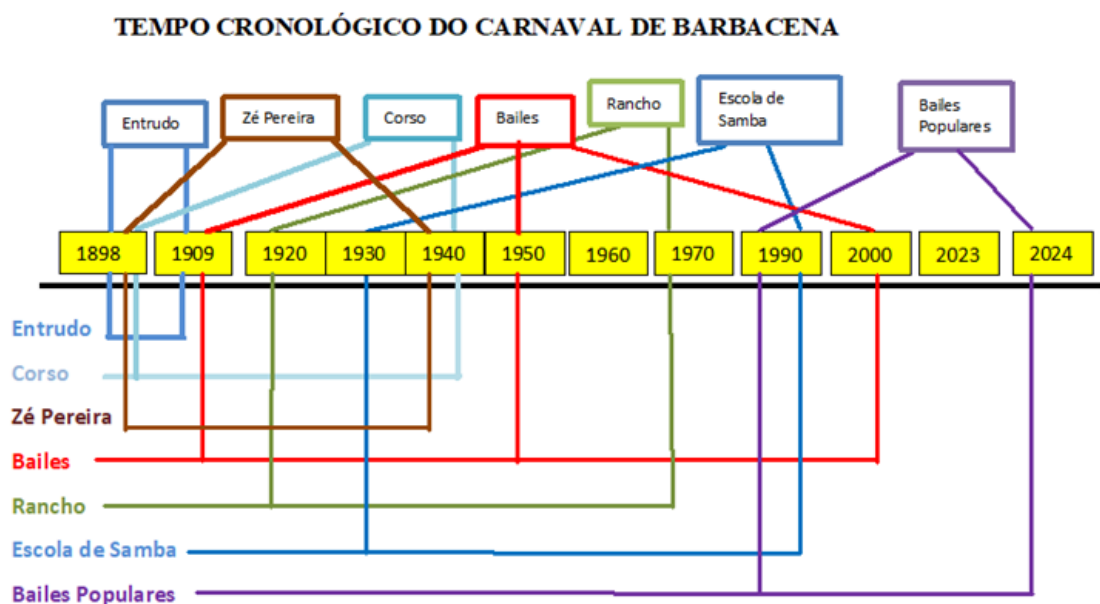
Uma vez que ritual é prática, não haveria aí uma profanação do ritual? Existe a morte de um ritual? Um ritual pode ser extinto? E, se isso acontece, este carnaval, via bailes populares, deixa de ser carnaval? Ou torna-se um outro tipo de carnaval? Segundo os entrevistados de minha primeira e segunda ida a campo, as respostas são sim e sim. E é isso o que vão apontar os carnavalescos (Capítulo 2) que viveram o

---

<sup>51</sup> Empresa Municipal de Turismo de Barbacena.



período áureo de escolas e blocos a partir da década de 1970, e os carnavalescos e foliões que fizeram e viveram o carnaval de Barbacena no ano de 2024 (Capítulo 3). Todos afirmam não existir mais carnaval em Barbacena.



Finalizando este capítulo 1, didaticamente, acima elaborei este gráfico que mostra que, apesar de distintos, a sequência de eventos do entrudo aos bailes populares aponta uma contemporaneidade entre alguns deles, demonstrando, como afirmado no início deste trabalho, que não existe necessariamente a evolução de um evento para o outro.

Assim, vamos às entrevistas.

## Capítulo 2

### O Rito no Tempo – Memórias

Concluída minha pesquisa com os jornais, eu parti para minha segunda atividade de campo, em que entrevistei sete carnavalescos, sendo quatro compositores de samba enredo, Ivan de Verdade, Cinco, José Albino e Iko; dois assistentes de show com pandeiro, Turene e Tuim; e um mestre de bateria, Dário. As entrevistas foram realizadas entre os dias 09 e 25 de setembro de 2023, e nesta data o compositor Cinco tinha 84 anos; Ivan de Verdade, 82 anos; José Albino 78 anos; Turene e Tuim, 75 anos; Iko, 74 anos e Dário 64 anos de idade. Todas as entrevistas foram feitas nas residências dos entrevistados.

Com relação às entrevistas, destaco que o fato de elas estarem em segundo lugar e após a pesquisa em jornais não foi aleatório, mas sim, planejado e obedecendo a uma questão de método para análise e entendimento do problema proposto. Isso porque foi através das narrativas dos jornais que abordavam momentos de descontinuidade e continuidade dos folguedos, as subvenções e premiações, as ocupações do espaço e o deslocamento da festa, os desfiles em si, e as categorias socialite e povão, que eu organizei minhas perguntas voltadas para a compreensão das relações de classe (pobre/rico) e raça (preto/branco) no período de carnaval, mais em particular em relação às escolas de samba e aos clubes.

Ademais, devo declarar que o recurso à memória através da oralidade baseada em entrevistas com as pessoas, no caso os carnavalescos, é importante por ocupar um lugar em que os documentos escritos, no nosso caso, os jornais, não são capazes de penetrar e de responder. E aqui devo ressaltar que é preciso levarmos em conta que certas datas, períodos, nomes, locais e informações podem não coincidir com os dos jornais e mesmo entre os próprios entrevistados. Isto não quer dizer que um ou outro entrevistado esteja mentindo ou equivocando, e isso pode se justificar por ao menos dois motivos. Um, pelo fato de ser o tempo um fator de fragmentação e dispersão da memória. E dois, por ter a memória uma substância social, pois as pessoas e grupos só lembram e relembram aquilo que lhes dão significado e importância (Chauí *apud* Bosi, 1987).

Assim, apesar das diferenças de faixas etárias, todos os carnavalescos compartilham, uns mais outros menos, o fato de terem vivido e convivido entre eles, e

com muitos outros agentes sociais, que já não estão mais em vida, neste período de 1960 à década de 1990, considerado áureo pelos jornais e também por eles, membros das escolas de samba em Barbacena. Todos os interlocutores com quem eu mantive contato viveram ativamente este período, desfilando em suas escolas de samba, compondo músicas, sambando, ou dirigindo a bateria.

Como eu disse na introdução, um dos objetivos que me levou a estudar o carnaval de Barbacena foi a minha influência familiar, que está voltada para a criação de blocos ranchos e escolas de samba em Barbacena. E desde minha infância em Barbacena, eu sempre ouvia as pessoas falarem que existiam escolas de brancos e ricos, como A Voz do Povo, e escolas de samba de pretos e pobres, como a Vila do Carmo. Do mesmo modo, existiriam clubes de brancos e ricos, como o Olímpic e o Barbacenense, e de pobres e pretos, como o Sindicato dos Tecelões.

Assim, buscando confrontar o que era dito publicamente sobre estas diferenças de escolas de samba e de clubes, fiz várias perguntas a todos os interlocutores. Aqui destaco seis. Primeira: existia escola de samba de preto/pobre e branco/rico? Segunda: existia clube de rico e clube de pobre? Terceira: o que você fazia depois dos desfiles? Quarta: o que significa o carnaval, em especial as escolas de samba, para você? Quinta: por que as escolas e os desfiles acabaram? Por fim, a sexta pergunta que marca um ponto crucial nas teorias sobre o ritual que é sua extraordinariedade, o que me levou a formular a seguinte questão também a todos eles: como você era tratado durante o carnaval?

Desta forma, para a apresentação deste capítulo, eu o dividi em forma de diálogo e da análise dos diálogos, em cinco tópicos, quais sejam:

1. Pequeno Histórico sobre as escolas de samba em Barbacena
2. Classe Social e Raça – sobre as escolas de samba
3. Classe Social e Raça – sobre os clubes
4. Extraordinariedade do Trato
5. Por que as escolas de samba e o desfile das escolas de samba acabaram?

## **2.1. Pequeno Histórico Sobre as Escolas de Samba em Barbacena**

Começarei esta parte do trabalho com a entrevista que fiz com Ivan Guilherme Lopes, homem negro, conhecido popularmente como Ivan de Verdade. Esta entrevista foi realizada em sua residência no dia 16 de setembro de 2023, das 09 às 14 horas. Ivan

de Verdade nasceu em Barbacena em 25 de junho de 1942, cor preta, filho de Maria de Lourdes Sobrinho, natural de Porto/Portugal, e Honorato Lopes, natural de Luanda/Angola. Ivan de Verdade é compositor de samba enredo em várias escolas e blocos de Barbacena desde a década de 1970. Compôs seu primeiro samba ainda no Rio de Janeiro, onde morava com seus pais, e de onde, por suposto, veio muito da sua influência sobre o carnaval e o samba, e em especial pela escola de samba e o samba enredo.

Devido ao fato de ter nascido em 1942 e ser o mais antigo dos interlocutores nascidos em Barbacena, bem como à sua participação desde cedo nas escolas de samba locais, eu pedi a Ivan de Verdade que nos contasse um pouco sobre a história das escolas de samba da cidade de Barbacena.

Ivan de Verdade aponta ter sido a “Unidos do Vila do Carmo” a primeira escola de samba criada. Isso em 1959, quando o Vila do Carmo ainda se constituía e se organizava em forma de bloco-rancho. Transformou-se em escola de samba a partir desta data, quando o jogador Valdir do time de futebol Bangú, da cidade do Rio de Janeiro, teria vindo especialmente para se constituir como o seu primeiro mestre-sala e Virgínia Rosa, barbacenense, sua primeira porta-bandeira.

E sobre o Vila, nesta transição de bloco-rancho para escola de samba, Ivan de Verdade destaca que:



Ivan de Verdade

O Unidos do Vila do Carmo em 1959 já saiu com bateria e inovando tudo. Deixa para trás os instrumentos de sopro e as marchinhas, e introduz a percussão e o samba enredo. ... Assim, o Vila saiu de bloco-rancho a escola de samba. ... E, ao se tornar escola de samba, o Vila do Carmo prossegue como escola de samba, e o Andaraí ... fica para trás como bloco-rancho. O Andaraí ... que era o maior rival do Vila naquela época (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

É neste contexto de transição de ranchos para escolas de samba, destaca Ivan de Verdade, que surge a Tijuca, oriunda do bloco-rancho “Os Inocentes do Samba”, criado nos anos 1960 por Paulo Andrade. Segundo Ivan de Verdade:

Em 68 ou 70, o bloco rancho Inocentes do Samba vira “Acadêmicos da Tijuca” e traz Natal, da Portela, para batizá-la. A Tijuca é a única escola de samba de Barbacena realmente batizada por uma escola de samba do Rio de Janeiro. E nestas idas e vindas, o Cinco veio de contra-peso com o Paulo

Andrade ... Ele veio prá cá e deu um ar de Rio de Janeiro na Tijuca ... Eu conheci o Cinco ainda na Portela tocando tarol (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

Segundo Ivan de Verdade as diferenças básicas entre bloco-rancho e escola de samba são:

O bloco-rancho usa estandarte, as escolas de samba porta-bandeira e mestresala; o bloco-rancho toca instrumentos de sopro, marchinhas e maxixe, já as escolas utilizam instrumentos de percussão e tocam samba; os blocos rancho tem charanga e as escolas bateria; por fim, entre outros, os blocos têm tema e as escolas de samba têm enredo e a ala das baianas como uma das suas principais representações (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

O nome “Vila do Carmo”, prossegue Ivan de Verdade,

Teria vindo da sua localização no bairro do Carmo, localizado no Sapé perto da rua do Campo. De lá, o Vila começou a vir chegando até o matadouro da rua Bahia, no bairro São Sebastião, tendo a “família Bahia” à sua frente e como a grande fomentadora da escola. O Vila do Carmo, lá no bairro São Sebastião, como clube de futebol, possui, desde de tempos antigos até hoje, a imagem de Nossa Senhora do Carmo na entrada do seu estádio de futebol .... A escola de samba “Unidos do Vila” passou por três locais ou sedes ... posso dizer. A primeira, foi ali na distribuidora de energia de Barbacena, que se localizava em um prédio perto da atual prefeitura. Dali o Vila foi prá baixo da cadeia na sede da Liga dos Homens do Trabalho ... lá no bairro do Carmo, perto da Igreja do São Geraldo e, por fim, no Matadouro da rua Bahia ... o Vila chegou a ter três sedes; atualmente não tem nenhuma ... é brincadeira (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

Ainda conforme este interlocutor, o Vila do Carmo, quando se localizava na sede da Liga dos Homens do Trabalho, realizava belíssimas horas dançantes e no maior requinte, mas

A mudança do Vila para o bairro São Sebastião trouxe um problema para a escola, pois havia um preconceito geral contra a localização do Vila do Carmo naquele local e das pessoas que moravam ali, uma vez que, naquela região, localizava-se o matadouro municipal de gado e de outros animais. E devido ao desconhecimento deste fato, muitas pessoas associavam o termo “matadouro” às pessoas que moravam ali perto, dando ao local uma ideia de um lugar onde pessoas matavam pessoas. Mas não era nada disso (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

Ivan de Verdade, bem carnavalesco e com ar de graça, nos relata que o primeiro enredo do Unidos do Vila, “As 13 Caravelas”, foi um fiasco, pois sendo a alegoria feita de plástico e como estava ventando muito, a tal alegoria teria sido levada pelo vento, cruzando toda a rua XV. Nesta época, prossegue Ivan de Verdade,

O bloco-rancho do Vila tinha como grande rival o bloco-rancho do Andaraí, onde ambos disputavam em plena rua XV... mas o Vila do Carmo era mais forte ... pois possuía o apoio tanto dos Bias Fortes quanto dos Andradas ... Além disso ... muitos dos jogadores da Vila do Carmo eram funcionários da empresa de seda Sericícola que produzia e doava ao Vila do Carmo a seda para ele poder desfilar, o que o tornava superelegante (IVAN DE VERDADE,16,set,2023).

Neste pequeno histórico de Ivan de Verdade sobre as escolas de samba de Barbacena, a partir da criação das escolas de samba Unidos do Vila do Carmo e Acadêmicos da Tijuca, podemos observar alguns pontos relevantes. Além de ambas resultarem de blocos rancho, ambas tinham estreita ligação com a cidade do Rio de Janeiro e com o universo do futebol. Isto é evidente na Vila do Carmo, em sua relação com o time de futebol Bangú através do seu jogador Valdir, que veio a ser o primeiro mestre-sala da escola. E esta relação com o futebol se afirma quando notamos que o Vila do Carmo, assim como o Andaraí, os dois principais ranchos da década de 1960, possuíam estádio de futebol. Inclusive o Vila do Carmo Esporte Clube é o único time da região do Campo das Vertentes que chegou a ser campeão mineiro, isso em 1968.



Inauguração da atual sede da Acadêmicos da Tijuca no bairro São José. Presença Cinco (em pé) e Paulo Andrade (4º a sua esquerda) e o alfaiate Leleu (1º a sua direita). Sem data precisa. Década de 1970.

Outra ligação com o Rio de Janeiro, agora diretamente no que diz respeito às escolas de samba, é a relação da Acadêmicos da Tijuca com o presidente Natal, da escola de samba Portela, que viria a batizar a Acadêmicos da Tijuca – cujo nome, por si só, já faz referência à cidade carioca. Posteriormente à vinda de Natal, ainda podemos incluir a vinda e a permanência

de Cinco, a ser abordada adiante. Sobre esta relação com a Portela, não é à toa que as cores da Acadêmicos da Tijuca são o azul e o branco, bem como o seu símbolo, a águia. Por fim, posso dizer que esta relação com o Rio de Janeiro vem de ainda antes, se lembrarmos do criador dos blocos ranchos em Barbacena (JCB,1929). Manoel Sátyro é natural do Rio de Janeiro e com certeza trouxe de lá sua inspiração para a criação dos blocos ranchos em Barbacena.

E nesta sequência histórica, Ivan de Verdade (2023) nos relata a criação da terceira escola de samba de Barbacena, A Voz do Povo, que teria surgido de uma cisão da escola de samba Unidos do Vila do Carmo. Segundo Ivan de Verdade



Omar Vicente de Souza.  
Compositor da Voz do Povo e  
diretor do Sindicato dos  
Operários.

A Unidos do Vila tinha uma tradição muito grande e tinha também muitos componentes ... e ... talvez devido a isso .... a partir de 1968/69 já se falava em divisão. Vamos dividir o Vila ... alguns diziam. Em 1971, em uma reunião da escola do Vila, houve uma grande discussão entre a família Mazzoni e família Bahia<sup>52</sup>, e o Vila se dividiu, e com a família Mazzoni seguiu eu e o Tarciso ... foi uma turma boa. E aí entra o Omar, o teu pai, na parada, que não havia pertencido a nenhuma escola até então e que fez o primeiro samba enredo da “Voz do Povo” chamado Integração Nacional, e que foi campeão e que também era muito importante lá no sindicato (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

Ivan de Verdade vai citar ainda a criação, nos anos 1980, da União das Cores, tendo como patrona a dona Helena Aguiar, que morava no mesmo bairro da escola. A escola de samba União das Cores, destaca Ivan de Verdade,

Era um bloco-rancho muito antigo<sup>53</sup> e que inclusive a própria dona Helena saía e que anos depois veio a se tornar escola de samba. Sendo o Primeiro Samba e Letra, ‘Nas Asas da Imaginação’, uma parceria de Cinco e Braguinha (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

Desta forma, prossegue Ivan de verdade

As grandes escolas de samba que irão compor o período áureo vão ser a Unidos do Vila do Carmo, a Acadêmicos da Tijuca, a Voz do Povo e a União das Cores. São estas as escolas de samba, cujas suas existências e apresentações que vão dar corpo ao período áureo de nosso carnaval, que chegou a ser considerado o melhor do interior de Minas Gerais à frente de São João del Rei e Ouro Preto (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

Assim, na visão de Ivan de Verdade, percebemos que das quatro grandes escolas de Barbacena, três teriam vindas de blocos rancho e a uma da cisão de outra escola de samba, onde a princípio teria havido um desentendimento entre duas famílias.

Reforço que, nesta perspectiva histórica traçada por Ivan de Verdade, percebemos a influência da cultura do Rio de Janeiro sobre a criação das escolas de samba em Barbacena. Ênfase seja dada à vinda de Valdir para a Vila do Carmo, à vinda

---

<sup>52</sup> Se unem e depois se separam.

<sup>53</sup> Ver capítulo 1. Seção 2.

de Natal para a Tijuca, bem como a de Cinco também para a Tijuca, que, como apontou Ivan de Verdade, deu um ar de Rio Janeiro nas escolas de samba.



Cinco

O nome de batismo de Cinco é Ricarte De Normandia Pio do Nascimento. Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 25 de março de 1940, Cinco morou muitos anos na antiga rua Arruda Câmara, atual rua Clara Nunes, onde se localiza a sede da Portela, escola que defendeu por 20 anos tocando surdo de marcação. Cinco veio para Barbacena no ano de 1973, portanto aos 33 anos, através de um amigo Taifeiro da Aeronáutica de nome Roberto e que foi inclusive quem o levou para a Tijuca, onde ficou até a escola acabar. Ao vir para Barbacena, Cinco não mais regressou como morador à cidade do Rio Janeiro, mas somente como turista. Aqui em Barbacena, ele se casou e criou uma família que hoje conta inclusive com filhos, netos e bisnetos.

Assim, devido à importância dada a Cinco por Ivan de Verdade, perguntei a Cinco o que significa para ele o carnaval, em especial os de escolas de samba. Ele assim me respondeu:

O carnaval de escola de samba é um teatro figurado ... movimentado. E dentro do histórico daquilo que é mostrado, cada ala vai apresentando uma parte do enredo. Isto aí é mostrado ... por exemplo ... se o enredo vai falar sobre a Amazônia, existe as alas dos índios, a dança daquela região também deve fazer parte. Cada ala vai mostrando o quadro, os costumes, a natureza desta região. O enredo, em realidade, vem nos contar uma história de um lugar, de um país, de pessoas, de árvores, de coisas. Eu sei que o carnaval é antigo, de tempo imemoriáveis, mas ... infelizmente ele esta acabando ... não temos mais escolas, temos um bloquinho aqui outro ali, nada mais que isso. Houve bons carnavais, onde íamos a Belo Horizonte disputar campeonatos, mais pessoas vinham do Rio de Janeiro para Barbacena ... Tínhamos cinco escolas de samba e uns seis blocos. Hoje não temos nada (CINCO,13,set.,2023).

## 2.2. Classe Social e Raça – Sobre as Escolas de Samba

Buscando ser objetivo em minha pesquisa, perguntei aos meus interlocutores se existia escola de rico e de pobre, de preto e de branco. José Albino (25,set./2023), natural de Barbacena, homem negro, me respondeu que sim, e que

A escola de ricos e brancos era a Voz do Povo e a de pretos e pobres a Vila do Carmo. E um dos argumentos utilizados pelas pessoas para justificar a ideia de uma Voz do Povo como uma escola de ricos estava nas suas



fantasias, que no geral eram bem feitas, com brilho e caras (JOSÉ ALBINO,25,set., 2023).

No entanto, ressalta José Albino (2023)

A Voz do Povo pode até ter sido considerada de branco, mas, isso era só fama ... pois dentro da Voz do Povo o que predominava era a raça negra, era ela que tocava, que dançava, que compunha a música, tocava os instrumentos. ... A Voz do Povo tomou fama de rica depois que a família Mazzoni assumiu a presidência da escola (JOSÉ ALBINO,25,set.,2023).



José Albino

José Albino, como ele mesmo diz, sempre morou no bairro São José e está no meio do carnaval desde 1960. Começou na Tijuca como passista, depois mestre sala e também compositor. Até 2000 ficou só na Tijuca e ao longo dos próximos carnavais esteve na Voz do Povo, União das Cores e outras escolas e blocos. José Albino também possui um bloco de rua

com o seu apelido, o Bloco do Zé Butão.

Só para rememorar, sobre esta questão de escolas de ricos e escolas de pobre ou sobre luxo e lixo, como apontamos no Capítulo 1, o JCB chegou a destacar A Voz do Povo com uma fantasia de 8 mil cruzeiros em 1976 e outra de 15 mil cruzeiros em 1977. Sendo que no ano de 1977, segundo o JCB, a escola de samba A Voz do Povo teria tido um gasto total de Cr\$80.000,00, ou seja, somente uma fantasia custou 18,50% de todo o orçamento da escola, cinco fantasias no mesmo estilo levariam todo orçamento de um total de 1.200 componentes (JCB,1977).

José Albino nos relata que, enquanto A Voz do Povo tinha brilho e boa costura das fantasias, sendo considerada de rico,

O Vila era considerado de pobre, e isso era devido a má administração ... sem querer citar nomes ... pois ... os presidentes que o Vila tinha, só entravam para pegar o dinheiro, que a secretaria de expansão e turismo ... que era o órgão do município que organizava o carnaval naquela época e que doava verba para as escolas... O Vila não tinha seleção não. Entrava ano e saía ano e ele repetia ... não as mesmas cores, mas sim, as mesmas roupas, as mesmas fantasias ... Isso não acontecia nem com A Voz do Povo, nem com a Tijuca e nem com a União das Cores (JOSÉ ALBINO, 25,set.,2023).

Segundo Ivan de Verdade, quando indagado por mim sobre se a A Voz do Povo tinha fama de ser de branco e rico, tal como José Albino responde

Tinha mas ... não, não era. A Voz do Povo juntou com a sociedade<sup>54</sup>, fez a ala da sociedade com o Hélio Costa<sup>55</sup> já na Globo e aí as pessoas falavam que o Hélio comprava a Comissão Julgadora. E aí a gente tinha que aguentar essa coisa toda, ... que faz parte da brincadeira.

(...)

Os ensaios da Voz do Povo eram no Automóvel Clube<sup>56</sup>, mas existia a ala da sociedade que não descia para ensaiar com a gente, com o nosso pezinho no chão, certo?!<sup>57</sup>. Aí eu tive que conversar com Clésio e Clézio Mazzoni que queriam que a gente ensinasse eles a sambar e tocar instrumentos ... a aristocracia, ... num sei o quê, ... classe a, classe b, classe c, ... tinha estas categorias e as escolas de samba são periféricas ... A Voz do Povo quis trazer a elite ... ela tentou elitizar as escolas com pessoas e fantasias, mas não a tornou branca (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

Dário (2023) também contribuiu para essa discussão:

Quando eu comecei ... eu tinha uns cinco anos de idade ... com meu tio que já era passista ... o tio Jordão ... que também foi um dos fundadores da Tijuca. Aos 8 anos comecei a tocar frigideira e dali fui levando ... e depois eu virei mestre de bateria até o fim das escolas de samba, por que as escolas de samba acabaram... Minha menina também gosta ... me puxou. Ela também é mestre de bateria ... ela já saiu na Tijuca, no José Jorge lá no ano passado. Ela sai ... mas ... eu não saio mais ... porque acabou (DÁRIO,18,set.,2023).

(...)

Agora, se existia escola de preto e de branco ... Não ... Isso não existia. Aqui em Barbacena não tem escola nem de rico nem de pobre ... é tudo de preto e pobre mesmo... Nem a Voz do Povo ... eles falavam que era rica, mas eu acho que não ... se ela fosse escola de rico estaria mantida até hoje. Ela acabou primeiro que as outras escolas. O Vila já saiu ... a Tijuca já saiu ... e a Voz do Povo não ... tem anos que não sai (DÁRIO,18,set.,2023).



Dário.  
Sem data precisa. Década de 1980.

Dário nos relata que começou na escola de samba aos cinco anos por influência de seu tio Jordão, que também foi um dos fundadores da Acadêmicos da Tijuca, na época de Paulo Andrade. Aos 8 teria ido para a bateria, onde começou tocando frigideira e aprendendo outros instrumentos e como se fazia a harmonia de diferentes sons, toques e ritmos. Isso lhe proporcionou um dia se

tornar mestre de bateria.

<sup>54</sup> Segundo o ex-presidente Clézio Mazzoni, durante sua formação A Voz do Povo teve uma grande participação de pessoas oriundas do bloco “É Com Esse Que Eu Vou”, um bloco considerado da burguesia local.

<sup>55</sup> Ex diretor do Clube Barbacenense em seus tempos áureos.

<sup>56</sup> Clube de socialite da época de ouro dos clubes em Barbacena.

<sup>57</sup> Com ar de perguntar e ao mesmo tempo de responder.

Já Turene, também nascido e criado no bairro São José, ao ser indagado se havia escola de branco e escola de preto, me responde

Eu mulequinho ainda peguei os blocos do América, do Guarani, do Andaraí e do Vila, cheguei a ver eles desfilarem ... Só desfilei na Tijuca, comecei com o pandeiro em 1972, dois anos depois comprei mais dois pandeiros e a minha ala de pandeiro cresceu .... Agora ... o fato da Voz do Povo ter essa fama de rico e de branco ... é por causa dos Mazzoni, mas não existia isso não ... era tudo misturado, lá tinha o Tarciso que comandava também ... Tinha um bloco ... É Com Esse Que Eu Vou ... aí sim ... tinha uma panelinha, já era uma elitizinha, né, mas o resto não. Esse bloco sim, era selecionado ... os outros não, era povão mesmo (TURENE,09,set.,2023).



Turene.  
Sem data precisa. Década de 1970.



Sônia, Genoca, Idê, Robertinho, Turene, Joaquim,  
Hermínia, José Albino Serginho, Zuca.  
Desfile na Acadêmicos da Tijuca. Anos 1970.

Em uma conversa rápida na própria Rua XV em Barbacena, com o ex-dirigente da escola de samba A Voz do Povo, Clézio Mazzoni, ao ser indagado por mim se havia escolas de ricos e de pobres, sendo a Voz do Povo a escola dos ricos, ele me respondeu em alto e bom tom, sem, no entanto, me dizer se existia ou não:

A Voz do Povo, foi a união do Bloco É Com Esse Que Eu Vou com a ralé<sup>58</sup> ... a gente uniu a socialaite com a ralé, como se dizia na época. (CLÉZIO MAZZONI,17,set.,2024).

Analisando as palavras de Turene, que aponta o bloco É Com Esse Que Eu Vou como uma panelinha da elite, e as palavras de Clézio Mazzoni de que A Voz do Povo surgiu da união do bloco É Com Esse Que Eu Vou com a ralé, elas por si só falam muitas coisas, mas a principal é que elas definem, confirmam e expõem a existência das diferenças entre classe e raça dentro da própria escola de samba. Temos de um lado a elite e, do outro, a ralé, e ambas dentro deste contraste interno formariam a escola de

---

<sup>58</sup> Termo Pejorativo. Reunião dos indivíduos que fazem parte da camada inferior de uma sociedade; as classes mais desfavorecidas; plebe: escória.

samba A Voz do Povo.

Esta distinção entre elite e ralé não vem de agora, mas desde a primeira metade do século, quando os jornais, ao se referirem aos brancos e ricos que frequentavam o Corso e os Clubes, se dirigiam a eles ou elas como as “melhores famílias”, sem no entanto mencionar quem seriam então as piores famílias. Situação que vai se evidenciar quando os jornais criarem a categoria povão nos anos de 1980, como vimos no capítulo anterior.

A categoria povão foi criada em oposição à categoria elite. Portanto, se antes este discurso pelos jornais era implícito para definir classe e raça, agora, nas palavras de Clézio, esta distinção torna-se explícita. Pois, se o dicionário online Michelis (2024) vai definir elite como “o que há de melhor, de mais valorizado em uma sociedade; escol, fina flor, nata”, este mesmo dicionário<sup>59</sup> vai apontar que o termo ralé está associado às

peças que pertencem à camada mais baixa de uma sociedade, borra, escória, gentinha, pessoas que fedem, bem como a animal que serve de presas para as aves de rapina (MICHAELIS,2024).

Assim, se A Voz do Povo era vista como uma escola de rico, tendo como um dos quesitos as fantasias de seus componentes e o luxo de seus carros alegóricos, ela era negra, na sua performance ritual, uma vez que na realidade eram os pretos que tocavam, dançavam, compunham a música, eram membros da bateria, eram as baianas, eram os que empurravam os carros alegóricos. E como dito por Ivan, os brancos da elite sequer sabiam tocar instrumentos ou sambar, mas eram os brancos através da família Mazzoni que controlavam, gerenciavam A Voz do Povo.

Aqui estaríamos a ver, ou a reafirmar, uma prática do cotidiano, em que os negros estão alheios aos poderes dos cargos de chefia e decisão, onde, mesmo protagonista do espetáculo, ele sequer tem o poder de decidir se sua escola vai sair ou não. Pois quem decide se a escola vai sair é o branco presidente da escola que, como dito, não toca um instrumento e nem sabe sambar. Relembrando que o presidente da escola de samba A Voz do Povo pedia a Ivan de Verdade que ensinasse os brancos a sambarem e tocarem instrumentos (provavelmente se referindo aos membros do Bloco É Com Esse Que Eu Vou), vemos subentendida a ideia de que o branco seja bom para administrar, mas péssimo para tocar tambor, e o negro, por oposição, seja bom para

---

<sup>59</sup> <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=D95D1> (2024).

tocar tambor, mas péssimo para administrar.

Tal relação também pode ser interpretada como o desdobramento de outras. O negro estaria associado ao ritmo, à música, à dança, ao corpo, à natureza. Em contraste, o branco estaria associado à administração, à organização, à razão, à cultura. Estes pares de opostos não são incomuns em estudos que se voltam a uma análise dos discursos que perpassam o mundo da música. Exemplo disso é o trabalho de Maria Elizabeth Lucas (1996) sobre as representações da música brasileira na mídia americana. Segundo a autora, este sistema discursivo reatualiza o tema da divisão intelectual do trabalho “entre os que pensam e os que sensorializam o real”. A música brasileira, marcada pela herança negra, pelos ritmos percussivos e pelo swing do corpo, seria um “reservatório de sensibilidade”, uma espécie de sedativo para o mundo da razão (Lucas,1996). E, como vemos no presente trabalho, esse discurso se reproduz também internamente ao Brasil, revelando sempre um viés racial.

É importante também contrastar esses discursos com outros dados aqui apresentados. Lembremos que o presidente fundador da escola de samba A Voz do Povo era negro, bem como o seu primeiro compositor Omar do Sindicato, e muitos membros da diretoria, como o Tarcísio e o próprio Ivan de Verdade, são negros. Lembremos também que a escola de samba A Voz do Povo resulta da cisão da escola de samba Unidos Vila do Carmo, quando, segundo Ivan de Verdade, ocorreu um desentendimento entre as famílias Mazzoni e Bahia. A família Mazzoni é justamente composta por brancos e ricos, descendentes de italianos, enquanto a família Bahia é de gente preta e pobre, descendentes de africanos. Ou seja, a elite branca e rica saiu dos pretos e pobres da Vila do Carmo, mas teve que unir a outros pretos e pobres para poder montar sua escola de samba.

Portanto, podemos perceber nestes relatos que não só existiam percepções de classe e raça entre as escolas de samba, como no caso da Unidos do Vila, considerada de pobres, e A Voz do Povo, considerada de ricos; mas também dentro das próprias escolas de samba, como no caso da Voz do Povo, onde estão explícitas, no próprio relato de Clézio Mazzoni, ex-diretor da escola, as distinções entre quem é elite, eles, os brancos e ricos, e quem é ralé, os outros, os pretos e pobres. Tal relato contraria a ideia de Rabellais sobre o fato de que no carnaval as diferenças do dia a dia são anuladas, e até mesmo invertidas. Ao contrário, o que vemos são as diferenças serem afirmadas e reafirmadas, sejam em termo de classe, seja em termo de raça. Ou seja, o pobre continua

pobre e o preto continua preto.

Nesta perspectiva, de discursos que se assemelham a um desdobramento da relação entre natureza e cultura, surgem alguns questionamentos. Quem sabe este conflito interno de classe e raça, daqueles que não sabiam sambar ou tocar instrumentos, como os integrantes do bloco *É Com Esse Que Eu Vou*, tenha sido um dos motivos de sua inércia em ir para as ruas sem subvenção ou baixa subvenção, como vimos no Capítulo 1? As fantasias mais bonitas estavam com os brancos, e não com os negros que desfilavam de cetim. O valor econômico das fantasias foi mais forte que o valor sentimental dos carnavalescos que desfilavam por amor e de cetim? O luxo é, para este grupo, mais importante do que o próprio rito, do que o próprio samba na voz e no pé? Novamente tais questionamentos me levam à análise do rito como prática, ou seja, um rito sem prática se assemelha à amnésia, estando fadado à extinção. Não existe rito sem prática.

### 2.2.3. *Sobre o Passeio da Bota de Ouro*

Além do bloco “*É Com Esse Que Eu Vou*”, Turene aponta um outro fator importante a ser destacado sobre o carnaval de rua de Barbacena e sua relação entre classe e raça. Trata-se da existência do passeio da loja de calçados “*A Bota de Ouro*”, na rua XV de Novembro, como um espaço onde o contato entre pobres e ricos era conflitante, uma vez que tal passeio era visto, como aponta Turene, como “um passeio para a elite”. Este passeio também é mencionado na Introdução deste trabalho de pesquisa. Entretanto, Turene também nos relata que esta divisão

Só ocorria nos finais de semana, depois do cinema, depois das sessões de cinemas que as meninas da sociedade ou socialaite iam ... elas passavam subindo a rua XV... já no meio da rua, no Jardim, era nós os mais ou menos ... e do outro lado ... aí ... já era o pessoal mais ... como dizia na época ... mais baixo meretriz (TURENE,09,set.,2023).

Podemos observar na fala de Turene que os marcadores de classe e raça também se cruzavam com os marcadores de gênero. A presença de mulheres agregava um ingrediente às classificações sociais que orientavam as relações nesse contexto. Este, porém, é um tema que não será desenvolvido aqui, ainda que se reconheça sua relevância.

Ivan de Verdade, tal qual a Turene, vai apontar a existência do passeio da Bota de Ouro, onde as diferenças de classe, raça e gênero eram postas nítida e abertamente. Assim nos relata Ivan de Verdade sobre o passeio da loja A Bota de Ouro:

Lá na Rua XV, também tinha categoria. Nos anos 50, no passeio da Bota de Ouro, só passeava classe a, certo?! No meio ali era o pessoal da fábrica, dos laticínios, do comércio... o que acontece é que lá do outro lado onde ficava a banca de jornal ... ali eram as empregadas de casas de família ... tinha muita .... a nossa pele negra ainda pesava muito aqui, tava muito perto da abolição né... será que “já raiou a liberdade?”. Havia cotoveladas entre as moças ... isso era muito triste ... deplorável (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

No entanto, prossegue Ivan de Verdade:

Aquele passeio da Bota de Ouro que as pessoas pretas e brancos pobres não passavam nos dias normais, nos dias de carnaval e desfile das escolas de samba, ele era invadido pelo povo preto e pobre, tanto com os desfiles das escolas e blocos que se realizavam na rua, em frente à loja A Bota de Ouro, quanto no próprio passeio da Bota de Ouro assistindo os desfiles das escolas ... não tinha como (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

Assim, tais considerações sobre o passeio da Bota de Ouro me levam a pensar em uma relação triangular entre carnaval, espaço e pessoas. No período de carnaval, período extraordinário e de festa, as pessoas pretas e brancas pobres que não podiam, no dia a dia, transitar pelo passeio da loja A Bota de Ouro têm seu livre acesso a ele. Como se existisse uma linha, uma faixa invisível que impedia certas pessoas de passar por aquele local, mas que nos momentos de festa, de carnaval, era facilmente transgredida, sem contestação de quem quer que seja.

Aqui, portanto, nesta relação triangular entre carnaval, espaço e pessoas, vemos o carnaval em uma perspectiva de negação do cotidiano, de transgressão das normas. Onde regras podem e devem ser quebradas para que o evento, a festa ou o ritual ocorra. Aqui neste fato em si, podemos considerar o carnaval realmente como uma forma aos moldes de Rabellais (Bakhtin:1987), como iniciativa popular de inversão, ou mesmo de negação da ordem dada, onde o povo toma a iniciativa de mudança. Mas se a transgressão do passeio pode confirmar esta mudança nos dias de folguedos, ele também vem a confirmar as distinções sociais e raciais em que a cidade de Barbacena se insere no dia a dia, pois passados os dias de carnaval, o passeio de A Bota de Ouro voltará a ser pisado somente por alguns pés selecionados. Devo destacar que tais

situações e condições relacionadas ao passeio da Bota de Ouro já não existem mais, e a nova geração a partir dos anos de 1990 para cá sequer deve saber sobre este fato mítico que versa sobre ele.

### 2.3. Classe Social e Raça – Sobre os Clubes

Contemporâneos das escolas de samba, a análise dos clubes também é de grande importância em nosso estudo sobre o carnaval de Barbacena. Pois, se o dito popular era que existia escolas de ricos e brancos e de pretos e pobres, existia o dito popular também da existência de clubes de ricos e brancos e de pobres e pretos. O que nos leva a perguntar aos nossos interlocutores sobre esta questão e se eles frequentavam algum clube em Barbacena. Devo lembrar que, dos nossos sete interlocutores, cinco pessoas são negras: Ivan de Verdade, Cinco, José Albino, Dário e Tuim, e dois são brancos, Turene e Iko. No entanto, todos se julgam pobres. E ao se classificarem assim, apesar das raças distintas, pertenceriam à mesma categoria social, ou a mesma classe, ou ao mesmo extrato social.

Assim, em minha conversa com o compositor Iko, nascido e criado no bairro



Iko

São José, sobre se havia clubes de ricos e de pobres e o que ele fazia depois dos desfiles, ele me responde:

Naquela época ... o Olympic era visto como clube de brancos e ricos ... o Olympic era visto como racista, .... mas o Barbacenense era também visto como de rico, também, talvez mais que o Olympic ... por sua vez, o Andaraí era visto como de classe média e baixa ... já o Sindicato dos Trabalhadores era considerado o dos pobres e pretos, apesar de ser talvez o mais moralista ... não podia beijar lá dentro que o sr. Ernani já chega pedindo para parar (IKO,20,set.,2023).

Já quando faço a mesma pergunta ao chefe de bateria Dário, este por sua vez me responde:

Pra falar a verdade ... eu acho que ... bem ... falavam que o Olympic era clube só de rico né... que não entrava preto, entendeu?, mas pra mim. Quer dizer ... Barbacena humm ... acho que não tem isso não ... nunca teve isso não, pois ... depois que surgiu uns “negócio” no Olympic passou a entrar preto, rosa tudo junto ... entendeu? ... Nos clubes eu nunca fui. O único lugar que eu ia era o sindicato. ... Sindicato e Andaraí eram os únicos “lugar” que eu ia. Barbacenense este aí nunca fui .... Fui depois que ... já estava liberado<sup>60</sup>. Cheguei a ouvir falar que o Olympic tinha racismo, mas ... o

<sup>60</sup> Nas décadas de 70 e 80, o Clube Barbacenense realizava aos sábados e domingos as chamadas horas



Barbacenense não ouvi falar (DÁRIO,18,set.,2023).

(...)

Depois dos desfiles ... A gente ficava brincando na rua, acabava os desfiles a gente ficava ali até tarde. Hoje acabou o desfile dos blocos acabou tudo. ... Agora sobre ir aos clubes eu na verdade eu nunca fui em clube, eu nunca gostei de clube, este negócio de ficar sentado ... eu não acho graça ... nunca achei graça.

Passo agora ao passista da ala show de pandeiro Tuim (fotos abaixo), nascido e criado no bairro São Sebastião, que fez seu “primeiro pandeiro de uma lata de marmelada redonda” e que somente depois conseguiu comprar um pandeiro de qualidade e fazer suas acrobacias com ele. Quando lhe pergunto se havia clubes de ricos e de pobres, de brancos e de pretos, e o que ele fazia depois dos desfiles, ele me responde:

Bem ... sobre o que eu fazia depois dos desfiles ... depende ... às vezes eu ficava na rua ... às vezes eu ia pra casa ... às vezes eu ia pro Andaraí ou Sindicato ... Agora sobre frequentar o Olympic ... Não ... eu não frequentava ... nunca frequentei. Porque lá só entrava gente ... você sabe... só gente da alta ... né, cara. Nem gente de cor podia entrar assim ... você sabe. Todo mundo sabe que o Olympic era.... Hoje eu já não sei, né ... mas eu cheguei a ir para o Andaraí e o Sindicato (TUIM ,11,set.,2023).



Tuim com seu pandeiro, desfilando pela Escola de Samba A Voz do Povo. Sem data precisa. Década de 1970.



Tuim como mestre-sala ao lado de Lerina como porta-bandeira da Voz do Povo. Lerina filha de José de Souza Ferreira, fundador da A Voz do Povo. Sem data precisa. Década de 1970.

Quando perguntei a José Albino sobre os clubes, ele me relatou que chegou a jogar futebol no Olympic, e que existiam outros negros jogando no mesmo clube. Quando lhe perguntei se ele chegou a ir ao Clube do Olympic brincar carnaval, ele me respondeu que sim. Mas quando lhe faço outra pergunta, se havia outros negros no

---

dançantes para a juventude da época, regadas a soul music de James Brown com os “blacks” e a discoteca de Donna Summer com as “cocotinhas”.

baile, ele me responde: “não...isso não ... tinha pouco ... de 100 ... havia ... uns 4” (JOSÉ ALBINO,25,set.,2023).

Buscando responder as mesmas perguntas, Turene (2023) destaca:

sobre a existência de clubes de ricos e brancos ... naquela época, muita gente falava que no Olympic não podia entrar preto... racismo ... mas para mim era mais social ... lá tinha elite e tudo ... mas na época um preto, um escuro era da classe ... mais pobre ... eu acho que é isso ... o cara ficava até sem jeito de ir lá. Quando chegava o dr. Benedito<sup>61</sup> ele entrava ... então era social, ... a gente mesmo<sup>62</sup> não se sentia bem lá no meio deles não ... Não é cor é social ... mas falavam ... tinham essa separação mesmo, mas para mim era mais financeiro. Mas existiam outros clubes de elite ... o Ícaro no Palace ali, o Barbacenense ... mas a gente nem procurava, pois parecia que era mais para a elite mesmo, ... mas ainda tinha ... mas para mim era questão mais social mesmo ... a gente tem que ir onde se sente bem.

(...)

Agora, depois que acaba os desfiles a gente ficava na rua tomando umas, a gente podia até ir pros clubes, mas a gente ia para o Andaraí ou para o Sindicato ... Gostava do Sindicato ... No Olympic, não ... No Olympic não. ... Joguei futebol no Olympic e tudo ... mas não era a minha praia não. Eu gostava do Andaraí, do Sindicato, uma coisa mais simples ... e era normalmente onde estava a nossa turma junto, né ... (TURENE,09,set.,2023).

Portanto, analisando os discursos acima, percebemos que todos os entrevistados apontam para a existência de clubes de ricos e brancos e de clubes de pretos e pobres. Mas enquanto os negros percebem a questão de raça e cor da pele como determinantes para definir quem pode ou não frequentar os clubes considerados de elite, como o Barbacenense e o Olympic, os brancos tendem a ver a questão como social e econômica, pois como destacou Turene, o Dr. Benedito era negro e frequentava o Club Olympic. José Albino, tanto quanto Turene, jogou no Olympic e chegou a ir em bailes no Olympic. E segundo ele, no Olympic também iam negros, mas quando lhe perguntei, se de 100 pessoas quantas eram negras, José Albino me respondeu: “no máximo umas quatro”.

Desta forma, segundo os interlocutores, os bailes carnavalescos, por exemplo no Olympic Club e demais clubes de elite, envolviam critérios de classe e raça, onde este espaço ainda estaria associado ao branco rico. E isso vem desde os primeiros bailes da primeira metade do século XX, quando os bailes em clubes, escolas, cinemas e residências eram reservados às “melhores famílias”. Portanto, agora sabemos quem são “as melhores famílias” e o critério para defini-las. As melhores famílias são as de

---

<sup>61</sup> Dr. Benedito, advogado negro, talvez o único de sua época em Barbacena, famoso e de grande respeito

<sup>62</sup> Turene se considera branco e pobre.

brancos ricos, e classe e raça são os critérios para defini-las.

Assim, se investigamos se o carnaval é um momento de negação das diferenças sociais nos moldes de Rabellais (Bakhtin:1987) ou momento de afirmação das desigualdades sociais, como destaca Pereira de Queiroz (1994), as entrevistas com meus interlocutores de agora e os jornais da época confirmam o carnaval nos clubes de Barbacena como um momento de afirmação das diferenças sociais do cotidiano, tanto em termos de classe, quanto em termos de raça. O que me leva a pensar que, nos discursos, as pessoas podem até ser consideradas livres e iguais, mas na prática a coisa é outra.

A constatação das relações de raça e classe existentes no carnaval de Barbacena, explícitas tanto nas escolas de samba quanto nos clubes, é o reflexo do cotidiano barbacenense? As relações do cotidiano barbacenense se postam através das relações de classe e de raça? Sendo reflexo da sociedade barbacenense, estas relações de classe e raça presentes no carnaval de Barbacena estariam igualmente presentes em outros setores da vida cotidiana da cidade, tanto os relativos ao serviço público quanto ao serviço privado? Parte desta pergunta será respondida no capítulo 3 quando estivermos analisando o desfile de blocos e escola de samba no carnaval 2024 de Barbacena e a relação entre direito e privilégio. Veremos como o direito está associado a uma população generalizada e o privilégio, a uma pessoa ou um grupo em especial.

#### **2.4. Extraordinariedade do Trato**

Apesar de todas estas constatações de afirmação das desigualdades do cotidiano em termos de classe e raça, em especial na análise sobre as escolas e os desfiles, essa questão para os carnavalescos é o que menos interessa, pois o mais importante para eles era o que as escolas e os desfiles lhes proporcionavam. Todos os carnavalescos são unânimes em dizer que aqueles momentos de desfile e disputas entre as escolas eram momentos muito saudáveis.

A minha atenção agora se volta para a questão do trato, ou seja, sendo um momento de extraordinariedade e distinto do ordinário, a questão a ser trabalhada foi: como você era tratado nos dias de carnaval?

Com relação a esta pergunta Turene, com um ar saudosista e um suspiro bem expressivo, nos relata que:

Durante o carnaval, em especial com relação aos desfiles das escolas de samba, havia muita rivalidade entre o pessoal do samba ... a rivalidade era tanta que um cara de uma escola não era recebido em outra escola ... nem mesmo um passava perto da escola do outro ... chegava a ter brigas ... mas ... com o fim dos desfiles, na quarta-feira estávamos todos bebendo juntos ... era bom prá caramba ... hoje somos todos amigos. A rivalidade entre as escolas era muito boa. A rivalidade da Tijuca era com A Voz do Povo ... A gente era adversário, inimigos não. (TURENE,09,set.,2023).

A mesma rivalidade que apaixona Turene é também considerada apaixonante nas palavras de Dário, que, ao ser indagado se existia alguma rivalidade entre as escolas de samba, nos relata que

Sim, tinha ... e muito. A Tijuca ... a rivalidade dela era com a Vila do Carmo e com a União das Cores ... entendeu? Com a Voz do Povo era muito pouco. Era um negócio gostoso, igual a time de futebol, no outro dia estávamos todos conversando no centro ... pronto ... virava tudo amigo de novo (DÁRIO,18,set.,2023).

Com iguais sorrisos e suspiros, Ivan de Verdade, José Albino, Cinco e Iko compartilham a importância da rivalidade entre as escolas de samba como uma coisa saudável. Como destaca Cinco, compositor carioca radicado em Barbacena: “a rivalidade e a competição estimulavam e davam emoção ao carnaval, aos desfiles das escolas de samba”.

Tais relatos, onde os sorrisos vão até as orelhas, nos evidenciam a importância da rivalidade e da competição como mecanismos de prazer, de satisfação pessoal e de interação social. A experiência se assemelha a eventos como as Olimpíadas e a Copa do Mundo de Futebol, mas também a outras tantas manifestações de cultura popular que têm na competição um ingrediente central. A meu ver, a partir da própria conversa que tive com os carnavalescos, rivalidade e competição são ações que incentivam a busca por um melhor, um melhor enredo, um melhor samba, uma melhor fantasia, um melhor malabarismo com os pandeiros, uma melhor bateria, um melhor carro alegórico, enfim, uma melhor escola, onde os melhores prêmios são o reconhecimento e o aplauso. E o que percebo é que depois que eles recordam este tempo com um sorriso largo, sequer um pequeno silêncio e o sorriso se desfaz, como que em um lembrar: “que pena”.

Em minha conversa com o compositor Cinco, quando ele estava me falando que sentia muitas saudades deste tempo e falava isso para algumas pessoas, estas pessoas respondiam a ele dizendo que ele estava sendo saudosista. Segundo ele, de imediato respondia a esta pessoa: “se eu tenho saudades, é porque foi bom”.

Portanto, com o fim das escolas e dos desfiles, iremos assistir ao fim destas rivalidades e das competições. Fazendo uma análise comparativa com o Capítulo 1, onde o auge do carnaval, em especial, o desfile das escolas de samba, está associado a uma questão econômica, tais como valores das subvenções e das fantasias, número de turistas, venda de materiais de carnaval, viagens a Belo Horizonte, etc., nas palavras dos entrevistados percebemos que o que vem à superfície para justificar este período áureo não são os valores econômicos, mas os valores sentimentais e emocionais, que vinham justamente através da rivalidade e da competição. A rivalidade e a competição, ao buscar promover o melhor, promoviam os momentos de visibilidade dos carnavalescos e o reconhecimento vinha do público através dos aplausos na avenida e mesmo dos cumprimentos nas ruas, como apontaram Tuim, Turene, Dário e o próprio compositor Cinco.

Percebemos pelos relatos dos entrevistados que a rivalidade é o que dava prazer e energia para eles competirem. E em uma competição, ninguém competente sozinho. Para isso acontecer, há a necessidade da existência do outro, ou dos outros, ou seja, de ao menos dois agentes, por isso a importância do adversário. Ao pressupor um outro, a competição cria relações. E isso é o que vemos, por exemplo, nas competições nacionais e internacionais, como os Jogos Olímpicos, onde ocorrem as quebras de recordes, onde, se um competidor faz 10 segundos, o outro quer fazer 9,9 segundos, ou mesmo nos Jogos da Copa do Mundo, onde os artilheiros querem fazer mais gols e os goleiros serem menos vazados, mas todos com a igual intenção de serem os melhores e, ao final do ritual olímpico, futebolístico ou carnavalesco sagrarem-se campeões.

Portanto, a meu ver, a rivalidade é uma categoria que surge para estimular a competição entre as escolas de samba, através do buscar fazer o melhor. E a competição surge como um modo de construir relações. Assim, podemos perceber a rivalidade e a competição como categorias complementares, que levam à construção de vínculos.

Buscando analisar o momento ritual em relação ao momento ordinário, já que se trata de tempos diferentes, quando faço a pergunta ao chefe de bateria Dário de como ele era tratado no período de carnaval e se este tratamento era igual no cotidiano de sua vida, ele me responde:

Não era a mesma coisa ... Num sei, mas ... muitas vezes eu tô andando, chega uma pessoa e começa ... eu lembro de você lá da Tijuca e aí já começa ... isso aí eu sempre fui reconhecido entendeu? Então ... isso aí assim ... não

tinha nada de mudança não ... eu mexia com futebol também ... qualquer lugar que vou 'nêgo' me conhece e eu não conheço ninguém ... nêgo mexe comigo e me pergunta se a Tijuca vai sair ... aí eu penso até aqui. Eu fico até alegre e meus filhos me perguntam: Pai de onde você conhece ele e estou respondendo: este aí saía comigo na Tijuca. Agora não sei de onde era, pois vinha muita gente de longe ... Santo Antônio, lá do Sapé, da Boa Morte tudo para sair na escola da Tijuca, vinha até gente de Sá Fortes. Era uma coisa muito gostosa (DÁRIO,18,set.,2023).

(...)

Se eu tenho saudades? Sim, eu tenho muitas saudades. Se eu tivesse dinheiro eu arranjaria um jeito de colocar de novo o carnaval na rua. Se existisse um grupo para organizar o carnaval de Barbacena, eu participaria, pois é o que está precisando. Tinha que ter um grupo para organizar isso aí (DÁRIO,18,set.,2023).

Já o compositor carioca-barbacenense Cinco nos relata:

Eu nunca trabalhei profissionalmente dentro da Tijuca ... pois nunca recebi nada. As pessoas achavam que deveríamos fazer aquilo por amor. ... Eu tive prazer e desprazer... pois ... dentro da Tijuca eu fui discriminado. Eu trabalhava e dava muito de mim para a escola e em determinados momentos não tinha reconhecimento. ... Cansei de ir ao Rio de Janeiro com o Paulo Andrade, presidente da Tijuca, fazer compras ... nesse período eu me tornava seu secretário.

(...)

Era uma época muito boa. Durante o período de carnaval nós éramos tratados como personalidades. Éramos convidados a dar entrevistas, éramos procurados a todo momento. No entanto ... Quando acabava o período de carnaval voltávamos ao que éramos, ao diário, à rotina, cada um ia fazer seus trabalhos normais. Acabava todo aquele assédio em cima, já não éramos chamados para dar entrevistas, sumíamos, voltávamos a ser invisíveis.

(...)

Mesmo assim, ainda hoje muitas pessoas me reconhecem quando eu passo nas ruas ... e sabem o meu nome ... mesmo eu não saindo mais em escolas de samba (CINCO,13,set.,2023).

Quando perguntei a Tuim como ele era tratado durante o carnaval e depois, no dia a dia, ele me respondeu:

Nos desfiles das escolas de samba ... Eu cheguei a fazer malabarismo com três pandeiros. O pessoal fazia roda para ver nossa exibição. ... a gente não se importava com dinheiro ou com fantasias pois o que eu mais gostava era dos aplausos ... eu ficava encantado com os aplausos e com o reconhecimento do público... que vinha tanto dos aplausos dos desfiles ... quanto do reconhecimento nas ruas onde ... ainda hoje ... muitas pessoas me reconhecem como passista e pandeirista.

(...)

Mas ... se tudo era luzes no carnaval ... quando chegava a 4ª feira de cinzas tudo voltava ao normal e eu ia para a pedreira do município quebrar pedra, onde trabalhei por mais de 30 anos e me aposentei. Chegava quarta-feira a gente tinha que ir lá quebrar pedra, na pedreira, até 5 horas da tarde, era aquele sufoco danado ... A gente tinha que trabalhar na pedreira até mesmo na segunda feira de carnaval ... a prefeitura não dispensava a gente (TUIM,11,set.,2023).

Já para Iko, com relação a como era tratado durante a festa e depois, no cotidiano, nos relata:

A gente vale o que a gente tem no bolso e, durante o carnaval, se os negros eram tratados como negros, eu sendo branco pobre era tratado como branco pobre. No entanto eu soube sempre me considerar e, passado o carnaval, eu batia no peito e seguia em frente com minha vida ... principalmente me dedicando ao sagrado, à prática da umbanda (IKO,20,set.,2023).

Desta forma, nos depoimentos de Cinco, Tuim, Turene, Dário e Iko podemos perceber que os dias de carnaval realmente se tornam dias especiais, momentos de extraordinariedade, de notabilidade, onde o desfile das escolas de samba lhes oferece oportunidade de visibilidades e reconhecimento como gente que faz algo.

No entanto, como os próprios entrevistados demonstram, esta visibilidade e reconhecimento permanecem apenas no âmbito da festa, com hora para começar e hora para acabar, ou seja, com prazo de validade. Portanto, a percepção de que o desfile de escolas de samba era um momento para dar-lhes visibilidade e que na quarta-feira de cinzas tudo voltava ao normal, à invisibilidade, demonstra a noção, por parte de nossos entrevistados, destes dois momentos distintos: festa é festa, dia a dia é dia a dia.

Nesta perspectiva, entre o extraordinário e o ordinário, cada momento é um momento, pois, como apontou o próprio Cinco, se no período de carnaval era tudo flores, com o fim do carnaval, já na quarta-feira, esta era realmente de cinzas, ele já não era mais convidado a dar entrevistas e posar para fotos, ou como apontou Tuim, que mesmo nos dias de festa onde ele era aplaudido, ele tinha que trabalhar na pedreira, e que nem mesmo ele sendo uma celebridade nos dias de carnaval, a prefeitura o dispensava de seus serviços rotineiros quebrando pedras.

Vale notar que, durante os dias de carnaval e em especial os dias de sexta-feira, segunda, terça e quarta-feira, ao funcionalismo público de Barbacena dos setores da educação, saúde, cultura, esportes, turismo, agricultura e outros, é computado ponto facultativo. Assim, podemos perceber que o tratamento dispensado aos funcionários públicos da prefeitura municipal de Barbacena não é o mesmo sequer nos dias de festa, onde uns saem de férias por alguns dias através do chamado ponto facultativo e outros continuam trabalhando.

Nesta perspectiva, como vimos em alguns momentos, o carnaval serve para contrariar a ordem, como no caso do passeio da Bota de Ouro, e para promover o

reconhecimento e a visibilidade de pessoas que no dia a dia, como o próprio Cinco disse, são invisíveis.

Desta forma, sendo um momento de grandiosidade tanto para as próprias escolas de samba quanto para os carnavalescos por lhes trazer momentos de reconhecimento e visibilidade, e ser uma fonte de inspiração para competir com os adversários e rivais, me veio à cabeça uma pergunta essencial para o estudo da festa, que é a existência da própria festa. Por que as escolas e os desfiles de escolas de samba acabaram?

## **2.5. Por Que as Escolas e os Desfiles de Escolas de Samba Acabaram?**

Esta questão para mim é de suma importância, porque ela me leva à questão da própria existência do ritual, como prática. O fim dos desfiles das escolas de samba leva ao fim as próprias escolas de samba. E o fim das escolas de samba e dos desfiles nos leva ao fim, à morte, de um rito e de seus agentes.

Quando pergunto ao chefe de bateria Dário (2023), se existia todo este ar de alegria, visibilidade e reconhecimento do público aos carnavalescos barbacenenses, por que então, as escolas e os desfiles de escolas de samba acabaram, ele me responde:

O carnaval era até uma diversão muito boa, viu... as escolas saíam bem arrumadas, organizadas ... tinha uma organização boa ... bonita ... entendeu? Era um troço que mexia com a gente. Chegava esta época de novembro, já estava todo mundo lá mexendo com fantasias, agora acabou tudo.

(...)

Veja, o carnaval atual, tem hora para terminar ... No carnaval do ano passado, de 2023, a gente saiu com o Bloco do Ze Butão daqui do São José e, quando a gente chegou ao centro em torno das 10 horas da noite .... as pessoas já estavam indo embora por não haver mais evento na programação. Foi nós botá o pé lá ... acabou. 10 horas da noite já não tinha mais nada ... tava todo mundo indo embora ... Em nossa época ... a gente tava chegando era o quê ... dava 11 horas tava começando tudo ainda... tinha escola que ainda ia começar a desfilar a 1 hora da amanhã (DÁRIO,18,set.,2023).

Para o compositor Cinco,

Um dos fatores que contribuíram para o carnaval de Barbacena acabar, em especial o desfile das escolas de samba, foi a má administração dos carnavalescos aliada à falta dos organismos e a maus gestores municipais ... As escolas não têm sede própria, nem alugada e nem apoio da prefeitura, que deveria dar uma verba e coordenar sua aplicação ... Os vereadores também não apoiam, veja o ex-vereador Ronaldo Braga, presidente ou dono do Bloco Recordar é Viver, foi vereador por uns 10 mandatos e não fez uma lei para beneficiar o carnaval de Barbacena. O José Jorge Emídio do Bloco do Zé também foi vereador por talvez igual mandato e nada fez. O Célio Mazzoni



foi prefeito de Barbacena e, de igual forma, em nada beneficiou o carnaval, inclusive na época dele, nem a A Voz do Povo, que era administrada pela família dele, saiu. E os três são do mesmo partido ou de partido que apoia o atual prefeito. O próprio Clézio Mazzoni pediu para as escolas de samba não saírem no carnaval (CINCO,13,set.,2023).

Já para o compositor Iko:

Um dos motivos para o fim das escolas e dos desfiles foi a criação da Liga de Escolas e Blocos, que começou a negociar em nome das escolas e blocos principalmente nas gestões Rui Fernandes e Amaral, que apoiavam, por exemplo, a mudança para fora do centro da cidade, a mudança para o Parque de Exposição (IKO,20,set.,2023).

Tal qual exposto nos jornais da década de 1980, para José Albino houve momentos em que líderes de escolas de samba e diretores da Liga de Escolas e Blocos de Barbacena propuseram a não saída de escolas de samba com o argumento de que era baixa a subvenção da prefeitura e por isso não deveriam sair. Em relação a esta questão, José Albino nos relata que, em determinados carnavais:

O governo municipal negava verba ... dizendo que teriam que tirar dinheiro da saúde ou da educação ... quando a gente tem conhecimento que a verba da educação é uma e a verba para a saúde é outra ... e pro carnaval e o turismo é outra. Agora ... o carnaval é a festa do povo, e se não tem subvenção, tem que rodar o livro de ouro, fazer eventos e festas como feijoada e angú a baiana, comidas típicas das escolas de samba ... ou mesmo churrasco ... para angariar fundos. Sou contrário à posição de não sair, pois sendo a festa do povo, se entrou dinheiro ou não entrou dinheiro ... tem que trabalhar pra sair. (...)

Agora, a atitude de não sair, ela é mais política e uma posição contrária à cidade, pois eles estão falando em uma festa do povo e as escolas devem sair com o que tem para alegrar o povo. Nesta atitude, eles feriram o povo ... Igualmente, eu fui contra a transferência para o Parque de Exposições ... no governo do Toninho.

(...)

Sendo o carnaval uma festa do povo, ou popular, reivindicar a sua não apresentação é, de igual forma ... uma proposta contra o povo, contra uma diversão do povo, preto, pobre e da periferia (JOSÉ ALBINO,25,set.,2023).

Sobre a importância do apoio da prefeitura para a realização dos desfiles de escolas de samba e da existência de verba para tal evento, Ivan de verdade destaca que

As escolas são registradas na Câmara como utilidade pública, elas têm direito a verba. Mas a verba pode vir também da cultura ... verba para ajudar as escolas tem, mas o governo pouco se importa (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

Para o passista Tuim, as verbas municipais ou subvenções

São essenciais ... no Rio de Janeiro rola esta ajuda, no caso de Barbacena ... há que utilizar o dinheiro da cultura pra organização e realização do carnaval

da cidade. E aí vai atrair e manter mais gente na cidade de Barbacena (TUIM,11,set.,2023).

Por sua vez, o chefe de bateria Dário, ao ser questionado sobre esta proposição de não sair sem subvenção da prefeitura, nos relata:

Para falar a verdade ... isso aí eu já acho isso aí errado ... ficar dependendo da prefeitura. Se ela quiser dar dinheiro ... isso ajuda e muito, mas eu acho que tem que trabalhar ... tem que ter evento para arrecadar dinheiro para por a escola na rua ... Se tem sede, usa a sede, senão tem sede, aluga um espaço ... agora só ficar esperando novembro chegar para receber verba ... aí não dá. Não dá pra ficar na dependência da prefeitura (DÁRIO,18,set.,2023).

Já para Turene, o argumento de a escola de samba não sair devido a baixa subvenção da prefeitura

Não rola, pois a coisa não é bem assim não. Para ter apoio, as escolas têm que trabalhar, fazer parcerias né, como as escolas do Rio né... lá as escolas fazem evento o ano todo ... fazem feijoada pra quê? ... Pra arrecadar! ... Aqui não. ... Normalmente era o presidente que bancava quase tudo, então fica difícil ... a escola dava pouco dinheiro, mas se quer escola, se gosta mesmo, a pessoa tem que buscar sua fantasia ... a gente mesmo fazia nossa fantasia, ... a gente juntava dinheiro o ano todo para fazer a nossa roupa, pagar a costureira .... para beber com os amigos na rua XV... Eu mesmo cheguei a fazer um acordo com meu patrão de me conceder férias sempre durante o período de carnaval, pois eu gostava ... e muito (TURENE,09,set.,2023).

Por fim, a ação destes agentes que buscaram boicotar os desfiles com argumentos de baixa subvenção é considerada por José Albino (2023)

como uma bola nas costas ou como jogar contra o patrimônio, pois o que eles fizeram foi contribuir para o fim das escolas de samba e dos desfiles de escolas de samba. E por ser uma festa popular, o carnaval não pode ficar apenas à mercê do governo municipal para sua realização. Sendo o carnaval um fenômeno popular<sup>63</sup>, caberia às próprias escolas de samba se organizarem e saírem ocupando os espaços públicos e urbanos sem pedir autorização ao município. (JOSÉ ALBINO,21,set.,2023).

Com relação ao fim do carnaval de desfile de escolas de samba, Turene (2023) nos relata que

Não é só o carnaval que está acabando em Barbacena. Está acabando tudo ... acabaram os clubes que tinham times de futebol e blocos ... tinha 5 ou 6 clubes hoje não funciona nenhum ... tinha 6 grandes escolas ... hoje não temos nenhuma ... o desfile das escolas de samba é difícil de ser resgatado e

---

<sup>63</sup> Conceito mais amplo que carnaval, envolve todas as festas populares que implicam contestação da ordem, o riso (BAKHTIN,1987).

um dos motivos é a falta de liderança<sup>64</sup> (TURENE,09,set.,2023).

Semelhante a Turene, que aponta como um dos fatores para o fim das escolas de samba e dos desfiles a falta de lideranças, Dário (2023) também atribui tal fim a

A morte de muitas pessoas importantes nas suas escolas ... veja o caso da União das Cores ... ela acabou porque lá morreu um bocado de “nêgo”, os que eram firme mesmo no negócio como Valtinho e o Braquinha. Aqui na Tijuca foi a mesma coisa ... os “véio” saíram ou morreram como o Paulo Andrade ... acabou tudo. ... Antigamente as pessoas punham o coração ... hoje não temos mais lideranças (DÁRIO,18,set.,2023).

Nesta direção, para Dário, o fim das escolas de samba está associado ao menos a dois fatores, à falta de apoio do governo municipal, como também apontaram José Albino e Ivan de Verdade, e à morte de alguns personagens e que não foi seguida de criação de novos agentes sociais capazes de levar a cargo a festa de carnaval.

José Albino compartilha das ideias de Turene e de Dário com relação à importância primeira de pessoas para a existência e realização dos desfiles de escolas de samba. Nesta relação sobre a importância de certos agentes que passaram pelas escolas e não deixaram herdeiros, José Albino destaca

A queda da Tijuca se deve à saída do Paulo Andrade, que ficou um ano no Vila do Carmo, e à sua morte. Grande gestor, passava livro de ouro, íamos ao Rio de Janeiro negociar fantasias, carros alegóricos, comprar instrumentos e peles. Muitos o acusavam de roubar ... mas as pessoas não pagavam fantasias ... e muitas das vezes ... ele tirava do próprio bolso ... Já o fim da União das Cores se deve à falta do Valtinho, que também faleceu, ... após sua morte a União das Cores praticamente acabou ... A União das Cores tinha uma sede há mais de 20 anos, com a morte de Valtinho, perderam tudo. (...)

Os blocos acompanhavam as escolas, e sem as escolas ficamos sem blocos ... e sem escolas e sem blocos, ficamos sem carnaval de rua. Com o fim das escolas e blocos, sem o carnaval de rua proporcionado pelas escolas ... as ruas ficaram desertas ... as ruas ficaram mortas e o carnaval começou a se resumir em apresentações no coreto, ou seja, apenas na praça ... com bandinhas e com horário para começar e acabar (JOSÉ ALBINO,25,set.,2023).

Sendo uma festa do povo, como destacaram os entrevistados, perguntei a Ivan de Verdade quem mais saiu prejudicado com o fim das escolas de samba e dos desfiles. Ivan de Verdade (2023) nos relata que

---

<sup>64</sup> Pessoas são insubstituíveis. Daí a importância da prática e de ter sempre alguém para fazer e educar.

De uma maneira geral, quem mais saiu prejudicado foi o comércio ... pois era o comércio que vendia e aceitava cheque pré-datado da prefeitura ... a carpintaria que produzia a confecção das alegorias, também perdeu ... aquele que gostava de produzir letra e música de samba, perdeu, ... o fim das escolas prejudicou até a mim ... é o trabalho da gente que tive que começar a compor para bandas militares e fazer outras coisinhas ... perdeu o artista que desenhava as fantasias e as alegoria. O fim dos desfiles de escolas de samba prejudicou também os hotéis... com o fim das grandes escolas, tudo acabou, o carnaval acabou, ... e as escolas são da periferia, e aí quem perde é a periferia, o pobre ... enfim, o fim das escolas de samba prejudicou todo mundo (IVAN DE VERDADE,16,set.,2023).

Com relação à perda e ao prejuízo causado pelo fim dos desfiles das escolas de samba, José Albino (2023) compartilha ideias similares a de Ivan ao destacar que

Todo mundo perdeu, mas principalmente a cidade, perdeu o povo, por ser uma festa do povo, perdeu o comércio que ganha com suas vendas, perdeu os hotéis e restaurantes, pois vinham pessoas do Rio de Janeiro para descansar e ficar nas sacadas dos hotéis observando a passagem das escolas, os barbacenenses tinham orgulho e ficavam na cidade (JOSÉ ALBINO,25,set.,2023).

Assim, com base nas entrevistas com os carnavalescos, ao menos três fatores levaram ao fim dos desfiles de escolas de samba.

Primeiro, ausência do governo municipal, e aí inclui prefeitura e câmara municipal, que não ajudam com subvenções supervisionadas e criações de leis que fomentem o carnaval e as escolas de samba e os desfiles das escolas de samba, negligenciando, desta forma, tanto os lados cultural, turístico e econômico da festa.

Em segundo lugar, observa-se as más administrações e gestões das escolas por seus dirigentes, que não se profissionalizam e ficam à espera das subvenções da prefeitura. E nada fazem para angariar fundos para a escola.

Por fim, a falta de renovação provocada pela ausência de várias pessoas que morreram e que não deixaram substitutos. E aqui, ao meu ver, esta falta de renovação vem justamente pela falta dos eventos, pela falta da prática ritual, ou seja, da ausência das escolas e dos desfiles de escola de samba. Pois como visto, as pessoas são a principal peça para o carnaval. A falta destas pessoas habilitadas está diretamente associada à falta da prática do ritual. A prática ritual funciona como uma memória. Se o ritual não é praticado, ele é esquecido.

Desta forma, a meu ver, a questão a ser pensada não é apenas o “sair ou não sair”. Mas sim, quais suas consequências ou implicações para além das questões econômicas, vistas pela imprensa, e emocionais, vistas pelos carnavalescos, mas

também as culturais e simbólicas, percebidas nos termos da antropologia. Pode-se existir um rito sem prática, ou um rito só existe se é praticado? Sua não prática leva-o ao seu fim? Creio que sim. O sair ou não sair é que vai definir a existência ou a extinção das escolas e dos desfiles, é o que vai determinar a vida ou a morte deste ritual, desta festa. A prática ritual é o alimento que nutre a própria existência do ritual.

Buscando comparar a prática ritual do desfile das escolas de samba com a antropologia da alimentação e religião, em especial a do candomblé, onde a comida está associada às histórias, mitos e odus, os deuses também comem e se não os alimentarmos eles morreram de fome, e na sequência também morremos. O mesmo se passa com os desfiles de escolas de samba, eles precisam ser alimentados. Assim, de igual forma, se as escolas não vão mais para a avenida ou para Rua XV, as escolas e os desfiles morrem, e se eles morrem, morre algo em nós. Olhando as entrevistas dos carnavalescos, morrem nossas emoções, nossa capacidade de produzir músicas, danças, de produzir arte e cultura, morre nossa transmissão oral, nossa história, morre nossa maneira de ver e conceber a nossa própria existência.

Para mim, um rito só existe pela prática, e sua não prática pode levá-lo a extinção, justamente por ele ser exercido pela performance humana. Se a prática ritual não é transmitida, ele, o ritual, naquela prática e maneira de ser feito, um dia cessará em alguém. O que me leva aos relatos de Turene, Dário, José Albino e outros, quando eles afirmam que um dos motivos para o fim das escolas de samba e dos desfiles de escolas de samba foi a não renovação de pessoas ou a morte de lideranças. Quando os grandes carnavalescos foram morrendo, foram levando consigo todo o conhecimento e a prática do ritual. O que nos imputa a pensar a importância do processo de transmissão cultural para sobrevivência da própria cultura.

Portanto, com relação à cultura e ao ritual, destaco que nem um nem o outro se reproduz por si próprio, mas sim pelo envolvimento das pessoas e pela sua prática. Não existe ritual sem prática. E as ausências destas novas lideranças podem ter surgido justamente pela falta desta prática ritual, levando ao fim das escolas de samba e do desfile de escolas de samba.

### Capítulo 3

#### O Tempo Ritual - Etnografia do Carnaval, 2024

Este capítulo 3 resulta de minha segunda ida a campo na cidade de Barbacena, que ocorreu durante o período de 13 de janeiro a 28 de fevereiro de 2024. Período este que utilizei para desenvolver duas atividades acadêmicas relacionadas à minha pesquisa de mestrado.

A primeira foi retornar ao Arquivo Público Municipal de Barbacena e concluir minha coleta de dados dos jornais citados no capítulo 1, a qual havia sido iniciada em minha primeira ida a campo.

Já a segunda atividade se relaciona à base deste Capítulo 3, que é o estudo etnográfico do carnaval de 2024 em Barbacena. Seguindo a metodologia de observação participante conforme discutida por Roberto Cardoso de Oliveira (1996), busquei, através da performance e dos atos, “ver” os eventos de carnaval; através das entrevistas, “ouvir” as pessoas que fazem e brincam o carnaval; e através da análise entre o visto, o ouvido e o por mim percebido e interpretado, “escrever”, que é o que faço aqui e agora neste capítulo 3.

Portanto, o presente capítulo vai se ater à pesquisa etnográfica que realizei em Barbacena analisando, em especial, o seu carnaval de rua. E como proposta metodológica, procurei acompanhar parte da programação oficial do carnaval de Barbacena de 2024, que ocorreu em sua integralidade entre os dias 03 (sábado) e 13 (terça-feira) de fevereiro. Assim, inicio este capítulo expondo dois informativos oficiais publicados na própria página web da prefeitura municipal, anunciando a programação do carnaval de Barbacena de 2024.

O primeiro texto data de 22 de janeiro de 2024<sup>65</sup>, e assim foi publicado:

A festa mais tradicional do país já está sendo preparada em Barbacena. O Carnaval 2024 trará uma série de novidades e promete alegrar os barbacenenses e visitantes. Novamente o evento terá como característica uma programação especial voltada à família, com desfile de blocos tradicionais, shows e escolas de samba da cidade.

A programação deste ano está vasta e trará, inclusive, atrações de pré-carnaval, nos dias 03 e 04/02. O Carnaval ocorrerá no Jardim Municipal, palco consagrado da festa popular na cidade. Outra novidade é a BQLândia, todos os dias, de 14h às 20h, com brinquedos, pipoca, picolé e algodão doce

---

<sup>65</sup> <https://www1.barbacena.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/1494/confira-a-programacao-do-carnaval-2024-de-barbacena>

gratuitos para crianças. (BARBACENA.GOV,22,jan.,2024).

O segundo texto da página oficial do município é de 09 de fevereiro de 2024<sup>66</sup>, que assim se apresenta:

Acontece nesta sexta-feira (09/02) o início em definitivo do Carnaval 2024 em Barbacena. No último final de semana (03 e 04/02) houve eventos de pré-carnaval pela cidade, inclusive nos bairros Vilela e São Pedro, com apoio da Prefeitura Municipal de Barbacena.

Quem abrirá o carnaval deste ano é o Bloco do Pijama, com concentração na rua Alvarenga Peixoto (bar Velhicidade) a partir das 20h. Também a partir deste horário inicia a Batalha de Confete, com organização da rádio sucesso, no Jardim Municipal...

A festa acontecerá até terça-feira (13/02) com uma vasta programação voltada, especialmente, para a família com desfile de blocos tradicionais, shows e escolas de samba da cidade. Outra novidade é a BQlândia, todos os dias, de 14h às 20h, com brinquedos, pipoca, picolé e algodão doce gratuitos para crianças. (BARBACENA.GOV,09,fev.,2024).

Desta forma, sendo a programação oficial<sup>67</sup> minha linha mestra de pesquisa, resolvi colocá-la na íntegra nesta parte inicial do capítulo, para que o leitor tenha também um conhecimento sobre os eventos a serem realizados durante o período de festa. Devo destacar, no entanto, que o que está em negrito nesta programação se refere aos eventos que eu separei para acompanhar pessoalmente em minha pesquisa. Vejamos:

03/02 – Sábado

Pré-Carnaval 2024

**15h - Especial Roda de Samba** – Edição 2024(Clube Caça e Pesca – Rua Antônio Tafuri de Melo, nº10, São Pedro), shows com: Papo de Samba, Ana Gouvêa & Batucada Barbacena).  
Classificação 18 anos.

(Programação Independente - Realização Saturno Produções)

**Pré-Carnaval 2024 - Bloco do Zé**

19h – Bloco Caricato do Jeito que Pode – Esquentando os Tamborins (Concentração Rua Paraíso Garcia – Trailer do João – Bairro Vilela)

21h – Banda Expresso da Alegria (Proximidades da Padaria 9 de Ouro – Bairro Vilela)  
(Programação Independente - Realização Bloco do Zé)

04/02 – Domingo

**Pré-Carnaval 2024 – Bloco do Zé**

13h30min – Desfile Tradicional até o Sambódromo (Concentração Museu Georges Bernanos – Bairro Vilela)

15h30min – Grande Desfile (Rua Antônio Varandas – Sambódromo – Bairro Vilela)  
(Programação Independente - Realização Bloco do Zé)

---

<sup>66</sup> <https://www1.barbacena.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/1553/carnaval-comeca-em-definitivo-nesta-sexta-feira-em-barbacena>

<sup>67</sup> <https://www1.barbacena.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/1494/confira-a-programacao-do-carnaval-2024-de-barbacena>

09/02 – Sexta-Feira

**20h – Bloco do Pijama** (Concentração Rua Alvarenga Peixoto – Bar Velhicidade)

**20h – Batalha de Confete** (Jardim Municipal – Palco Fonte Luminosa), shows com: Adilson Moreno, Sandro Kelmer & Nando, e Alexandre & Thaís.  
(Programação Independente - Realização Rádio Sucesso FM)

10/02 – Sábado (14h às 23h)

14 h – DJ Bruno Mendes (Palco Fonte Luminosa)

14h30min – Grupo Charrete (Coreto Musical)

16h – Banda WM50 (Palco Fonte Luminosa)

18h – Batucada Barbacena (Coreto Musical)

**18h – Bloco Recordar é Viver** (Concentração Rua Tomaz Gonzaga – Bar do Paulinho)

19h – Sarah Rodriguez (Palco Fonte Luminosa)

19h – Unidos em Cristo (Concentração Praça do Rosário)

**20h – G.R.E.S. Unidos do Vila** (Concentração Rua Lima Duarte)

21h – DJ Bruno Mendes (Palco Fonte Luminosa)

11/02 – Domingo (14h às 23h)

14h – DJ Vivi Badaró (Palco Fonte Luminosa)

14h30min – Grupo Charrete (Coreto Musical)

15h - Bloco do Zé Butão (Concentração Praça do Rosário)

16h – Isis Ferreira e Banda Pitaia Tropical (Palco Fonte Luminosa)

18h – Bandinha Vivace Folia (Coreto Musical)

**18h – Bloco do Chouriço** (Concentração Rua Lima Duarte)

19h – Ana Gouvêa e Banda (Palco Fonte Luminosa)

19h30min – Bloco C.A. (Concentração no Distrito Correia de Almeida - Bar do João)

20h – Grêmio Carnavalesco Cenário da Alegria (Concentração Rua Lima Duarte)

21h – DJ Vivi Badaró (Palco Fonte Luminosa)

12/02 – Segunda-Feira (14h às 23h)

14 h – DJ Marks (Palco Fonte Luminosa)

14h30min – Grupo Charrete (Coreto Musical)

16h – Banda Muito Mais (Palco Fonte Luminosa)

18h – Viviane Dias (Coreto Musical)

**18h – Bloco Recordar é Viver** (Concentração Rua Tomaz Gonzaga – Bar do Paulinho)

19h – Papo de Samba (Palco Fonte Luminosa)

21h – DJ Marks (Palco Fonte Luminosa)

13/02 – Terça-Feira (14h às 23h)

14h – DJ Helon (Palco Fonte Luminosa)

14h30min – Grupo Charrete (Coreto Musical)

16h – Grupo Tradusy (Palco Fonte Luminosa)

18h – Bandinha Vivace Folia (Coreto Musical)

**18h – Bloco do Chouriço** (Concentração Rua Lima Duarte)

19h – La Banda (Palco Fonte Luminosa)

**19h – Bloco Batucadão Axé Nagô Mirerê** (Concentração Rua Lima Duarte)

19h30min – Bloco C.A. (Concentração no Distrito Correia de Almeida - Bar do João)

20h – Grêmio Carnavalesco Cenário da Alegria (Concentração Rua Lima Duarte)

21h – DJ Helon (Palco Fonte Luminosa)

Assim, é baseado na programação da prefeitura acima, que eu me organizei para fazer a pesquisa etnográfica. E como forma metodológica de pesquisa eu resolvi ver,



ouvir e escrever sobre os eventos realizados nos dias 03 e 04 de fevereiro, nos bairros São Pedro e Vilela, denominado de Pré-Carnaval, e os eventos realizados entre os dias 09 e 13 de fevereiro, em especial o Bloco do Pijama, a Batalha de Confete, os Bloco Recordar é Viver, Do Chouriço e Axê Nagô, e a Escola de Samba Unidos do Vila.

Desta forma, para apresentação didática deste capítulo, eu o dividi em três Seções:

### **Seção 3.1- Pré-Carnaval**

3.1.1 - Bairro São Pedro

3.1.2 - Bairro Vilela

### **Seção 3.2 - Abertura do Carnaval**

3.2.1 - Bloco do Pijama

3.2.2 - Batalha de Confete

### **Seção 3.3 - Os Desfiles de Blocos e Escola de Samba**

3.3.1 - Bloco Recordar é Viver

3.3.2 - Escola de Samba Unidos do Vila

3.3.3 - Bloco do Chouriço

3.3.4 - Batucadão Axê Nagô

## **SEÇÃO 3.1 - PRÉ-CARNAVAL**

### **3.1.1 - Bairro São Pedro – Especial Roda de Samba**

Como dito, estes dois eventos que foram realizados nos dias 03 (sábado) e 04 (domingo) de fevereiro são, segundo a programação oficial, um evento de pré-carnaval. Sendo que, no dia 03 de fevereiro, o evento foi realizado no bairro São Pedro e também no bairro Vilela. E o evento do dia 04 de fevereiro, somente no bairro Vilela. E por se tratar de uma pesquisa etnográfica, a forma de eu escrever, não só esta seção 3.1, mas também as seções 3.2 e 3.3, será descritiva e baseada não em matérias de jornais, mas no que eu via e ouvia em campo junto às escolas e blocos.

Portanto, buscando analisar este período de pré-carnaval, parto do primeiro evento, que foi a Especial Roda de Samba, realizada no Clube Caça e Pesca, localizado no bairro São Pedro. Declaro que cheguei ao local por volta das 15:00 horas, horário previsto para começa o show. Ali encontrei a amiga Lúcia Santos, professora de química, que estava esperando uma outra amiga nossa e organizadora do evento, Carmem Werneck, que havia lme reservado uma cortesia para entrar no referido show, que custava R\$25,00 para entrar. Quando Carmem chegou, Lúcia lme disse que eu também estava sem ingresso. Carmem, por sua vez, também me arranhou uma cortesia, e daí entramos todos. Os shows, pois foram várias bandas, começaram por volta das 17h00 e foram até meia noite e pouco.

Lá dentro, eu, como barbacenense, encontrei muitos conhecidos, havendo uma boa diversidade, tanto racial quanto de gênero e, acredito, até mesmo de classe. A meu ver, o que prevalecia ali eram pessoas das áreas de educação e das artes. Não havia presença de nenhum vereador, nem prefeito, ou mesmo qualquer secretário; nem mesmo o secretário responsável por organizar o carnaval de Barbacena se encontrava ali.

Apesar de estar constando na programação oficial como um evento de carnaval, não havia ar de carnaval, e apesar de um público majoritariamente de educadores e artistas, não havia pessoas fantasiadas; por sua vez, as músicas tocadas pelos DJ's e bandas não eram de carnaval, mas de músicas ouvidas no dia a dia, como axé, pagode e sertanejo. Músicas do cotidiano, roupas do cotidiano, maquiagens do cotidiano. Se assemelhando mais a uma festa normal de axé, de pagode ou de sertanejo, ou qualquer festa municipal, como a Festa das Rosas ou a Exposição Agropecuária – ambas festas anuais e municipais de Barbacena. E o que veremos é que muitos destes artistas e DJ's que tocaram no evento do São Pedro iram tocar, também, no Jardim Municipal durante

os dias oficiais de carnaval.

Em uma entrevista que fiz com um dos organizadores do evento no Clube Caça e Pesca no São Pedro, eu perguntei se estariam recebendo alguma ajuda do governo, e ele me disse que sim. Mas, quando lhe disse que estava escrevendo uma dissertação de mestrado sobre o Carnaval de Barbacena, e que possivelmente seria publicada, ele me pediu para eu então não citar o nome dele neste trabalho, pois ele não sabia a situação de como se processava este apoio da prefeitura em relação a outros grupos e isso poderia prejudicá-lo em eventos futuros.

Como havia estado desde a parte da tarde no São Pedro, por volta das 23h00, eu resolvi dar uma esticada de pernas até o bairro Vilela para conferir um pouco do evento que estava acontecendo lá. Quando cheguei lá, já haviam acabado os shows. No entanto, no local havia seis barracas com bebidas e comidas, um mercadinho que já é fixo, alguns vendedores ambulantes e música mecânica. Analisando visualmente, eu conhecia e era reconhecido por menos gente do que na festa anterior e o número de pessoas negras em relação aos brancos era inversamente proporcional à relação de brancos e negros na festa do Caça e Pesca. O que me fez pensar sobre minha situação e condição de raça e de classe. Por volta da 1h00 da manhã, eu resolvi ir para casa e dormir um pouco, pois as pessoas também já começavam a ir embora e no outro dia eu teria que levantar cedo, organizar meu dia e acompanhar a programação, que era novamente estar naquele bairro, acompanhando o Bloco do Zé.

### **3.1.2 – Bairro Vilela – Bloco do Zé**

Buscando acompanhar o festejo de pré-carnaval, no domingo dia 04 de fevereiro, retornei na parte da tarde ao Vilela, onde acompanhei o Bloco do Zé desde o ponto inicial, ou seja, no seu esquentamento, até à rua Antonio Varandas. Em entrevista que fiz muito rapidamente com o presidente do Bloco do Zé, eu lhe perguntei se seu bloco estaria recebendo alguma ajuda da prefeitura. Ele me disse que “sim”, mas quando lhe perguntei se isso era algum tipo de subvenção, ele me disse que “não”, e que a ajuda ou o apoio da prefeitura viria no ato de liberar as ruas. Não insisti muito, pois estávamos “correndo” e era o momento em que seu bloco estava começando a desfilar. Fiquei de ter uma outra conversa com ele, mas, infelizmente, não tivemos, a oportunidade de realizá-la.

Depois de iniciado o desfile, passados uns 30 minutos, começou a chover – o

que durou cerca de uns outros 20 minutos, mas que não impediu o avanço do Bloco pelas ruas do bairro. Quando o Bloco do Zé chegou à rua Antônio Varandas, tocou por mais uns 15 minutos e encerrou-se. Portanto, o desfile durou em torno de uma hora.

À noite, por volta das 21h00, em um palco instalado no local, iniciou-se um show da Banda Expresso da Alegria, composta por violão, cavaquinho, tamborim, tarol, surdo e outros instrumentos, tocando marchinhas e sambas de carnaval até meia-noite. E em ambos os turnos, tanto as pessoas que seguiram o Bloco quanto as que ali se encontravam na praça ao som da Banda não usavam fantasias, e algumas poucas, abadá. O traje quase que oficial era camiseta e bermuda para homens e camiseta e shorts para mulheres, ou calça comprida e tênis para ambos. Os membros da Banda Expresso da Alegria usavam calça branca e um tipo de abadá vermelho e branco. Um dos membros desta banda de carnaval é Néelson Ferreira, meu primo, filho daquela senhorinha Geralda Ferreira do Bloco União das Cores de 1929, que carrega seu estandarte.

## **SEÇÃO 3.2 – ABERTURA DO CARNAVAL**

### **3.2.1 - Bloco do Pijama**

O desfile do Bloco do Pijama estava programado para começar às 20h00 do dia 09 de fevereiro, sexta-feira. Com vistas à uma pesquisa etnográfica e participante, e seguindo uma orientação de primeiro ver e depois ouvir, cheguei à rua Alvarenga Peixoto, no bairro São José, local de concentração do Bloco do Pijama, por volta das 19h00, uma hora antes do horário programado para começar o evento. Foi um período que julguei suficiente para chegar e olhar previamente quem seriam as pessoas que estavam lá, e principalmente dois pontos: 1) se elas estariam vestidas de pijama; e 2) se traziam instrumentos individuais. Isso porque pijama e instrumentos pessoais, cada um levando o seu, eram os ingredientes necessários e que davam forma e conteúdo ao Bloco do Pijama de outrora. Analisando os jornais, percebermos que o Bloco do Pijama vai ser citado pela primeira vez em 1988 pelo Jornal Cidade de Barbacena, que vai destacar que “apesar da desorganização, é um bloco que leva a ter mais integrantes que muitas escolas e blocos”, e pela última vez em matéria do Jornal de Sábado (2000:19/fev.), no entanto sem muitos detalhes.

Desta forma, como dito, cheguei à rua Alvarenga Peixoto por volta das 19h00 e a rua ainda não estava muito cheia. Assim, resolvi descer até o antigo local de concentração do Bloco do Pijama para ver como ele se encontrava e se havia pessoas por lá. No entanto, as pessoas que encontrei ali estavam de passagem, indo para o local atual e programado para o desfile do bloco à rua Alvarenga Peixoto.

Assim, nada a constatar naquele local, retornei à concentração do Bloco do Pijama e me pus a observar. Mas, pelo fato de ser morador de Barbacena e trocar muitos cumprimentos com pessoas conhecidas, o que me fazia dialogar com algumas delas, minha observação foi acompanhada de algumas conversas com amigos e conhecidos que eu ia encontrando pelo caminho. Conversas que, algumas delas, acabaram virando pequenas entrevistas. Fato que aconteceu não somente no desfile do Bloco do Pijama, mas também na Batalha de Confete e nos desfiles de Blocos e Escola de Samba.

Mas, voltando à questão do primeiro ato do trabalho do antropólogo – o “ver” –, eu me pus a observar. E já que as minhas duas principais preocupações eram a análise do uso do pijama e a própria bateria, me pus a observar se havia pessoas usando pijamas. E o que pude observar é que os donos do Bar Velhicidade, os organizadores da festa e a própria bateria não usavam pijamas, e que somente um número bem pequeno

de foliões usava.



Neste sentido, fazendo uma análise da performance ritual e simbólica, podemos ver na faixa que abre e anuncia o Bloco do Pijama (foto acima) que o evento foi organizado por uma rádio, um shopping e uma loja de bicicletas da cidade e, como consta no programa oficial, com o apoio da prefeitura. Vemos também que os dois rapazes que seguram a faixa que vem abrindo e anunciando o Bloco do Pijama, nenhum deles está de pijama, mas sim com camisa da rádio. A propaganda é mais da rádio do que do Pijama.



Ainda analisando o uso do pijama no Bloco do Pijama, na foto ao lado, percebemos a presença do prefeito municipal de Barbacena, um dos organizadores da festa, com camisa branca e calça jeans clara, mas sem o uso do pijama. O prefeito está tocando um instrumento

chamado repique. No entanto, percebemos que ele não se integra à bateria que vem logo a seguir – o que me leva a pensar se ele está mais preocupado em se mostrar ao público do que ser parte integrante da bateria, se está usando este momento em que as ruas estão cheias para aparecer e se mostrar atuante, pois estamos no período de reeleições

municipais, e ele é candidato a reeleição.

Agora, analisando a bateria (foto abaixo), além de nenhum de seus integrantes usar pijama, todos estão usando abadá. E o fato de todos estarem usando o mesmo abadá demonstra que não se trata de uma bateria avulsa, mas composta por pessoas pré-determinadas para executar tal função naquele evento. No entanto, ao longo do percurso, outras pessoas com instrumentos foram ingressando no cortejo, demonstrando



que, apesar de uma tentativa de organizar e regular a batida da bateria, pessoas burlavam esta tentativa. O folguedo não tem dono.

Como podemos observar pelas três fotos, os foliões do Bloco do Pijama, podemos dizer assim, quando não usavam roupa

social, calça, camisa, sapato, saia, short e sandálias, estavam de tênis e camiseta, ou mesmo abadá, menos pijama.

Diante destas evidências, comecei a pensar. Pode existir a possibilidade de se resgatar o bloco do Pijama, como era a suposta proposta dos organizadores (Shopping, Rádio e Bicletaria) e da própria prefeitura, sendo que nem organizadores e nem o prefeito usavam pijamas? As vestes que dão nome ao evento não importam mais?

### *Sobre o Bloco do Pijama*

Durante o período áureo do carnaval de Barbacena, ou seja, durante o período das escolas de samba, blocos e clubes, o Bloco do Pijama abria o carnaval da cidade, na sexta-feira anterior à quarta-feira de cinzas. Eu sou nascido e criado no bairro São José e me lembro que, quando criança, as intermediações de minha rua, a avenida Dr. Oswaldo Fortini, ficavam num vai e vem de pessoas enorme, indo para o Bloco do Pijama. E eu ficava pensando quando eu poderia participar. Aí, quando eu tive uns 15 anos eu fui autorizado por minha família a ir para o bloco, deram dinheiro a mim e ao meu irmão mais velho, o Fernando, e fomos os dois ao centro comprar nossos pijamas.

Neste período, muitas pessoas iam comprar pijama para saírem no Bloco. O comércio faturava muito nesta época com a venda de pijamas e baby-doll. Isso porque,

em realidade, apesar de se chamar Bloco do Pijama, não seria enganoso também chamá-lo de bloco do baby-doll. Pois se os homens iam de pijama, as mulheres iam de baby-doll ou camisola. Trajes que funcionam como um quase nu, pois, debaixo do pijama, apenas a cueca, e dos baby-dolls e camisolas, muitas vezes transparentes, a calcinha e o sutiã. Diversão e sedução, este era o lema do Bloco do Pijama.

E nesta direção, se formos pensar o carnaval como um momento de contestação ou de confirmação da vida social, estes trajes poderiam contrariar não só a igreja, como também o Estado. Os pijamas, baby-dolls e camisolas são peças íntimas e limitadas ao uso interno da casa, da família, da esposa e do marido, mas que no Bloco do Pijama tornam-se de uso público, coletivo, da rua, de todos.

Assim, o uso de pijama, do baby-doll e da camisola buscava contestar tanto uma questão religiosa e associada ao pecado, quanto a uma questão de Estado e suas normas. Hoje, sem pijama, camisola e baby-doll e, portanto, não existindo mais esta sedução, teria o Bloco do Pijama perdido seu poder de contestação? Como resgatar o desfile de um bloco se suas partes intrínsecas, se as partes que o compõem e dão significado a ele não existem mais? E apesar dos trajes quase nus, pelo que me lembro, ou a mim foi relatado, nunca houve um caso de estupro ou mesmo de assédio sexual no Bloco do Pijama ou em decorrência dele.

Na época de ouro do Bloco do Pijama, a concentração também começava em torno das 19h00. Muitos homens e mulheres trajados com a roupa da festa chegavam com seus instrumentos, tais como surdo, repinique, tarol, reco-reco, chic-chic, agogô, pandeiro, e até mesmo com seus instrumentos de sopro como clarinete e saxofone, mas o que prevalecia eram mesmo os instrumentos de percussão e a música mais associada ao samba enredo. O que demonstrava a força que as escolas de samba e o próprio samba tinham em Barbacena e no carnaval de rua, para além das próprias escolas.

Os sambas cantados no Bloco do Pijama começavam, mas na maioria das vezes não terminavam, pois, em poucos instantes, já vinha outro samba sendo introduzido por outras pessoas. Era constante que uma música famosa e de sucesso fosse cantada várias vezes. E não adiantava falar ou gritar: “Oh... essa música já cantou ... ou ... De novo”? Em realidade essa repetição de músicas era o que dava sustentação e dinâmica ao festejo e o bloco ia sempre em frente. E os foliões, mesmo reclamando, repetiam as músicas, não se viam boicotes a elas. Só se viam sorrisos.

Assim, diante de tais fatos, podemos dizer que, examinando a história do Bloco



do Pijama, pode-se dividir em dois momentos. Um primeiro, quando as pessoas que organizavam a festa iam de pijamas, baby-dolls e camisolas, que a banda era autônoma e usava pijama, que o Bloco não recebia apoio do município. E um segundo, como foi o Bloco do Pijama de 2024, um evento organizado por uma rádio, uma bicicletaria e um shopping e patrocinado pela Prefeitura, onde ninguém usa pijama, mas roupas do cotidiano, possui uma bateria que também não usa pijama, mas sim abadá, e com mestre de bateria. Dois momentos, duas circunstâncias rituais bem distintas, a meu ver, para receber o mesmo nome e o mesmo significado.

E o que vamos ver, de acordo com alguns barbacenenses com quem eu estive conversando durante o festejo, é que este processo de mudança para um momento em que não se usa mais o pijama, onde o pijama deixa de ser o traje oficial da festa, não se deu assim de uma hora para outra, de um carnaval para o outro. Ela é parte de um processo, digamos histórico e social, que envolve outros personagens, como a própria Rádio Sucesso, que é um dos organizadores do Bloco do Pijama. Segundo Márcio<sup>68</sup>, morador do bairro São José e que saía no Bloco do Pijama em seus anos dourados nas décadas de 1970, 1980 e parte de 1990,

Esta relação do Bloco do Pijama com a referida Rádio que patrocina hoje o Bloco do Pijama é de longa data. Pois foi esta rádio que introduziu o abadá no bloco do pijama em plenos anos 1980 ou 1990 ... Nesta época, esta mesma rádio levou uma banda particular com umas 30 pessoas, com grandes surdos, taróis, repiniques, e vários instrumentos de som e todos usando abadá. O que abafou os instrumentos e as vozes dos pijameiros ... o que destruiu por completo o bloco. Destruíu o bloco porque primeiro acabou com o uso do pijama introduzindo o abadá, e segundo com a bateria que matou os instrumentos e as vozes dos foliões ... dois ou três carnavais depois, o Bloco do Pijama já não existia mais, nem mesmo com o uso do abadá e da banda contratada (MÁRCIO, 09,fev.,2024).

Diante disso, na percepção de Márcio, ao menos duas coisas teriam levado à destruição e ao fim do Bloco do Pijama: a introdução do abadá e a privatização da bateria.

Desta forma, com o fato de os organizadores do evento e mesmo a bateria privada não estarem usando pijama, pode este bloco ser chamado de Bloco do Pijama? Ou seja, seria possível resgatar o Bloco do Pijama, o que era o objetivo dos organizadores, sem ninguém usando pijamas? Fiz estas mesmas perguntas a algumas pessoas com quem pude conversar na concentração e ao longo do percurso do Bloco.

---

<sup>68</sup> Entrevista realizada na concentração do Bloco do Pijama.

Ainda na concentração encontrei outro conhecido, José Carlos<sup>69</sup>, mecânico de automóveis, que ao lhe fazer as perguntas acima, respondeu que “sim ... o evento é bom e pode ajudar a resgatar o carnaval de rua, ... o bloco do pijama que era muito bom”. No entanto, já para Francisco, professor de história da rede estadual de Minas Gerais, quando lhe pergunto se o evento daquele dia poderia ajudar a resgatar o Bloco do Pijama, para os próximos anos, ele me responde:

Quem organiza não vem de pijama, a própria bateria não está de pijama, mas sim de abadá ... deste jeito ... é impossível haver um resgate do bloco ... Inclusive, o bloco nem poderia ser chamado de Bloco do Pijama ... Um bloco do pijama onde ninguém tem pijama é igual a uma caipirinha sem limão,... não é caipirinha, ou uma feijoada sem carne, não é uma feijoada ... não é! ... ou é? (FRANCISCO,09,fev.,2024).

Esta comparação do pijama com o limão e a carne, ou seja, uma veste, uma bebida e uma comida, me remeteu às regras culinárias de Fischler (1995) com suas ordens intrínsecas e extrínsecas, que ali são associadas às regras gramaticais de Lévi-Strauss, e que aqui, eu as associo às regras rituais.

Primeiro, as regras culinárias não só definem e dão significado à comida. Assim, seria o pijama, a meu ver, quem define e dá significado ao Bloco que leva o seu nome. Segundo, as regras culinárias também definem o que comer, o horário de fazer e de comer, os ingredientes e a quantidade deles, definem quem senta à mesa, quem vai fazer a comida e com quem vai comer e com quais utensílios, com a mão, com o garfo e faca ou de hashi, e qualquer transgressão destas normas, regras e ingredientes tornará sem sentido a comida ou a bebida. Por sua vez, no caso das regras gramaticais, uma frase mal elaborada pode levar à má compreensão e tradução de todo um texto, o que inviabilizará toda a linguagem e comunicação, podendo, inclusive, prejudicar mais do que ajudar. De igual forma, tanto a preparação da comida quanto a elaboração da linguagem podem ser consideradas processos rituais.

Assim, tal qual existem as regras gramaticais que devem ser utilizadas para dar sentido à frase e existem as regras culinárias que são utilizadas para dar sentido culinário e social à comida, aqui existem as regras rituais que deverão ser usadas para dar sentido ao rito e ao mito, e que igualmente deverá obedecer a um tipo de ordem e classificação de seus objetos. E o pijama, repito, a meu ver talvez seja a parte essencial

---

<sup>69</sup> Entrevista realizada na concentração do Bloco do Pijama.

para a real significação e ressignificação do Bloco do Pijama. É como termos um baile de máscaras onde ninguém vai de máscara, ou de uma festa onde o traje é terno e gravata e o sujeito aparece com camisa de futebol e chuteira.

Portanto, tal qual a frase e a comida, um rito se faz igualmente por suas regras intrínsecas e extrínsecas, pela sua performance, bem como pelo uso de seus ingredientes. E o trocar o pijama pelo abadá assemelha-se a uma troca de ingredientes, assemelha-se a trocar, na caipirinha, o limão pela laranja, ou na feijoada, a carne pelo legume. E tanto a caipirinha e a feijoada têm uma história social, quanto o pijama no Bloco do Pijama, o que lhes dá sentido próprio e único. Segundo Eduardo, um carnavalesco que encontrei durante o percurso do Bloco do Pijama, quando lhe fiz a mesma pergunta sobre a possibilidade de resgate do Bloco, ele me responde que

Não, pois um bloco sem pijama não pode ser chamado de Bloco do Pijama, é como que sendo o urubu o símbolo do Flamengo, no dia de jogo contra o Vasco aparece um papagaio no lugar do urubu. Ou mesmo a Tijuca tendo a águia, ela aparecer na rua XV com um pato como símbolo. (EDUARDO, 09,fev.,2024).

Nas palavras de Francisco e de Eduardo, estão explícitos os valores simbólicos dos objetos e das palavras. As palavras significam algo. Assim, para realização de um evento, chamado Bloco do Pijama, somente tempo e espaço, ou seja, no caso, 6ª feira de carnaval, às 19h00 e no bairro São José, não são únicos e suficientes para defini-lo como tal. Desta forma, como não existe caipirinha sem limão, não pode haver Bloco do Pijama sem pijama. E sem o pijama, a camisola ou o baby-doll, o suposto “Bloco do Pijama” perde seu valor simbólico associado à sedução e à contestação.

### **3.2.2 - Batalha de Confete**

Seguindo a programação da sexta-feira, quando o Bloco do Pijama chegou ao centro, por volta das 22h00, já havia começado, no Jardim Municipal, a Batalha de Confete. E desde o momento em que o Bloco do Pijama entrou na rua XV, já se ouvia o som vindo do Jardim Municipal, onde estava montado o palco e a estrutura de som para levar a cabo não só a Batalha de Confete daquela noite, mas também os DJ's e Bandas que iriam se apresentar ao longo daquela sexta-feira e até a próxima terça-feira naquele local, com os horários estipulados para começar às 14h00 e terminar às 23h00.

Portanto, dando prosseguimento à minha observação, e partindo do próprio

nome da festa, “Batalha de Confete”, a primeira coisa que eu observei foi a ausência justamente dos confetes. Aliás, nem confete, nem serpentina, nem pessoas fantasiadas. As músicas ouvidas, tanto dos DJ’s quanto das bandas, eram as mesmas tocadas no evento do bairro São Pedro no dia 03 de fevereiro, ou seja, axé, sertanejo e pagode. Músicas do cotidiano. Inclusive muitas bandas e DJ’s que estavam presentes no São Pedro, como consta na programação oficial, estariam presentes, em dias alternados, no Jardim Municipal, alegrando a festa.

Na Batalha de Confete, também organizada pela Rádio Sucesso, estive presente até o final, sendo que o som foi desligado por volta de 00h10 do dia 10 de fevereiro, sábado. E olhando e ouvindo, percebi que na Batalha de Confete não tocou nenhuma marchinha ou qualquer tipo de música que remetesse às Batalhas de Confete descritas nos jornais da primeira metade do século XX. Somente músicas da atualidade.

E, como vemos nas próximas duas fotos, igualmente ao Bloco do Pijama, na Batalha de Confete praticamente ninguém está fantasiado ou usando máscaras, nem o pessoal que canta e faz o show, nem as pessoas que participam da festa, estando os trajés mais associados à roupa que usamos no dia a dia e abadá. Se não fossem as duas máscaras ao fundo da foto à direita, usadas na decoração do ambiente, ninguém perceberia que naquele local estaria acontecendo um evento de carnaval.



E dentro deste contexto todo, percebi que a Batalha de Confete de hoje se assemelha mais aos próprios eventos que aconteceram ao longo dos outros quatro dias no Jardim Municipal junto à Fonte Luminosa, e que nos remetem aos bailes populares propostos na década de 1980, com bandas, DJ’s e trios elétricos tocando axé, sertanejo, pagode e outros ritmos do cotidiano, com hora para acabar. Muito diferente da Batalha de Confetes do século passado, expressa nas Embaixadas de Momo, no Corso, nos Bailes da primeira metade

do século XX e nos Clubes da segunda metade do século XX.

Assim, analisando os dados, observo que a Batalha de Confete organizada pela rádio deixa de ser uma festa privada, da elite, das melhores famílias e torna-se uma festa pública, do povão e com hora de acabar – às 23h00 –, como aponta a programação oficial. Aqui quem organiza a Batalha de Confete não é mais um clube de associados representando as melhores famílias, a elite barbacenense, mas uma rádio. E já não há mais os ritos da própria “peleja” ou batalha de confetes, serpentinas e lança-perfume.

Frente a estas circunstâncias, a ausência de ingredientes essenciais na receita, estaremos diante de mais uma caipirinha sem limão, a exemplo do que aconteceu com o Bloco do Pijama. E de igual forma, pode-se chamar um evento de Batalha de Confete sem que haja confete algum sendo jogado de um lado para o outro? Será que é por essas e outras que os entrevistados do Cap. 2 afirmam que o carnaval em Barbacena acabou? Estamos diante de um carnaval “fake”, na ausência de outro termo?

Portanto, quando se fala nos eventos de Batalha de Confete, ontem e hoje, no carnaval de Barbacena, há que pensar que elas nem de longe são as mesmas, no tempo, no espaço, nas suas performances, nas suas regras intrínsecas e extrínsecas, nos seus significados e mesmo em seus objetivos, e que de similar possuem apenas o nome.

Ao analisar estas temporalidades, o espaço deve ser visto como algo compartilhado e formador de identidade, e as identidades aqui, também, não são as mesmas. Estar dentro de um mesmo quadrado, seja sincrônica ou anacronicamente, não é estar ocupando o mesmo espaço. O espaço não é somente físico, mas é também simbólico e envolve relações de pertencimento. O nome pode ser o mesmo, o lugar geográfico também, mas as pessoas, os rituais, as peças ritualísticas não são as mesmas, os ingredientes não são os mesmos, e, portanto, seus significados também não serão os mesmos. Cada um vai significar algo em seus momentos específicos.

Portanto, o ritual da Batalha de Confete e o significado da Batalha de Confete da elite da época com certeza não serão os mesmos quando comparados aos agora realizados pela rádio. Se na primeira década do século XX a batalha de confete organizada pelos corsos e depois estendidas aos salões tinha um significado de poder e de pertencimento a uma classe dita elite ou socialaite, hoje a Batalha de Confete, sem confete e sem fantasias, assemelha-se mais ao baile popular proposto e direcionado para o povão, como apontavam os jornais dos anos de 1980 em diante. Se o pobre antes não participava, hoje quem não participa é o rico.

A Batalha de Confete realizada pela rádio implica, isso sim, em uma inversão na relação evento/categorias sociais. De um evento “de elite” para um evento “de não elite”. Desta forma, com relação à Batalha de Confetes realizada pela rádio, o que vemos é mais uma apropriação do termo pelos organizadores atuais do que do próprio evento.

### **SEÇÃO 3.3 - OS DESFILES DE BLOCOS E ESCOLA DE SAMBA**

Nesta seção 3.3, seguindo minha metodologia, pretendo, através da observação participante, onde primeiro olhando os eventos e segundo ouvindo quem organiza ou deles participa, analisar os desfiles dos três blocos e da única escola de samba a desfilar no carnaval de rua de Barbacena no ano de 2024. Quais sejam:

- Bloco Recordar é Viver,
- Escola de Samba Unidos do Vila,
- Bloco do Chouriço e
- Batucadão Axé Nagô.

Estes desfiles aconteceram entre os dias 10 (sábado) e 13 (terça-feira) de fevereiro e, seguindo a programação oficial da prefeitura, cada bloco desfilaria em dois dias alternados, ou seja, sábado e segunda-feira ou domingo e terça-feira. E também, conforme programação oficial, a Escola de Samba Unidos do Vila desfilaria uma vez, no sábado dia 10, e o Bloco Axé Nagô também somente uma vez, na terça-feira, dia 13.

Como processo metodológico, eu acompanhei todos os desfiles dos blocos e da escola de samba em destaque. E desta forma, como processo didático para apresentação dos dados de campo e suas análises, eu farei uma descrição de cada evento, trazendo informações sobre o local do evento, sobre as pessoas que desfilam, que dirigem e mesmo as que só assistem aos desfiles, com a intenção de entender cada evento ou folguedo dentro de seus próprios termos.

Assim, eu irei trabalhar agremiação por agremiação, acompanhando os seus dias de desfiles, onde os desfiles dos blocos e da escola de samba serão descritos e analisados em 4 subseções, quais sejam:

- 3.3.1 - Bloco Recordar é Viver,
- 3.3.2 - Escola de Samba Unidos do Vila,
- 3.3.3 - Bloco do Chouriço e

### 3.3.4 - Batucadão Axé Nagô.

Nesta direção, irei começar com a subseção 3.3.1, onde pretendo analisar o Bloco Recordar é Viver, que desfilou no sábado, dia 10 de fevereiro de 2024 e na segunda-feira, dia 12 de fevereiro de 2024. Vamos a ela.

#### 3.3.1. Bloco Recordar é Viver

O “Bloco Recordar é Viver” estava previsto, segundo a programação oficial, para desfilarem dois dias, os dias 10 (sábado) e 12 (segunda-feira) de fevereiro de 2024, com ambos os desfiles previstos para começarem no mesmo horário, ou seja, às 18h00.

Assim, obedecendo sua previsão de início para sábado dia 10 de fevereiro, às 18h00, como no desfile do Bloco do Pijama, eu cheguei por volta de uma hora antes, por volta das 17h00, e já havia um grande movimento de pessoas nas ruas de acesso ao evento, ou seja, à Rua José Bonifácio, famosa no carnaval de Barbacena desde as épocas do bloco rancho União das Cores, na primeira metade do século XX. Havia também um pequeno número de pessoas fantasiadas, como a família vestida com os trajes dos Flintstones, passando por um casal vestido de Zorro e Espanhola, e um policial carregando um prisioneiro em um caixote, que através de sua fantasia se transforma em dois.



O “Bloco Recordar é Viver” recebeu apoio e autorização da Prefeitura para fechar parte da rua José Bonifácio e ocupar um espaço de uns 300 metros de extensão



por uns 30 metros de largura, transformando-o em um local de concentração permanente<sup>70</sup> (foto abaixo), ao longo dos cinco dias de carnaval. No espaço reservado à concentração do Bloco Recordar é Viver, havia a instalação de umas 10 barracas, que vendiam em especial comidas e bebidas. Não sei quem seria o responsável pelo espaço das barracas, se a prefeitura ou o Bloco. O fato é que o local de concentração do Bloco Recordar é Viver se assemelhava mais a um clube a céu aberto, mas que, apesar de tocar música mecânica e muitas delas do cotidiano, tocava também músicas antigas de carnaval. Tentei conversar com o presidente do Bloco, Ronaldo Braga, sobre estas questões, sobre que tipo de apoio estaria recebendo da Prefeitura, já que ele é também secretário municipal. Mas ele não me concedeu qualquer entrevista, nem antes, nem durante, e nem mesmo depois do carnaval.



Caminhando pela rua e observando as pessoas e a estrutura do Bloco, percebi que o “Bloco Recordar é Viver” vinha com dois grandes e elegantes carros alegóricos: um carro de frente, que vinha abrindo, anunciando e apresentando o Bloco em seu 25º aniversário, e outro carro que vinha como que fechando o bloco.

Carro de Frente



Carro de Trás





Apesar de os carros alegóricos fazerem referência e reverência ao carnaval do período das máscaras, fazendo lembrar Pierrot, Colombina e Arlequin, os bailes de Veneza, ou em especial as fantasias, contrariamente, no Bloco Recordar é Viver o que prevalece é o incentivo e o uso do abadá. E isso, podemos perceber, quando os próprios dirigentes do Bloco (foto abaixo) não usam fantasias ou máscaras, mas abadá e os rostos limpos, ou quando toda a banda (foto abaixo), que deveria ter umas trinta pessoas, composta por instrumentistas de sopro e de percussão, de igual forma, não usa fantasias ou máscaras, mas abadás e rostos limpos.

Além do apoio da prefeitura com o fechamento de uma rua para suas atividades, outro fato interessante é que o Bloco Recordar é Viver recebeu também atenção especial da mesma rádio que organizou o “Bloco do Pijama” e a “Batalha de Confete”. Inclusive, um dos diretores do Bloco Recordar é Viver é também um dos diretores e locutor da própria rádio. Assim, enquanto o homem que aparece mais próximo ao carro de frente é também diretor da rádio, o que aparece de costas e mais longe do carro da frente é também um dos secretários do prefeito.

Dirigentes



Bateria



Mais uma vez me ponho confuso sobre o carnaval de Barbacena. Um bloco do pijama, sem pijama. Uma batalha de confete, sem confete. E agora um bloco que faz referência aos bailes de máscaras e fantasias, em que os próprios dirigentes/organizadores tampouco usam máscara ou fantasias. E o que podemos perceber aqui é que o abadá vai substituir o pijama no Bloco do Pijama e as fantasias no

Bloco Recordar é Viver. E, a meu ver, a substituição de trajes tradicionais pelo abadá obedece a um período de grande influência do carnaval baiano, que surge como um tipo de modernidade do carnaval nos anos de 1980 com grupos baianos como o Olodum, a Banda Reflexus, e outras. Esse período é também conhecido como período de mercantilização do carnaval, quando a venda de abadá surge como um bom negócio. Além da venda do abadá, existe o valor agregado que pode vir com os patrocinadores, que virão com suas logomarcas nas costas ou na frente dos abadá.

O lucro dos abadá é tão evidente que, no dia anterior ao primeiro desfile do Bloco Recordar é Viver, seus dirigentes foram até a rádio em questão e se puseram a divulgar o carnaval de Barbacena, em especial o desfile do Bloco Recordar é Viver. E o que mais foi enfatizado pelos presentes durante a “conversa com os ouvintes da rádio”, que fluiu em um tom de bate papo entre amigos ao som de muitas risadas, expressando uma felicidade sem igual, foi a ainda existência de alguns abadá para a venda.

Já com relação ao desfile de sábado, dia 10, o “Bloco Recordar é Viver” começou a desfilar por volta das 19h00. O Bloco foi saindo devagarinho e, quando vi, já estava andando, sem que houvesse um anúncio geral de “está começando o desfile”; simplesmente ele começou. De seu local de concentração, em frente ao bar do Paulinho, à rua José Bonifácio, o Bloco seguiu em direção ao Jardim do Globo, onde contornou em direção à rua XV de Novembro, logo em seguida contornando novamente à esquerda, em frente ao Clube Barbacenense, onde retornou em definitivo para o seu local de concentração, que, como eu disse, parecia mais com um clube a céu aberto e onde o som rolou até por volta da meia-noite – mais tarde que o horário previsto para acabar os eventos ou o Baile Popular no Jardim Municipal, que era às 23h00.

Nesta perspectiva, o Bloco Recordar é Viver voltou a desfilar no dia 12 de fevereiro, segunda-feira, sendo o único bloco ou agremiação carnavalesca a desfilar neste dia. Novamente cheguei uma hora antes do previsto para início do desfile. Apesar de bastante gente presente, o número de pessoas parecia menor em relação ao sábado e o motivo dado nas conversas era o fato de que quem tem um pouco de dinheiro sai da cidade nos dias de carnaval.

E neste ir e vir, ou vai e vem, ao longo do evento eu encontrei Imaculada, uma amiga minha da época do 2º grau e, como não podia deixar de ser, começamos a conversar sobre carnaval. E especificamente sobre esta questão de estar cheio, mas ter menos gente, ela me argumentou que:

As pessoas ricas não ficam na cidade durante o carnaval ... muitos dos ricos viajam para outras cidades de praias e de carnaval como Recife, Olinda, Salvador, Cabo Frio ... eles vão para as praias ... e pessoas não tão ricas assim, também viajam para fora de cidade, para cidades mais perto, inclusive para cidades menores como Ressaquinha, Alfredo Vasconcelos para curtirem o carnaval de lá. (IMACULADA,12,fev.,2024).

No desfile de hoje havia pouca gente fantasiada e, novamente, predominando o abadá, o short, a camisa ou camisetas seja para homens, seja para mulheres. Em resumo, é possível dizer, guardados alguns detalhes, que a mesma estrutura de apresentação do Bloco de sábado se manteve aqui no desfile de segunda-feira, com os dirigentes e a bateria usando abadá em vez de fantasias.

Aqui, gostaria de destacar que, tanto no primeiro quanto no segundo desfile do “Bloco Recordar é Viver”, antes do Bloco começar o seu desfile eu fiquei conversando com algumas pessoas sobre o carnaval, e em uma destas, eu estive proseando no primeiro dia foi com o meu amigo Guilherme, que é funcionário do IF Sudeste de Barbacena e mora na cidade vizinha de Antônio Carlos. Quando eu lhe disse que eu estava escrevendo sobre o carnaval, e que uma das hipóteses que eu estava trabalhando é que o carnaval é um momento que torna todos iguais, eu já fui logo interrompido por ele que me disse que “sim, eu acho isso também”. Em uma brecha na conversa, pois eu esperei Guilherme concluir seu raciocínio, uma vez que eu estaria ali pra isso, prossegui dizendo a segunda teoria ou hipótese, a de que o carnaval é um momento de afirmação das diferenças e desigualdades, e novamente fui interrompido por ele, que me interpelou dizendo:

Éhhh ...este bloco daqui é diferente mesmo, né? Nota-se se olhando. O meu pai é de Barbacena e ele nos contava que quando morava aqui existia clube só de rico, mas eu não lembro o nome do clube. (GUILHERME, 12,fev.,2024).

Analisando as duas respostas de Guilherme, percebemos que ele vê tanto um tipo de carnaval da igualdade quanto um tipo de carnaval da desigualdade. E o carnaval pode ser isso mesmo, como vimos no caso dos entrevistados (Cap. 2) que apontaram o carnaval como tempo e espaço de visibilidade e reconhecimento, já que no dia a dia seriam pessoas invisíveis, ou de quando os jornais (Cap.1) anunciavam os bailes nos clubes como exclusivo para a elite barbacenense.

O fato é que esta minha pequena conversa com Guilherme no primeiro dia me deu um direcionamento de voltar-me para a perspectiva de quem eram as pessoas do Jardim Municipal e as pessoas que frequentavam o Bloco Recordar é Viver. Conversando sobre este tema com Walter (50 anos), professor de educação física da rede estadual de Minas Gerais, ele nos relata que

A diferença entre o grupo que fica lá na praça e o que está aqui ... éééé ... que o grupo que está aqui não é muito diferente do que está lá em cima. A diferença que eu vejo é que aqui tem pessoas de mais idade, e lá mais jovens. Agora, questão de classe, ou cor não vejo muito. Tanto lá quanto cá ... é o mesmo pessoal. (WALTER,12,fev.,2024).

E por que você prefere vir aqui? Respondeu Walter:

Justamente por isso, por ter pessoas de mais idade, a juventude ali ... é muita gente, muita correria, fica muito cheio, e é outra faixa-etária ... as músicas são diferentes. (WALTER,12,fev.,2024).

Portanto, em termos finais, além das questões da ausência dos usos das fantasias e máscaras, podemos perceber ao analisar o desfile do “Recordar É Viver” que ao menos mais duas situações ou questões se postam. Uma etária, e outra política.

A questão etária estaria posta ao compararmos quem frequenta o Jardim Municipal e quem frequentam o evento do Bloco Recordar é Viver. Nos eventos do Jardim Municipal, a faixa etária média seria de 22 ou 23 anos de idade. No desfile do Bloco Recordar é Viver, apesar de ter uma variedade maior nas faixas etárias, teríamos uma média etária de 45 anos, e é lógico, como dito, apesar de crianças menores acompanhados de seus pais, muitas pessoas tinham mais de 70 anos, como os nossos amigos Turene (74 anos) e Iko (72 anos), que marcaram presença no “Bloco Recordar é Viver”.

Já a questão política estaria na relação dos diretores do “Bloco Recordar É Viver” com a prefeitura e com a rádio, que lhes ajudam e lhes oferecem apoio, mais em especial com o governo municipal. O executivo, ao apoiar uns grupos e deixar de apoiar outros grupos, estaria estabelecendo uma relação entre ambos não de igualdade de direitos, mas de privilégio. Privilégio aqui entendido como um sistema de relações e definido como um tipo de atenção especial a uma pessoa, grupo ou grupos específicos. Veremos mais sobre esta questão de privilégio nas subseções seguintes, quando

estivermos analisando os desfiles da Unidos do Vila, do Bloco do Chouriço e do Batucadão Axé Nagô que, distintamente do Bloco Recordar é Viver, me disseram não terem recebido qualquer ajuda, seja da prefeitura, seja da rádio.

### 3.3.2 - Escola de Samba Unidos do Vila

Depois de acompanhar todo o desfile do Bloco Recordar é Viver até o seu retorno à concentração, voltei à rua Lima Duarte para acompanhar o desfile da escola de samba Unidos do Vila, que estava programado para as 20h. Como de praxe, cheguei uma hora antes de começar o evento e primeiro que muitos dos integrantes da escola. Com o passar do tempo, aos poucos foram chegando os integrantes da escola, como os componentes da bateria, as baianas, o mestre-sala e a porta-bandeira, que são, como apontou Ivan de Verdade (cap. 2), quesitos mínimos para definição de uma escola de samba.

Assim, depois da chegada de todos os seus membros, e organizadas suas posições, a Unidos do Vila, como demonstram a sequências de seis fotos, apresentou-se com seu carro de frente tradicional seguido por duas alas, a ala das baianas, o mestre-sala e a porta-bandeira e, por fim, a bateria.

Carro de Frente



Alas com Fantasias Distintas





Alas com Fantasias Distintas



Ala das Baianas



Mestre-Sala e Porta-Bandeira



Bateria



Apesar da Unidos do Vila vir com quesitos e trajes típicos de uma escola de samba, que são as fantasias de lamê e cetim com as alas, baianas, mestre-sala e porta-bandeira, percebemos que a bateria vem, no entanto, de abadá. Mais uma vez as fantasias disputam espaço com os abadás.

O desfile da Unidos do Vila começou por volta das 20h30. Saindo de frente da Papelaria Bernadete, a Escola subiu a rua XV de Novembro passando pelo Jardim Municipal, levando consigo uma enorme quantidade de gente. Terminou seu desfile no fim da Rua XV, em frente à Caixa Econômica Federal, por volta das 22h00. Nos tempos áureos das escolas de samba nas décadas de 1970 e 1980, estaríamos apenas no final do primeiro ou do segundo desfile de escola, havendo duas, três ou quatro escolas ainda para desfilarem, terminando o desfile por volta de 1 ou 2 horas da manhã.

Com relação ao desfile da Unidos do Vila, dois pontos me causaram estranhamento. Primeiro, o fato de que, quando a escola de samba Unidos do Vila

estava passando em frente ao Jardim Municipal, onde ocorriam os bailes populares, o responsável pelo som não abaixou o volume do som mecânico vindo do palco, que era muito mais alto do que o som da bateria da escola e das vozes dos foliões que vinham seguindo a escola de samba. Para mim, tal atitude representa ao menos duas coisas: menosprezo, que viria pelo ato do responsável pelo som, ou desorganização do evento, sendo a responsabilidade dos organizadores.

O menosprezo viria a partir do momento em que o responsável pelo som não se importou com o desfile da escola que passava ao lado, e que aquele som alto estaria prejudicando o desfile daquela escola e o lazer daquelas pessoas que participavam como atores e daquelas pessoas que participavam como público e que estavam ali somente para assistir. Já a falta de organização viria dos responsáveis pela organização e programação do carnaval na rua XV de Novembro, ao pensarem, por exemplo, que um tipo de carnaval acontecendo ao mesmo tempo em dois ambientes, poderia significar um tipo de glória maior e boa gestão. Se foi isso, não funcionou.



Mesmo diante de tal fato, o desfile transcorreu bem e foi agregando muitas pessoas ao longo do percurso, como podemos ver na foto ao lado. Esta foto representa justamente o momento e a passagem da escola de samba Unidos

do Vila ao lado do palco, à esquerda de onde vinha a música, ou seja, do Jardim Municipal. Aqui estamos em plena Rua XV e a dois postes à direita do famoso passeio da loja A Bota de Ouro, comentado nos capítulos 1 e 2. Pela aglomeração de pessoas na foto, pode-se perceber uma grande quantidade de gente na rua, seja para tocar instrumento, ou sair atrás da escola, mexendo o corpo e as cadeiras ou, simplesmente, olhar.

E no seguir da folia promovida pela escola de samba Unidos do Vila, eu fui apresentado à Conceição, e como não poderia deixar de ser comentei com ela que estava escrevendo sobre o carnaval de Barbacena e lhe perguntei se ela estava gostando do

carnaval da cidade. Depois de pensar um pouco, respondeu:

O carnaval de Barbacena não está bom, né. Começa com esta espuma que ficam jogando na gente. Suja a roupa da gente tudo. A gente sai limpinha, arrumadinha e chega aqui tem esta espuma na nossa roupa, no nosso cabelo, na nossa fantasia, vai espuma nos poucos carros alegóricos que existem, vai espuma em tudo. (CONCEIÇÃO,10,fev.,2024).

Este discurso de Conceição sobre as espumas foi interessante porque estas espumas que saem em um frasco podem ser comparadas às bisnagas de cheiro da época do Entrudo de cem anos atrás, por sua forma invasiva. Pois, como aponta Conceição, suja a roupa, suja o cabelo, suja a fantasia de carnavalescos. Além de Conceição, cheguei a ouvir várias pessoas reclamando sobre a espuma e sugerindo, inclusive, que tal “espuma” tivesse sua venda proibida.

Se meu primeiro estranhamento foi o som vindo do palco no Jardim Municipal, durante a passagem da Unidos do Vila, o meu segundo ocorreu quando do discurso que o presidente da escola Unidos do Vila, Carioquinha, fez ao final do desfile, agradecendo a várias pessoas físicas e jurídicas pelo excelente desfile da escola, a começar pelos componentes da própria escola. No entanto, a ausência de um agradecimento me chamou a atenção. O agradecimento ao prefeito, pois como constava na própria programação oficial do município, os eventos carnavalescos estariam recebendo apoio da prefeitura, e isso por si só seria um motivo de agradecimento.

Assim, passados alguns minutos, quando Carioquinha estava mais livre para falar, eu lhe perguntei se o município havia ajudado, apoiado a escola Unidos do Vila para que ela pudesse desfilar. Ele, de forma curta e grossa, me respondeu:

Não. A gente pediu apoio, pediu e foi negado. A gente enviou um orçamento pedindo, não dinheiro, mas material, para a nossa escola ... para o subsecretário de cultura e turismo do município Alexandre Braga, no entanto ele respondeu nosso pedido dizendo que escola de samba não é cultura. .... A gente não recebeu qualquer ajuda, apoio ou subvenção por parte do município, mas o bloco Recordar é Viver, que desfilou dois dias, recebeu autorização de fechar uma rua por 4 dias, de vender o espaço para barraquinhas de comida e bebida e de realizar sua festa quase que particular. Não somos todos tratados iguais. O bloco Recordar é Viver sai da Rua José Bonifácio sobe em direção à rua XV e retorna a altura do Jardim do Globo. Por que eles não dão volta na praça como os demais blocos e escolas? Por que eles fazem um carnaval isolado, só deles, mais longe do outro evento no Jardim Municipal? (CARIOQUINHA,10,fev.,2024).

Aqui, a meu ver, ao analisar o desfile da Unidos do Vila e o discurso de



Carioquinha de que “não somos todos tratados iguais”, mais do que a questão do uso da fantasia ou do abadá, ou da bateria e vozes dos foliões, ou da presença da baianas, mestre-sala e porta-bandeira, aqui, temos um fato político, associado a relações de poder. E já que estamos trabalhando com ideias de igualdade e desigualdade no carnaval, o fato de um dirigente da única escola de samba a desfilar apontar um tratamento desigual da prefeitura contra sua agremiação carnavalesca torna-se muito relevante para nossos estudos.

Desta forma, com base nas palavras de Carioquinha, de que a ideia de igualdade não é aplicada pelo prefeito, uma vez que o Bloco Recordar é Viver recebe apoio dele e o outro, no caso a sua própria escola de samba, não recebe apoio algum, creio estarmos nos limites entre os conceitos de Igualdade, Direito e Privilégio. Onde o privilégio pode ser percebido como um sistema de relações e definido com um tipo de atenção especial dada a alguém ou a algum grupo em detrimento de outro alguém ou de outro grupo, ferindo um ato da democracia que é a igualdade de direitos.

E desta forma, baseado em Siqueira e Silva (2015) e Loango (2021), o privilégio implica não em igualdade, mas em uma hierarquia e, ao se caracterizar pela hierarquia, ele serve como processo de inclusão e exclusão, influenciando, por consequência, diretamente na formação de sujeitos. Ao beneficiar somente um grupo racial em relação ou detrimento de outro grupo racial, estaremos diante do chamado privilégio racial.

Assim, as situações opostas e quase antagônicas do Bloco Recordar é Viver e da Unidos do Vila em relação ao executivo do município e mesmo à Rádio me fizeram ver e pensar esta hierarquização, me fizeram ver uma relação de hierarquia e não de direito ou de igualdade entre pessoas iguais, mas de desigualdades entre pessoas diferentes. Aqui, a igualdade é mais uma meta, uma busca, um ideal, do que uma realidade. A sociedade não é igual nem no dia a dia nem nos rituais de carnaval, como apontou Tuim (Cap. 2) que, depois de receber todo o agrado do povo nas ruas e desfiles de escola, ele trabalhava na pedreira da prefeitura até na segunda-feira de carnaval, quando grande parte de todo o serviço público do município tinha ponto facultativo estabelecido nos dias de carnaval.

### **3.3.3 - Bloco do Chouriço**

Outro grupo carnavalesco que busquei analisar foi o “Bloco do Chouriço”, que desfilou no domingo dia 11, e na terça-feira dia 13 de fevereiro, sempre às 18h00. Como

de praxe, tanto no primeiro desfile quanto no segundo, cheguei ao local da concentração uma hora antes do início do desfile e me pus a observar e ouvir.

Já no desfile de domingo pude perceber que o Bloco do Chouriço, distintamente do Bloco Recordar é Viver e da escola de samba Unidos do Vila, não vinha com um carro de frente, mas com um estandarte com a caricatura do Chouriço, portado por uma “senhorinha<sup>71</sup>”, o que nos faz lembrar uma descrição de um bloco rancho defendida por Ivan de Verdade (Cap. 2). Desta forma, o Bloco do Chouriço se apresentou, basicamente, tendo à frente o estandarte do Bloco, mais a bateria, e que apesar de estar usando abadá, parte dela também estava usando fantasia (foto 22).

Porta Estandarte



Bateria



Assim, posso dizer que o Bloco do Chouriço era composto por um Porta Estandarte, Bateria, e Puxadores (intérpretes) de Samba. Portanto, sem assistas ou baianas. Havia poucos integrantes oficiais do Bloco, ou seja, aqueles que usavam o abadá do Bloco e que não trazia propaganda alguma, o que demonstra que o Bloco não recebeu apoio de ninguém, tudo por conta própria.

Semelhante ao desfile da Unidos do Vila, ao passar pelo Jardim Municipal, já que o Bloco do Chouriço seguiu o mesmo percurso da Unidos do Vila, os operadores de som e áudio não abaixaram o som, prejudicando igualmente o desfile do “Bloco do Chouriço”. Novamente a questão: menosprezo ou falta de organização?

O Bloco do Chouriço desfilou com samba próprio, composto pela própria irmã de Maurício “Chouriço” e que foi acompanhado de uma excelente bateria que deveria

---

<sup>71</sup> Para lembrar o vocabulário do JCB usado para designar as porta estandartes dos blocos ranchos da primeira metade do século XX.

ter uma média de 30 componentes, sendo que nem todos eram do Bloco, e talvez a metade tenha ingressado nele durante o percurso, já que não existem cordas que isolem as pessoas, o que possibilitava momentos em que atores e plateia se tornassem um só corpo.

Infelizmente, não tive como conversar muito tempo com os diretores do Bloco do Chouriço, mas, no pouco que conversei, direcionei meu assunto para duas questões: Vocês receberam dinheiro, ou outro apoio da prefeitura? Existe carnaval em Barbacena? Isso porque ambas as perguntas se relacionam com a própria existência de carnaval em Barbacena, em especial o desfile de escolas de samba e blocos. A primeira questão é prática e está associada às questões de subvenções da prefeitura; já a segunda é mais simbólica e pode até possuir um caráter mais pessoal. Estas duas questões são de grande importância e tratadas tanto no Capítulo 1 quanto no Capítulo 2 e que agora se torna de igual importância no Capítulo 3. Trata-se de uma questão econômica voltada para a distribuição de recursos públicos, de verba pública.

Assim, com relação à primeira pergunta – vocês receberam dinheiro, ou outro apoio da prefeitura? –, conversando com Maurício, conhecido como Chouriço e um dos diretores do Bloco que leva o seu nome, ele me respondeu: “não... não recebemos nenhuma ajuda”. E aqui percebemos que o mesmo trato dispensado à escola de samba Unidos do Vila foi dispensado ao Bloco do Chouriço, ou seja, ajuda “zero”.

Passando à segunda pergunta – existe carnaval em Barbacena?” –, David, mestre de bateria e puxador do samba do Bloco do Chouriço, me responde:

Não, não existe mais carnaval em Barbacena... O carnaval de Barbacena acabou quando transferiram o carnaval pro Parque de Exposições e quando eles trouxeram o trio elétrico para venderem abadá... Tentaram e tentam ganhar dinheiro com abadá (DAVID,11,fev.,2024).

O discurso de David vai ao encontro de nosso Capítulo 1, quando das políticas de ocupação do espaço para a prática do carnaval no centro da cidade de Barbacena e das ameaças de trazer trio elétrico para acabar com as escolas de samba. Tipo de política de governo municipal, que parece ter se transformado em realidade, pois Barbacena ficou muito tempo sem desfile de escolas de samba e hoje no momento de escrita desta dissertação, só tem uma escola de samba, em detrimento a períodos anteriores onde possuía uma população menor, mas seis escolas.

Assim, sobre a existência das escolas, se houve, no segundo governo de José Eugênio, o período de ouro das escolas de samba e blocos, nos governos seguintes, só foi ladeira abaixo, chegando quase que à sua extinção. E ao observar a estrutura do Bloco do Chouriço, ao se assemelhar mais a um bloco rancho, isso nos dá uma ideia de tempo cíclico, de retorno ao passado, tal qual as espumas em relação às bisnagas de cheiro. Assim, se o carnaval de Barbacena não acabou, ao menos alguns blocos revelam uma relação com o passado, voltando à época dos ranchos e algumas manifestações à época do entrudo.

### 3.3.4 - Batucadão Axé Nagô

Por fim, o último grupo a ser analisado será o Batucadão Axé Nagô, que desfilou apenas no último dia de carnaval e logo após o término do segundo desfile do Bloco do Chouriço, ou seja, na terça-feira de carnaval. Como de costume, cheguei uma hora antes do início do desfile, ou seja, por volta das 18h00, e ainda não havia chegado qualquer componente do Bloco. Por volta das 18h30, começaram a chegar alguns componentes do Batucadão e, por volta das 19h00, já haviam chegado todos os componentes, o que se resumia à bateria do Bloco.

O Batucadão se apresentou apenas com a bateria, formada por instrumentos de percussão, no entanto, sem carro chefe, sem alegoria, sem alas de passistas ou de baianas, e mesmo um estandarte como os outros blocos e escola estudados. A bateria do Batucadão possuía uma média de 35 pessoas, sendo umas 12 mulheres (fotos abaixo). Os ritmos que os surdos, repinique, tamborim e outros instrumentos expressavam eram o samba e o afoxé.

Bateria



Bateria



Em realidade, sobre as baterias, há que destacar que de todos os blocos e escola de samba analisados, o Bloco do Chouriço, a Unidos do Vila e agora o Axé Nagô, todos tinham mulheres em sua bateria, apenas o Bloco Recordar é Viver não tinha mulheres, somente homens.

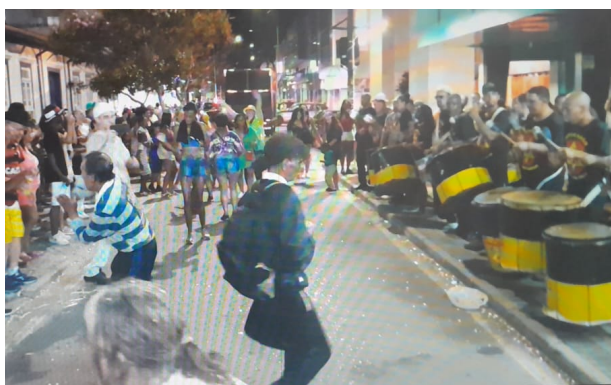
Mas seguindo com o desfile do Bloco Axé Nagô Mirerê, o mesmo, ao sair, seguiu o mesmo percurso e trajeto que o Bloco do Chouriço e a Escola de Samba Unidos do Vila, ou seja, saindo do rua Lima Duarte, seguindo pelo Jardim Municipal e finalizando em frente ao prédio da Caixa Econômica Federal no fim da rua XV.

Outro fato interessante em relação à bateria, que ocorreu tanto no Batucadão Axé Nagô quanto na Escola de Samba Unidos do Vila e no Bloco do Chouriço foi a presença de membros de outras agremiações, que se juntaram aos seus desfiles. Fato que não aconteceu com o Bloco Recordar é Viver.



No Recordar é Viver, não se via pessoas que não fossem do próprio Bloco tocando instrumentos. No entanto, na foto ao lado, vemos ao menos duas pessoas com abadá diferentes tocando junto com a bateria do Batucadão. E ao que parece, uma mulher está usando abadá da Unidos do Vila e um homem está usando abadá do Bloco do

Chouriço, o que demonstra distinções entre as três agremiações e o Recordar é Viver. Para os que desfilam na Unidos do Vila, Bloco do Chouriço e no Axé Nagô, a alegria em se divertir está acima de qualquer rivalidade ou falta de apoio da prefeitura, todos participam, mostrando que o carnaval, apesar da necessidade de autorização do Estado, é ainda uma festa popular e que possui a função de agregar, socializar e alegrar pessoas.



E o que podemos perceber através da foto ao lado é que, mesmo com apenas uma bateria, as pessoas vão atrás e só param quando a bateria para. Apesar de terminar cedo, às 23h00, as pessoas insistem em ficar até o final da

festa e, digamos, para além do seu final. Devido à dificuldade de se fazer uma entrevista tranquila com o sr. Maurício naquele momento, eu agendei com ele para o dia seguinte em sua sede. E assim resolvi subir a rua XV em direção ao Jardim Municipal para assistir um pouco do último dia de baile popular no Jardim Municipal. Quando estava chegando ao Jardim Municipal, encontrei com Wanderley, 27 anos, também amigo de Barbacena, que cumprimentei e ficamos a conversar um pouco. Como também não poderia deixar de ser, comentei com ele sobre minha pesquisa e perguntei a ele se “existe carnaval em Barbacena”, que mais que de imediato me respondeu: “Não. Não existe mais carnaval em Barbacena”. Mas, quando eu lhe pergunto o que ele estaria fazendo ali no Jardim Municipal, ele assim se posiciona:

É o que temos. Estou aqui porque gosto de pular carnaval. Mas isso aqui não é carnaval.... E aqui só tem alguns blocos, não tem mascarados, não tem escolas ... e aqui no Jardim é só DJ e banda ... e acaba às 23 horas (WANDERLEY,13,fev.,2024).

Apesar de muitos dos que estão ali pulando, no meio do folguedo, do bloco, do baile popular, não considerarem o evento como um carnaval, a grande participação popular e a própria participação de Wanderley ali ocupando aquele espaço, naquele momento, apontam para a importância das festas, ou dos eventos, como formas de socializações. Daí a importância das festas e de outros eventos, tais como os Jogos Olímpicos, Concursos de Música ou de Dança, momentos de competições e rivalidades, mas que são também momentos de sociabilidade e socialização. Momentos essenciais, já que somos seres sociais.

Assim, no dia seguinte, como tratado com o Pai Maurício, cheguei à sede do Batucadão que se localiza no Centro de Terreiro e Umbanda Axé Nagô Mirerê, no bairro do Sapé. E talvez em consequência disso, o Bloco Batucadão Axé Nagô Mirerê é formado em sua maioria por membros do próprio Centro de Terreiro.

Devido à delimitação do tema de pesquisa e para eu não me perder nas perguntas e ser o mais objetivo possível, busquei direcionar nossa conversa em torno de fatos que surgiram como questões centrais no decorrer deste capítulo 3, e que foram postos também nos capítulos 1 e 2, que são as chamadas subvenções, consideradas, como vimos, de grande importância para os desfiles de escolas de samba e blocos.

E sobre este assunto, lembremos que apesar de a prefeitura de muitas décadas



atrás não possuir página web, as subvenções e mesmo as premiações eram publicizadas, ou seja, tornadas públicas em jornais particulares como o Jornal Cidade de Barbacena e o Correio da Serra, onde era divulgado o valor das subvenções da prefeitura e das premiações da prefeitura e de empresários, de modo que se sabiam a quem dirigiam as subvenções, quem doava os prêmios e o que recebiam os premiados.

Naquele período, os blocos recebiam o mesmo valor como bloco e as escolas de samba como escolas de samba. No entanto, no carnaval de 2024, apesar de a prefeitura afirmar que deu apoio ao evento, ela não destaca que tipo de apoio foi dado e quem recebeu tal apoio. Se este apoio envolveu verba ou algum tipo de subvenção, nem a prefeitura e nenhum jornal divulgou o público-alvo e os valores envolvidos.

Assim, quando a prefeitura de 2024 divulga em seu site que dará apoio ao carnaval da cidade, a quem este apoio se dirige? Já que, como vimos, a Unidos do Vila e o Bloco do Chouriço declaram não haverem recebido apoio da prefeitura, diferentemente dos organizadores do evento do bairro São Pedro e do Bloco do Zé que declararam haver recebido apoio da prefeitura, e o próprio Bloco Recordar é Viver, que conseguiu um espaço grande e a permissão de fechar uma rua central por 5 dias para realização de uma festa quase particular.

Portanto, é com este fim, o de analisar as questões de apoio da prefeitura e a quem este se dirige, o que nos levou a pensar sobre situações de privilégio estabelecidas na realização do carnaval entre a prefeitura, ou de alguns gestores municipais, buscando beneficiar uns em prejuízo de outros.

Diante desta situação, eu destaquei duas perguntas básicas e essenciais para direcionar nossos estudos e como dito, perguntas já feitas anteriormente ao entrevistados do capítulo 2 e agora aos entrevistados do Capítulo 3 e que agora as faço ao Pai Maurício. A primeira pergunta é: existe carnaval em Barbacena? E a segunda é: o Batucadão recebeu algum apoio da prefeitura?

Ao buscar responder a primeira pergunta, se existe carnaval em Barbacena, Pai Maurício responde:

Já houve. O Carnaval está acabando, aquilo na Fonte Luminosa não era carnaval. Sei lá o que era, parecia outra festa ... uma festa eletrônica, menos carnaval. As mesmas músicas do ano inteiro ... é o mesmo esquema de qualquer festa municipal realizada em qualquer época do ano aqui em Barbacena ... como as festas das Rosas ou da Exposição ... são os mesmos cantores e as mesmas músicas ... sertanejo, sofrência, axé, pagode, ... Ademais, aquilo na Fonte Luminosa foi a maior falta de consideração, a

gente passando com nosso bloco na avenida e o som tocando no palco ... tocando mais alto que a nossa bateria e o nosso carro de som. Tinham que parar o som quando os blocos passassem, e isso aconteceu com todos os blocos ... falta de respeito. (PAI MAURÍCIO,13,fev.,2024).

Ao responder a segunda pergunta se o Batucadão recebeu algum apoio da prefeitura, Pai Maurício respondeu:

Não recebemos nada ... Para este carnaval, me chamaram lá na prefeitura para falar sobre o evento .... e que a gente fosse lá para falar o que a gente precisava. Saí ... fui lá e apresentei uma lista de pedido para o desfile. Pedi apoio para compra de peles e algumas baquetas para a bateria. Eles me responderam que isso eles não tinham como, pois não tinha no orçamento para isso. ... E o que eles poderiam e estavam oferecendo pra gente colocar o bloco na rua era a SUTRAN, a PM, a GCM e os Bombeiros ... Ora isso já está ali posto e obrigatório... saímos da reunião sem ajuda para o desfile. E ainda puseram nosso nome na programação oficial do município. Nós que não recebemos nenhuma ajuda. E se dependesse da prefeitura, a gente nem sairia. (PAI MAURÍCIO,13,fev.,2024).

Esse discurso de gestores do governo municipal de não ter no orçamento verba para ajudar nos desfiles da escola e dos blocos parece ser um discurso antigo, vago e sem muito sentido. Pois como apontaram o compositor José Albino (Cap. 2) em minha primeira ida a campo:

Não é necessário retirar qualquer quantia de qualquer pasta para ingressar no carnaval de Barbacena, uma vez que existe verba própria pra isso, como existe para a saúde, para a educação ou para a assistência social, existindo a verba da cultura para produção do carnaval, pois carnaval é cultura sim. (JOSÉ ALBINO,21,set.,2023).

Vale notar: ao alegarem não terem verba no orçamento para ajudar alguns blocos e a escola, coincidentemente estes blocos são de pessoas negras; e ao ter verba e apoio para certos blocos e grupos de pessoas, coincidentemente estes grupos são de pessoas brancas. Estas “coincidências” em um país que se assume como racista podem ser vistas não apenas como coincidências, mas como um ato racista sim, consciente ou inconsciente. E se isso acontece, estamos diante do que Loango (2021) denomina de racismo epistêmico, que busca evidenciar um privilégio tanto cultural quanto racial.

Segundo Loango (2021), apesar de o racismo epistêmico fazer parte de uma estrutura maior, que é o racismo estrutural, ele deve ser entendido de uma forma mais global e não apenas ser visto como mero epifenômeno deste racismo estrutural, mas como “um eixo central na estrutura de dominação cultural, política e epistêmica que tem



operado sobre as populações negras” (LOANGO, 2021:427). O racismo epistêmico busca privilegiar o branco como o senhor do conhecimento e dos saberes, renegando ao negro estas faculdades humanas (LOANGO,2021:422). Assim, se antes o negro servia ao menos para tocar tambor, agora, ao que parece, segundo os gestores municipais da cultura, nem para isso ele serve.

Dentro deste contexto, as atitudes dos gestores municipais da cultura e da prefeitura me levam a pensar duas coisas. Primeiro, a concordar com José Albino, Cinco e Carioquinha que verba há, mas que, em termos de direito, não são todos iguais, como destacou Carioquinha. Segundo, se há verba, mas somente dirigida a um grupo de brancos em detrimento a um outro grupo de negros, estaremos diante de uma situação de privilégio tanto cultural quanto racial.

Portanto, sendo o carnaval considerado um ritual, e sendo o ritual um processo de socialização, o carnaval também funcionará como um processo de socialização. E sendo o privilégio uma forma de inclusão e de exclusão, ao beneficiar alguém, você o inclui, e ao negar um benefício, você o exclui. Assim, negar a participação de pessoas negras na organização do carnaval é excluí-las do processo de socialização que o carnaval proporciona.

E esta negação de inclusão e socialização do negro se afirma, quando o próprio secretário de cultura, em conversa com o presidente da Escola de Samba Unidos do Vila, lhe responde que escola de samba não é cultura e lhe nega apoio. Aqui, estamos diante das tentativas de negação de uma cultura e de invisibilidade de um grupo, o que vem a confirmar o racismo cultural, praticado por estes gestores municipais que gerenciam a cultura e o carnaval de Barbacena no ano de 2024.

Desta forma, o fato é que, enquanto os brancos receberam apoio, as agremiações dos negros, não. Entendendo aqui o direito como uma condição de igualdade e o privilégio como uma condição desigual, antidemocrática e hierárquica. Privilégio, este, que segundo Siqueira e Silva (2015:02) representa uma ação “tão nociva ao pleno desenvolvimento de nossa democracia”. Uma vez que privilégio implica em inclusão e exclusão, em beneficiar uns em detrimento de outros.

Barbacena é uma cidade que vive e sobrevive do comércio e da agricultura, possui poucas indústrias, talvez duas indústrias, além da EPCAR, do IX Batalhão de Polícia, da UEMG e do Instituto Federal do Sudeste de Minas, como fontes geradoras de emprego e renda. Sendo, com certeza, a prefeitura a principal fonte de emprego do

município. No caso de Barbacena, só existem concursos municipais quando o Ministério Público assim o determina, fora isso a tática de todos os governos municipais anteriores e do atual é a de contratação direta de funcionários para todos os órgãos e setores da prefeitura. Tarefa que passa pela caneta do prefeito, o que lhe dá muito poder local, pelo menos durante os seus quatro anos de gestão. Segundo José Maria, funcionário da prefeitura,

Apenas 20 a 25% dos funcionários da prefeitura são concursados, o restante 75% é composto por funcionários contratados ou em cargos de comissão ... que devem passar pela aprovação do prefeito ... é muitos destes cargos são indicações de vereadores. (JOSÉ MARIA,13,fev.,2024).

Portanto, este poder de nomear e distribuir também passa pelas canetas dos vereadores, uma vez que cada vereador tem o poder de nomear dez assessores para seu gabinete, fazer indicações para emprego na prefeitura, receber emendas de parlamentares estaduais e federais, o que também lhes dão bastante poder, além da função municipal de produzir leis e fiscalizar as ações do prefeito. Barbacena tem ou teve vários vereadores na mesma gestão, que estão ali a cinco, seis mandatos ou mais. E seja qual for o governo municipal, o prefeito sempre terá maioria na Câmara e a Câmara sempre apoiará o prefeito. Executivo e Legislativo caminham juntos em Barbacena.

O presidente do Bloco do Zé no Vilela e o presidente do Bloco Recordar é Viver, que receberam apoio do atual prefeito, são ex-vereadores e candidatos agora para o pleito de 2024. Sendo que o presidente do Recordar é Viver é atualmente um dos secretários municipais do atual prefeito e o presidente do Bloco do Zé, funcionário de carreira na prefeitura de Barbacena; hoje ambos estão apoiando a reeleição do atual prefeito

Assim, ao concluir este meu capítulo 3, o que percebo é que em uma pesquisa etnográfica, às vezes, em busca de respostas, o que mais encontramos em campo são outras perguntas, outras questões.

Desta forma, sendo o ritual um reflexo do nosso cotidiano, possuindo a capacidade de poder dizer muito de nossa sociedade e de quem nós somos, e já que uma das variáveis de nossos estudos é questionar se atos do cotidiano se afirmam ou se negam nos dias de carnaval, eu formulo as seguintes questões: se o ritual reflete a sociedade, o privilégio e a hierarquia existentes, o carnaval de 2024 em Barbacena

refletiria uma das características da sociedade barbacenense? Seria o ritual de carnaval de Barbacena um reflexo de relações sociais baseadas no privilégio e não no direito ou no mérito? Viver em Barbacena é viver em uma sociedade de privilégios e hierarquizada?

Portanto, partindo do extraordinário do carnaval para o ordinário do cotidiano, será que estas relações da prefeitura nos dias de carnaval, não de igualdade, mas de privilégio, se expandem para outros setores da cultura, como forma de pensamento e ação, e para outros órgãos da administração municipal, como por exemplo a educação, a saúde, a assistência social, ou o transporte?

Desta forma, sobre esta questão de privilégio na relação entre governo municipal e alguns grupos sociais brancos durante o carnaval, uma questão central sobre a relação privilégio e cotidiano me vem a cabeça, qual seja: Se o carnaval não é cultura para o agente público responsável pela cultura, o que será a educação, a saúde e a assistência social para os gestores destas pastas? Como e quais critérios são utilizados para a distribuição de verbas e quem delas se beneficiam?

Pois, como aponta Loango (2021:423) em seus estudos sobre o racismo epistêmico: “a distribuição dos cargos na estrutura social, bem como dos lugares sociais a serem ocupados no mundo, é organizada a partir desses privilégios”. Já Siqueira e Silva (2015), analisando o trabalho de Sérgio Buarque de Holanda “Raízes do Brasil” (1996), destaca que os privilégios da branquitude com o Estado brasileiro vem desde o Brasil Colônia, ou seja, ele é histórico e permanente em nosso cotidiano.

No entanto, há que destacar que às vezes o privilégio passa por um tipo de tratamento que não é necessariamente a oferta de um cargo público, mas também, como aconteceu com os diretores dos eventos dos dias 03 e 04 de fevereiro, que recebem algum outro tipo de apoio que não nos foi revelado, onde um deles inclusive me pediu para não ser identificado, pois poderia receber represálias depois, e não ter mais projeto aprovado em Barbacena. O que demonstra que receber apoio da prefeitura passa por uma questão de privilégio e não de Direito, de escolhas pessoais de quem tem o poder de nomear pessoas e distribuir verbas. Onde ser amigo do prefeito ou do vereador vale mais do que ser competente e equivale-se a ser amigo do rei, é preciso ser amigo do todo poderoso prefeito ou secretário municipais para receber benefícios e executar parte de sua cidadania, que é o direito à cultura.

Assim, se para o secretário de cultura, escola de samba não é cultura e não existe fonte ou orçamento para as escolas de samba, eu dou destaque primeiro ao Art. 215 da Constituição Brasileira de 1988 que determina que:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. (CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE 1988).

Passo pela Lei Federal nº 14.567/23, que “reconhece as escolas de samba como manifestação cultural brasileira”. Prossigo com Lei Federal nº14.845 de 24 de abril de 2024, que “reconhece como manifestação cultural nacional os blocos e as bandas de carnaval”. E em termos de Barbacena, concluo com a Lei Municipal nº 3749 de 22 de abril de 2003, que “regulamenta o fundo de cultura do município de Barbacena e dá outras providências”. Desta forma, se o município e a secretaria de cultura não têm fundos, o que como vimos não prevalece, as leis acima se conhecidas pela secretário e aplicadas pela secretaria, poderiam ter sidas utilizadas para obtenção de recursos, não só para as escolas e blocos, mas para todo o carnaval da cidade, inclusive com premiações para as agremiações que fossem desfilar.

Portanto, é devido à conclusão de que existem privilegiados no carnaval de Barbacena, pelo menos ao que se refere ao carnaval de 2024, que este capítulo também nos instiga a pensar, questionar e postular outras questões do cotidiano em Barbacena. Vivemos, em Barbacena, uma sociedade baseada nas relações de privilégio e hierarquia? Se assim o é, quem são os privilegiados e os não privilegiados?

## CONCLUSÃO

Ao buscar estudar o carnaval de Barbacena, questionei se ele é um evento onde ocorrem relações de negação ou inversão, ou afirmação das desigualdades do cotidiano. O que percebo, com base nos folguedos estudados, é que ambas as situações ou relações sociais podem acontecer. Tanto os jornais, as entrevistas e a etnografia demonstram situações tanto de reproduções antigas de práticas, valores, relações sociais, de conceitos, de classificações e nomeação de grupos de pessoas como no caso das “boas famílias” e do “povão”, quanto de situações onde esta estrutura é provocada, questionada, é desafiada, suspensa por alguns momentos, como é o caso do “passeio da Bota de Ouro”, ou do uso do pijama, do baby-doll e da camisola como vimos no bloco do Pijama, ou mesmo quando o carnaval, através do desfile de escola de samba possibilita a visibilidade daqueles que são invisíveis no dia a dia como vimos nas entrevistas, ou quando um chefe de bateria se torna chefe de seu patrão orientando-o a tocar de maneira correta o instrumento.

Apesar de eu vir fazendo pequenas conclusões ou reflexões ao final de cada capítulo, uma vez que cada folguedo é específico em si mesmo. O que percebo é que apesar de cada momento ser especial nele mesmo, com graus menores ou maiores, em todos os momentos, com exceção do Zé Pereira, desde o Entrudo, passando pelo Corso e Bailes, Ranchos, Escolas de Samba e os Bailes Populares, as relações de classe e raça estão presentes explícitas ou implicitamente, sejam afirmando ou negação estas relações. Nestes contextos carnavalescos, muitas das vezes serão as relações de classe e raça que irão definir quem participa, ou não, de cada um dos festejos, pois como em qualquer ritual existem regras de definem sua performance, e uma delas e talvez a principal é quem serão as pessoas que dele poderiam participar, quais suas funções, e em que momento atuar.

Assim, nesta perspectiva de análise sobre inversão ou afirmação de papéis sociais, apesar de termos pouca informação sobre o entrudo em Barbacena, mas baseado em outros autores, no Entrudo com suas características familiar e público, o negro podia receber um jato de bisnaga de um branco livre, mas não poderia retribuir. Desta forma, o que vemos aqui não é uma inversão ou negação de papéis sociais, mas sim a afirmação deles, refletindo, portanto, uma sociedade desigual, racista e hierárquica que coloca o negro abaixo e em posição inferior ao branco, situando o negro na base da pirâmide social e sujeito a um tipo de humilhação. Pois devemos lembrar que as

bisnagas muitas das vezes continham xixi, um tipo de excremento humano e ele não poderia retribuir tal ato.

Já com maiores informações e dados sobre os folguedos realizados em Barbacena, além das relações de raça, as relações de classe estarão explícitas nos corsos e nos bailes de clube realizados pela elite de Barbacena, tanto da primeira, quanto da segunda metade do século XX, onde somente membros das melhores famílias da sociedade barbacenense, como diziam os jornais, poderiam participar.

Mesmo os jornais não sendo explícitos, quando vemos que o acesso aos bailes nos clubes de elite, extensão do curso, aos não sócios se fazia somente através de sócios-proprietários, ou quando vemos os altos valores de um ingresso e mesmo o preço das mesas nos clubes Barbacenense, Olympic e Automóvel Clube, percebemos um tipo de seleção baseada no poder econômico. Para participar do curso e dos bailes, diferente do entrudo, não basta ser apenas branco e livre, aqui é necessário ser também rico. Desta forma, sendo a maioria dos pobres pertencente à raça negra, este problema, ou seja, o acesso à prática destes folguedos, curso e clube de elite, com certeza, se torna, além de uma questão de classe, também uma questão de raça. Tanto o é que o Sindicato dos Tecelões, um clube de pretos e brancos pobres operários, por ser frequentado por maioria negra era chamado na década de 1970 de Planeta dos Macacos, em referência a um filme da época que fez muito sucesso.

Com relação aos blocos rancho e as escolas de samba, com exceção da Acadêmicos da Tijuca, que teve seu primeiro presidente um homem branco, todas, apesar de haver homens brancos, foram criadas por homens negros, ou seja, seus primeiros presidentes foram homens negros. E isso se passou com A Voz do Povo, que apesar de alguns a considerarem de brancos e ricos, por causa de suas fantasias caras e trajadas por algumas pessoas brancas, teve como seu primeiro presidente um homem negro. Distintamente dos corsos e clubes de origem branca e rica, onde predominam os brancos e ricos como membros, sócios e diretores. Nos ranchos e escolas de samba, ambos de origem negra e pobre, havia muitos brancos e ricos participando inclusive como diretores e fundadores, como foi o caso do rancho União das Cores. O que demonstra que os blocos rancho e as escolas de samba eram mais inclusivas do que o curso e os clubes em termos de relações de classe e raça.

## BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN**, Mikhail Mikhailovitch. 1987. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Francois Rabelais. São Paulo. HUCITEC. Brasília. Editora da Universidade de Brasília.
- BAROJA, Julio Caro**. 1989. El Carnaval – Analisis histórico-cultural. Editora Taurus. Madrid. España.
- BARRETO, João Paulo Lima**. 2013. Wai-Mahsã: peixes e humanos Um ensaio de Antropologia Indígena. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social]. Universidade Federal do Amazonas, (pp :1-51).  
Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4629>
- BRAZ DIAS, Juliana**. 2020. Carnaval de São de Vicente, em Cabo Verde: espaços negociados, temporalidades revistas. (53-72). In. Carnaval sem fronteiras: as escolas de samba e suas artes mundo afora. Org. Maria Laura Viveiro de Castro Cavalcanti, Renata de Sá Gonçalves. R.J. Mauad X.
- CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de**. 2002. Os Sentidos do Espetáculo (pp: 37-78). Revista de Antropologia, São Paulo, USP. V. 45 Nº1.
- CHAUÍ, Marilena de Souza** (1979). Os Trabalhos da Memória. In: BOSI, Eclêa. Memória e Sociedade. T. A. Querioz Editor. São Paulo.
- CLIFFORD, James MARCUS, George**. 2016. Introdução (pp: 31-62). In: A Escrita da Cultura
- COLLINS, Patrícia Hill**. 2016. Aprendendo com a outsider within: A significação sociológica do pensamento feminista negro. (pp: 99-127). Revista Sociedade e Estado. Vol. 31. Nº1.
- DINIZ, André**. 1970. Almanaque do carnaval: a história do carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- DUMONT, Louis**. 1985. Marcel Mauss: Uma ciência em devenir\*. In. O Individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.
- FISCHLER, Claude**. 1995. El (h)omnívoro. Editorial Anagrama. Barcelona. España.
- FLORES, Moacyr**. 1996. Do Entrudo ao Carnaval. Estudos Ibero-americanos. PUCRS, v. XXII, n.1, p.149-161, junho.
- GEERTZ, Clifford**, 2008. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro. LTC.
- GONÇALVES, Renata de Sá**. 2007. Os ranchos pedem passagem: o carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das

Culturas.

- HARVEY**, David. 1993. A Experiência do Espaço e do Tempo (187-218). In: A Condição pós-moderna. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. Ed. Loyola. São Paulo.
- LEACH**, Edmund. 1977. Introdução e Conclusão. In. Sistemas Políticos da Alta Birmânia. EDUSP. São Paulo.
- LOANGO**, Anny Ocoró. 2021. O Racismo e a Hegemonia do Privilégio Epistêmico. Revista de Filosofia Aurora, vol. 33, no.59, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil.
- LUCAS**, Maria Elizabeth. Wonderland musical: notas sobre as representações da música brasileira na mídia americana. Trans: Revista Transcultural de Música, n. 2, 1996.
- MATTA**, Roberto da. 1997. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco.
- MIGUEZ**, Paulo. 2020. Afro folias notas sobre a presença negra no carnaval da Bahia. Extraprensa. São Paulo, v. 14, n. 1, p.133-147, jul/dez.
- NARAHARA**, Karine L. 2020. “Uma antropologia para além do “Outro”: Reflexões de uma antropóloga negra entre os Mapuche”. 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. Disponível em:  
[https://www.32rba.abant.org.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=103](https://www.32rba.abant.org.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=103)
- PEIRANO**, Mariza G. S. 1995. O Poder da Etnografia (pp:273-280). In. Anuário
- PEIRANO**, Mariza. Rituais, Ontem e Hoje. 2003. Jorge Zahar Editor. RJ.  
Antropológico/94. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- QUEIROZ**, Maria Isaura Pereira de. 1994. A Ordem Carnavalesca (pp: 27-45). In. Revista: Tempo Social / Rev. Sociologia-USP.
- QUEIROZ**, Maria Isaura Pereira de. 1999. Carnaval Brasileiro: O Vivido e o Mito. Ed. Brasiliense. São Paulo.
- RIOTUR**. 1991. Memórias do Carnaval. Editora Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Oficina do Livro.
- ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA**. 1996. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. Revista de Antropologia. Vol. 39. Nº 1. 99, pp:13-37
- SILVA**, Ana Claudia Matos da. 2019. Uma escrita contra-colonialista do quilombo mumbuca Jalapão/TO. Dissertação [Programa de Pós-Graduação em



Desenvolvimento Sustentável]. Orientador: Rafael Litvin Villas Bôas. Brasília: UnB. pp. 1-57. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37374>

**SIQUEIRA**, Heloisa Flory da Motta de, **SILVA**, Elizete Mello da. 2015. Cultura de Privilégios: Uma Breve Análise da Realidade Brasileira. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqPics/1411400425P592.pdf>

#### **JORNAIS**

1. Jornal “Cidade de Barbacena” / Barbacena.MG (1898 a 1993)
2. Jornal “Correio Mineiro” / Barbacena. MG (1942 a 1970)
3. Jornal “Correio da Serra / Barbacena. MG (1971 a 2019)
4. Jornal “da Cidade ” / Barbacena. MG (1990 a 2005)
5. Jornal “de Sábado” / Barbacena. MG (1993 a 2004)
6. Jornal “Expresso” / Barbacena. MG (2010 a 2017)